



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

**Táticas do sexo, estratégias de vida e subjetividades:
mulheres e agência no mercado do sexo e no circuito do
turismo internacional em Fortaleza/Ceará**

Fernanda Maria Vieira Ribeiro

Recife/PE
2013

Fernanda Maria Vieira Ribeiro

**Táticas do sexo, estratégias de vida e subjetividades:
mulheres e agência no mercado do sexo e no circuito do
turismo internacional em Fortaleza/Ceará**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob orientação do Prof. Dr. Russell Parry Scott.

Recife/PE

2013

Catálogo na fonte
Bibliotecário, Tony Bernardino de Macedo. CRB4-1567

R484t Ribeiro, Fernanda Maria Vieira.
Táticas do sexo, estratégias de vida e subjetividades: mulheres e agência no mercado do sexo e no circuito do turismo internacional em Fortaleza/Ceará / Fernanda Maria Vieira Ribeiro. – Recife: O autor, 2013. 142 f., il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Russel Parry Scott.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Sociologia, 2013.
Inclui referências e apêndices.

1. Sociologia. 2. Turismo sexual. 3. Prostituição. 4. Gênero. 5. I. Scott, Russel Parry. (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2013-140)

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE FERNANDA MARIA VIEIRA RIBEIRO, DO CURSO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DO CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO.

Aos dezesseis dias do mês de agosto do ano de dois mil e treze, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para a **Defesa de Dissertação de FERNANDA MARIA VIEIRA RIBEIRO**, intitulada “**Táticas do sexo, estratégias de vida e subjetividade: mulheres e agência no mercado do sexo em Fortaleza/Ceará**”. A Comissão foi composta pelos Professores: **Prof. Dr. Russell Parry Scott – Presidente/Orientador; Prof. Dr. Jonatas Ferreira – Titular Interno; Profa. Dra. Adriana Gracia Piscitelli – Titular Externa (PAGU/UNICAMP)**. Dando início aos trabalhos, o **Prof. Dr. Russell Parry Scott** explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida, passou a palavra à autora da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após essa apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar, o **Prof. Dr. Russell Parry Scott**, presidente da mesa e orientadora da candidata, solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão **aprovando a Dissertação por unanimidade, com recomendação para publicação**. E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretária do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 16 de agosto de 2013.

Lousiane Maria Coutinho de Barros – Secretária

Prof. Dr. Russell Parry Scott

Prof. Dr. Jonatas Ferreira

Profa. Dra. Adriana Gracia Piscitelli

Fernanda Maria Vieira Ribeiro

Agradecimentos

O ato de agradecer aqui será difícil, pois terei que abreviar sentimentos de gratidão e amor a poucas palavras. São tantas pessoas queridas, que direta ou indiretamente, participaram desse processo comigo, que não caberão todos aqui nesse pequeno espaço.

Primeiramente, aos meus pais. À minha mãe Socorro, que sempre me apoiou em todas as decisões, mesmo sendo difícil ficarmos longe por esse tempo. Mulher guerreira e maravilhosa que tanto admiro. Ao meu pai Tadeu, homem forte e batalhador, também pelo apoio e ajuda em todos os momentos. Amor incondicional aos dois!

Ao meu companheiro Pedro de todas as horas, que sofreu e sorriu comigo nesses dois anos de cumplicidade e alegrias, construindo nosso lar e sonhos. Meu presente pernambucano!

Aos meus irmãos Daniel e Emanuel, sobrinhos Gabriel e Thiago, e as cunhadas Monique e Priscila, que mesmo longe, torceram por mim e estiveram sempre presentes no meu pensamento e no meu coração.

A grande família espalhada pelo Nordeste, à minha avó amada Mercedes, às tias e tios, primas e primos, longe e ao mesmo tempo perto. E aos meus avós que já partiram.

Aos amigos de Campos Sales/CE, Sobral/CE, Fortaleza/CE, Recife/PE e de todos os cantos do Brasil, que eu tive o prazer de conhecer durante essa jornada da vida, com os quais cresci como ser humano, e mesmo aqueles que não vejo há muito tempo, são partes fundamentais do que sou hoje.

A minha amiga Beth e ao amigo Stenio, ao abrigo, apoio, solidariedade, força e até empurrões durante a minha pesquisa de campo. Nossas conversas e o carinho que recebi de vocês foi o grande motivador para que mesmo nos momentos difíceis e nas angústias, eu continuasse. Vocês acreditaram!

Ao amigo Saulo, que dividiu oito meses da sua estadia em Recife comigo, suportando todos os meus aborrecimentos cotidianos, e mesmo assim compartilhando o que há de melhor nele, sua bondade e paciência.

Aos colegas e amigos de mestrado, em especial a Aristeu, Marcela, Rafaela e Teresa, pelos abraços, sorrisos, incentivos e carinho. Obrigada por me mostrar o calor e o amor dessa terra pernambucana!

A todos os professores do PPGS, pelo acolhimento à muitos estudantes ávidos pelo rico conhecimento transmitido nesse departamento de sociologia.

Aos professores do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA), que me deram a base dos meus conhecimentos na área, além de terem se tornado grandes amigos, sobretudo ao Prof. Dr. Francisco Alencar Mota.

Um muito obrigada ao professor Alexandre Freitas, pelo apoio e valiosas contribuições.

Em especial, ao professor Russell Parry Scott, que aceitou o desafio de me orientar e me acolher, mesmo atrasada, acreditando e me dando todo o suporte necessário para que essa dissertação fosse finalizada. O sentimento de admiração pelo grande ser humano que ele é só aumenta. Meus infinitos agradecimentos!

E por fim, aqueles que sem eles essa dissertação não seria possível: a Seu José, taxista, a ajuda incomensurável e a disponibilidade em todos os momentos da pesquisa; e à todas as “meninas de babado”, que contaram suas histórias e abriram seus corações a uma desconhecida. Desejo que todas as suas aspirações se tornem realidade!

Ao CNPq, pelo financiamento, imprescindível para o resultado final de dois anos de aprendizado e boas experiências.

Sem todos vocês, nada seria possível!

RESUMO

O debate sobre prostituição vem se expandindo nos últimos 20 ou 30 anos, quando preocupações feministas, da sociedade civil e do Estado se voltaram para o aumento do turismo sexual, da migração para trabalhar no mercado de sexo, e, sobretudo, da problemática da exploração sexual de crianças e adolescentes. Desde os argumentos da perspectiva abolicionista, ligado ao feminismo radical, que vê a venda de sexo por dinheiro como opressiva e responsável pela objetificação do corpo feminino, até a perspectiva do *sex radicalism*, onde prostituição é vista como uma ação contra a exclusividade masculina do controle sexual ou uma expressão de emancipação ou empoderamento sexual, as análises sobre prostituição têm como foco as relações de poder que perpassam a vida das mulheres no mercado do sexo. Indo além desse quadro dicotomizante, problematizamos a ideia de uma identidade estigmatizada e vitimizada da prostituta, buscamos compreender a agência e a subjetividade de mulheres que estão inseridas no mercado do sexo. Através de observação em boates, casas de massagem, clubes de acompanhantes e esquinas, e de entrevistas com mulheres que trabalham no mercado de sexo local e no circuito de turismo internacional na cidade de Fortaleza, Ceará, nos foi possível apreender as múltiplas intencionalidades e motivações dessas mulheres. Não negando a estrutura, organização ou opressão existente neste mercado, vemos que a agência desses sujeitos nos revela algo mais complexo do que a necessidade financeira, incluindo desejos, aspirações e sexualidades muitas vezes postas à margem da sociedade.

Palavras-chave: trabalho sexual, prostituição, agência, subjetividade, gênero.

ABSTRACT

The debate on prostitution has been expanding in the last 20 or 30 years, when feminist, civil society and state concerns turned to the rise of sex tourism, of migration, and to work in the sex trade, and especially to the problem of sex exploitation of children and adolescents. Analyses have focused on power relations and prostitution as they permeate the lives of women in the sex market, whether the arguments use the abolitionist perspective, linked to radical feminism, which sees selling sex for money as oppressive and responsible for the objectification of the female body; or use the arguments from a sex radicalism perspective, where prostitution is seen as an action against exclusive male control sexual expression or sexual emancipation or empowerment. Going beyond this dichotomizing framework, I question ideas of stigmatized and victimized identities of the prostitute, preferring to seek to understand the agency and subjectivity of women that are inserted in the sex market. Through observation in night clubs, massage parlors, escort clubs and street corners, and interviews with women working in the sex marketplace and international tourism circuit in Fortaleza, Ceará, I was able to grasp the multiple intentions and motivations of these women. Without denying the existence of structure, organization and oppression in this market, seeking the agency of these subjects reveals something more complex than financial need, including desires, aspirations and sexualities often put at the margins of society.

Key-words: sex work, prostitution, agency, subjectivity, gender.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1	22
Ela é policial ou repórter? Metodologia e contextualização do campo	22
1.1 Algumas reflexões iniciais	24
1.2 Redefinindo a estratégia de pesquisa	26
1.3 Relatos do Seu José sobre sua vivência como taxista noturno.....	29
1.4 Segundo momento no campo	32
1.4.1 Abordagens	33
1.5 Contextualização do campo	34
1.5.1 Descrevendo locais.....	37
1.6 Apresentação das mulheres	44
Capítulo 2	46
O turismo internacional na cidade de Fortaleza e suas interfaces	46
2.1 A problemática e (des)construção do turismo sexual	47
2.2 O turismo e sua interface com a exploração sexual de crianças e adolescentes ...	51
2.3 O turismo e sua interface com o tráfico de pessoas.....	55
2.4 Abolição, regulamentação, descriminalização ou direitos trabalhistas na prostituição?	58
Capítulo 3	63
Existe agência no mercado do sexo? Táticas do sexo e subjetividades das meninas de babado	63
3.1 Feminismo radical e feminismo marxista	64
3.2 Consentimento e agência no trabalho sexual	67
3.3 Sexualidade e poder: Michel Foucault e a subjetividade	72
3.4 Identidades: puta, garota de programa, acompanhante ou menina de babado?	75
3.4.1 Gênero e sexualidade	80
3.4.2 Corpo e beleza.....	88
Capítulo 4	96
Intencionalidades, desejos e aspirações: estratégias de vida das mulheres no mercado do sexo.	96
4.1 Entrada na prostituição: coerção ou opção?.....	98
4.2 Experiências e riscos.....	110
4.3 Família, relacionamentos e filhos	113
4.4 Viagens e planos.....	123
Considerações finais.....	130
Referências Bibliográficas	135

Introdução

Decidida a aprofundar meus estudos sobre gênero iniciados na graduação em Ciências Sociais e buscando uma temática interessante para o projeto de pesquisa do mestrado, um fenômeno me chamou a atenção: a existência de mulheres que pagam seus cursos de ensino superior de uma forma um tanto inusitada, através da venda de serviços sexuais. Realizei uma pesquisa exploratória para verificar como se daria o acesso ao campo e compreender melhor as nuances desse “objeto” de pesquisa. Quanto mais eu pesquisava sobre o tema mais um nome aparecia para descrevê-lo: prostituição de luxo.

Com o aprofundamento das leituras sobre o tema, percebi que o nome prostituição de luxo era somente uma terminologia nova para descrever um fenômeno mais antigo: a relação entre cortesãs e homens mais abastados da sociedade brasileira. De acordo com Margareth Rago (1991), relações sexuais e afetivas entre homens de classes “abastadas” e “cortesãs de luxo” não é recente, já se verifica sua presença nas primeiras décadas do século XX na capital de São Paulo.

Jorge Americano destaca, por volta de 1908, a presença de ‘cortesãs de luxo’ que habitavam casa própria, em geral montada por algum ‘coronel’ abastado, seduzido pelos encantos da amante ou assustado com a imprevisibilidade das aventuras amorosas. (RAGO, 1991, pg.85)

Embora seja um fenômeno antigo e bem conhecido do público em geral, entre a cortesã do início do século XX e Bruna Surfistinha, a prostituição de luxo, que não se define simplesmente pelo alto preço dos programas sexuais, ganhou novos contornos: uma rede de serviços vinculada a esse tipo de prostituição, tais como a divulgação das garotas através de *sites de acompanhantes*; casas especializadas para atender clientes das classes média-alta e alta; formas específicas de organização, agenciamento¹ e divulgação.

Sites de acompanhantes como o “coelhinhos do brasil” e o “garota nacional”² veiculam *books* (fotos) das garotas semi-nuas ou completamente despidas, contendo informações sobre o valor do cachê, o telefone para contato, características

¹Agenciamento como a relação entre a prostituta e aquele(a) que a agencia (intermediação entre cliente e prostituta, oferecendo o local ou a divulgação para atrair clientes em troca de pagamento pelos serviços).

²www.coelhinhosdobrasil.com.br; www.garotanacional.com

físicas, como peso, altura, idade, tamanho dos quadris e dos pés; preferências da garota sobre locais para atendimento e tipo de cliente (homens ou homens e casal); tipo de sexo aceito (“completa” ou “oral”); disponibilidade para viagem ou festas e os outros idiomas que fala. Essa rede virtual é a forma de divulgação de garotas de programa, que pagam uma mensalidade para os administradores dos sites manterem suas fotos a disposição. Nos sites, os *books* estão divididos a partir das capitais brasileiras onde se encontram as garotas, atendendo o mercado do sexo no Brasil e também o turismo sexual.

A prostituição de luxo apresenta atualmente nova fisionomia e outras configurações dentro do chamado mercado do sexo. Esse mercado pode ser classificado como um mercado *indoor*³ ou *online* (BERNSTEIN, 2008), pois se restringe a formas de contatos específicos entre a mulher e o cliente, como através de boates ou casas de prostituição, de contato telefônico, pela internet ou em flats e apartamentos. Ou seja, as garotas de programa que estão nesse circuito da prostituição de luxo não se expõem nas ruas e se voltam para um público que deseja discrição e anonimato.

Tal configuração, diferenciada da prostituição de rua, abre margem para novas dinâmicas e relações no mercado do sexo fechado. As formas de identificação e agenciamento⁴, a entrada, os motivos e a intencionalidade das mulheres nesse tipo de mercado ainda são pouco conhecidos e estudados. No que diz respeito às mulheres que oferecem esses serviços, há exigências relacionadas à estética e ao corpo, à discrição necessária e muitas vezes à necessidade de conhecimentos de etiqueta e disponibilidade para viagens e eventos. Algumas dessas mulheres são estudantes universitárias e, seus clientes, homens de classe média-alta e alta.

Ao realizar a pesquisa exploratória de campo, no ano de dois mil e dez, na cidade de Fortaleza, Ceará, pude levantar questões relevantes sobre a temática através de conversas informais e do contato que tive com Anita⁵, garota de programa que trabalhava no mercado do sexo de luxo em Fortaleza. Anita não era estudante universitária, mas conhecia algumas mulheres que estavam pagando seu curso superior através do dinheiro dos programas. A experiência no campo me fez ver o quanto é

³ Termo utilizado por Bernstein (2008) para definir o mercado do sexo que funciona em locais privados, como boates, bares, casas, clubes, ou mesmo flats e apartamentos.

⁴ Aqui agenciamento pode adquirir dois sentidos distintos. Pode-se falar em agenciamento no sentido da relação entre a prostituta e aquele que a agencia (cafetão, cafetina, gerente, ou mesmo a falta de agenciamento), ou agenciamento no sentido da dicotomia clássica das ciências sociais entre agência e estrutura, contudo, com uma especificidade teórica que será esboçada adiante.

⁵ Os nomes das entrevistadas foram modificados para preservar suas identidades.

difícil ter acesso a essas mulheres universitárias que não querem se expor para não serem estigmatizadas, mas também me mostrou aspectos muito relevantes do mercado do sexo. Em relação às universitárias, Anita me falou de uma amiga que está terminando direito na Unifor⁶, que paga seu curso com o dinheiro de programas. Segundo Anita,

Ela quer passar a guarda do seu filho para o pai porque não tem nenhuma pessoa de confiança para ficar com a criança enquanto ela trabalha e precisa terminar o curso e pagar a formatura. (trecho da entrevista com Anita, 13.08.10)

Anita me mostrou o panorama geral de como funciona os esquemas de agenciamento e dos programas com os clientes a partir de sua experiência como gerente de uma casa de prostituição de luxo em Fortaleza, chamada Clube do Whisky, localizado no bairro da Aldeota. Anita é pernambucana e no ano de dois mil e dez tinha 30 anos. Segundo a mesma, estava fazendo programa há quatro anos, parando somente durante o período em que ficou grávida da sua filha, sendo ajudada por outras “meninas de babado”⁷. Em relação ao perfil dos clientes, ela me confidenciou que geralmente quem procura esse tipo de serviço mais caro - os programas variam entre R\$300,00 a R\$500,00 a hora -, são homens ricos, empresários, até políticos e jogadores de futebol. Segundo Anita,

Os meninos ajudam quando a gente precisa. Teve um que se ofereceu pra assinar minha carteira de trabalho na empresa dele pra eu poder tirar uma casa pra mim, me deixando ficar até com o seguro desemprego após a baixa na carteira. Mas não quis. (trecho da entrevista com Anita, 13.08.10)

Vários pontos da conversa foram me chamando a atenção, sobretudo no que dizia respeito às escolhas e motivações de Anita como “menina de babado”. No trecho acima já poderíamos desconstruir a ideia de que a mulher se prostitui porque ela não tem outra possibilidade de trabalho. A ideia da prostituição como uma necessidade de subsistência também foi sendo relativizada quando ela começava a me relatar sobre suas viagens para o exterior e também no Brasil para lugares que ela não poderia ir se ganhasse um salário mínimo, por exemplo.

Em Foz do Iguaçu, tive um cliente que tem uma ilha. Lá é lindo, as casas são suspensas na água, tem chalés para os convidados e serviam champanhe durante todo o dia. [...]

⁶ Universidade de Fortaleza.

⁷ Categoria êmica. Babado significa programa.

Já tive um italiano e passei alguns meses na Itália. Lá eu ficava numa mansão, junto com a esposa dele, e ela nem desconfiou de nada. A gente ficou junto um tempo, mas contaram a ele que eu estava grávida. (trecho da entrevista com Anita, 13.08.10)

A partir desse depoimento podemos perceber as possibilidades de viagens e o certo tipo de luxo que Anita, filha de pais de classe média baixa e sem formação superior, teve acesso fazendo programas. Apesar do deslumbramento que esse tipo de vida pode despertar em um primeiro momento, outras falas demonstram que nem tudo é tão simples como parece.

Já conheci muitos lugares através dos programas, Fernando de Noronha, São Paulo, mas não é bom porque você não pode curtir com uma amiga ou um namorado, tem que ficar com o velho (cliente) direto. (trecho da entrevista com Anita, 13.08.10)

Existem certos constrangimentos apesar dela estar viajando, conhecendo novos lugares e tendo acesso a certo padrão de vida e de consumo. Em outras falas ela revela que “fazer babado” também tem seus riscos.

*Já saí no tapa com cliente. Ele estava com a namorada dele, drogada de pó, tratando a gente mal, e ele queria que a gente transasse com ela e eu não quis, ele me deu um tapa e eu arranhei ele todinho. [...]
Teve um cliente que não me pagou, tem uns que tira onda com a gente, fazer babado é muito difícil. Às vezes, a gente não tá bem, mas tem que estar todo tempo sorrindo pros clientes. (trecho da entrevista com Anita, 13.08.10)*

Anita esclarece que elas podem ter diversos tipos de problemas com os clientes, falou sobre preconceito, problemas de relacionamento com a família e com namorados, envolvimento com drogas, dentre outros aspectos negativos desse tipo de trabalho. Contudo, em seu relato pude ver que fazer programas para ela não se resumia somente a necessidade financeira, sujeição a uma dominação masculina e a degradação da sua dignidade e da sua sexualidade, como nos fazem pensar as feministas da perspectiva abolicionista da prostituição⁸. Parece haver algo a mais que levam essas mulheres a fazer programa, algo mais atrativo do que ganhar “dinheiro fácil”, e Anita me mostrou que todo o seu percurso no trabalho sexual foi perpassado pela sua agência e por suas escolhas, inclusive nos momentos em que ela fez planos para “sair da vida”.

Um cliente meu me pagou um curso de técnico de enfermagem. Mas como tenho uma filha pra criar e se ganha muito pouco nessa profissão, preferi continuar fazendo babado. Quero fazer um curso de cabeleireiro pra trabalhar em salão, porque gosto dessa coisa de estética e quero sair da vida

⁸ Traço os principais argumentos da perspectiva abolicionista no capítulo 3.

de babado. Já pensei também em abrir um bar, mas quero sair da vida noturna. [...]

Tenho vontade de conhecer Barcelona, na Espanha. Estou pensando em passar quatro meses lá. A xxxxxx (namorada) não pode nem pensar em saber. Quando a gente tá solteira é melhor, dá pra viajar, trabalhar mais, quando a gente tá namorando, fica mais em casa, é mais difícil. (trecho da entrevista com Anita)

Anita foi a inspiração para escrever o projeto de pesquisa para o mestrado, colocando muitas questões relevantes para compreender os processos de agência e escolha de mulheres que estão inseridas em contextos vistos como de dominação masculina e sujeição feminina. Sem negar as opressões e hierarquias de gênero as quais estão submetidas as mulheres ao se prostituir, voltei meu olhar para os processos de agência e de escolha que conscientemente fazem essas mulheres na prostituição ou “fazendo babado”.

No projeto inicial, propus problematizar as formas fechadas de organização do mercado do sexo, buscando analisar quais as relações de poder e a agência dos sujeitos dentro desse mercado, sobretudo das mulheres inseridas nele, fazendo um diálogo entre subjetividades e relações de poder na prostituição. De forma resumida, o objetivo geral era compreender o universo da prostituição de luxo, extremamente diferenciado em relação à prostituição de rua, problematizando formas de organização e relações de poder relacionadas ao mundo da venda do sexo e às relações de gênero, de forma mais geral. Porém, o retorno ao campo no ano de dois mil e doze me revelou algumas surpresas.

Retornei ao campo de pesquisa no mês de junho de dois mil e doze para retomar os contatos que havia feito na pesquisa exploratória, mas não fui bem-sucedida. Anita não estava mais morando em Fortaleza, ela se separou da namorada que está presa por tráfico de drogas e mudou para a cidade de Natal, Rio Grande do Norte. Então fui atrás do contato de outras mulheres que trabalhassem em clubes de acompanhantes ou através dos sites, mas todas que eu consegui algum tipo de contato se recusaram a falar comigo sobre o assunto. Senti a dificuldade de entrar nesse campo tão específico e tão anônimo, onde qualquer tipo de exposição é algo indesejado.

Minha primeira ideia antes de retornar ao campo seria que minha entrada, sendo intermediada por terceiros seria menos perigosa por não precisar ir aos bares e boates noturnos onde acontecem os encontros entre as mulheres e seus clientes, e também menos dispendioso de tempo. O que vi no decorrer da pesquisa que isso era um erro e certamente eu perderia dados muitos valiosos se não tivesse realmente ido aos

locais onde as mulheres trabalham. Essa dificuldade de acesso à prostituição de classe média-alta e alta, também aconteceu com outros pesquisadores(as). Conforme nos relata Gaspar (1988),

Era esse tipo de prostituição que pretendia estudar, uma prostituição que arregimentava mulheres de camadas médias moradoras da Zona Sul, universitárias ou vendedoras das sofisticadas boutiques da moda, filhas de profissionais liberais, que em geral dispõem de carro(s), apartamento próprio etc... Porém, devido a importância do sigilo, Nádia (*sua informante*) não me apresentou a nenhuma de suas colegas e muito menos à senhora que organizava os encontros. (GASPAR, 1988, pg.42, *grifo nosso*)

Da mesma forma que Gaspar (1988) no Rio de Janeiro, comecei a frequentar lugares associados ao encontro de garotas de programa com estrangeiros ou homens locais. Abrindo mão de conhecer os clubes de acompanhantes onde mulheres tem entrada restrita, em algumas proibidas se não for para trabalhar, e também de restringir o campo somente às mulheres que trabalham independentes, através dos sites de acompanhantes, pela dificuldade de encontrá-las, fui para a Av. Beira-Mar de Fortaleza e para a Praia de Iracema, pontos turísticos da cidade. Nessa região existe um fluxo grande de estrangeiros e turistas nacionais à procura de lazer, e onde se localizam uma variedade de casas noturnas, bares, boates e restaurantes voltados para um público de classe média e classe média alta. Através de amigos, como também é do conhecimento da população local, soube que nessa área ocorrem encontros entre garotas de programa e estrangeiros.

Como ainda não conhecia as boates frequentadas pelos estrangeiros, eu e um amigo que me acompanhou no primeiro momento, acabamos indo nas barracas de praia localizadas no calçadão da Av. Beira-Mar, onde é costumeiro ver estrangeiros e mulheres, às vezes menores de idade, combinando programas e tomando água de coco. Também na Av. da Abolição encontramos mulheres e menores de idade circulando pelas esquinas. Algumas, sobretudo as menores, não ficam em pontos fixos talvez para driblar o controle policial. Outra tentativa foram às barracas da Praia do Futuro, lugares também frequentados pelas garotas de programa. Como fui para lugares “suspeitos” com um amigo que não tinha qualquer experiência em um campo como o meu, foi muito difícil encontrar os lugares certos e mesmo as mulheres certas.

O destino da pesquisa começou a mudar depois que eu conheci um taxista noturno que tem ponto fixo perto dos bares e boates da Praia de Iracema, conhecedor tanto dos locais onde poderia encontrar garotas de programa como das próprias

mulheres que utilizam o seu serviço de taxista. Seu José⁹ se tornou o informante-chave da pesquisa que seria desenvolvida. Ele me mostrou as ruas onde se localizam as principais boates e bares frequentados por mulheres e estrangeiros, também me apresentando mulheres conhecidas, dentre elas algumas que trabalham nas esquinas da Av. da Abolição. Dessa forma, pude ampliar o leque de sujeitos da pesquisa, conversando com mulheres que trabalham nas ruas, em casas de massagem e também em clubes de acompanhantes, tendo em vista que algumas mulheres que frequentam as boates da beira-mar também fazem programa nesses lugares. Antes de conhecer Seu José, já havia visitado a boate Gata Garota, localizado no centro da cidade, a boate Black Gate (Portão Preto), na Av. José Walter, e a casa de massagem 1059, localizada no bairro do Benfica. O conhecimento desses locais e também o contato com mulheres que trabalham em diferentes lugares, me possibilitou uma análise mais complexa do mercado do sexo e do turismo sexual em Fortaleza.

Com as questões que a entrevista com Anita me trouxe, a problemática da pesquisa estava posta, e a mudança no estilo de prostituição não mudou a hipótese da pesquisa, pois percebi que independente do nível socioeconômico, todas as mulheres que se envolvem de forma direta ou indireta com o mercado do sexo agenciam as suas próprias vidas, elaborando táticas do sexo e estratégias para driblar estigmas e realizar os seus desejos e aspirações.

A pesquisa que baseia essa dissertação foi realizada entre junho e outubro de dois mil e doze e teve como objetivo geral compreender a agência e a subjetividade de mulheres que oferecem serviços sexuais em casas de massagem, clubes de acompanhantes, nas ruas e, sobretudo, nas boates e barracas de praia da beira-mar de Fortaleza/CE. Os objetivos específicos foram: analisar as trajetórias de vida de mulheres que direta ou indiretamente estão envolvidas no mercado do sexo, focando a entrada na prostituição, seus relacionamentos familiares e amorosos, experiências, riscos e seus planos para o futuro; problematizar a identidade social e de gênero das mulheres, buscando compreender suas sexualidades e suas relações com o corpo e a beleza; e examinar as relações de poder existentes no mercado do sexo, incluindo turismo sexual, prostituição de rua e mercado do sexo fechado (*indoor*).

A partir da década de 1990, Fortaleza, capital do Estado do Ceará, vem investindo no aumento do turismo, se consolidando como polo turístico nacional e

⁹ Nome fictício para preservar a identidade.

internacional. Segundo Aquino (2011), matérias de jornal e revistas especializadas costumam atribuir a expansão do turismo na capital do Ceará aos seus 33 km de praia, à temperatura média de 29 graus, à rara incidência de chuvas em todos os meses do ano, bem como aos investimentos públicos e privados que concederam à cidade uma sofisticada estrutura em serviços hoteleiros, gastronômicos e opções de lazer. Como ressalta Piscitelli (2006a),

O Brasil investe no turismo internacional, com a expectativa de aumentar a incidência dessa indústria no Produto Bruto e na geração de empregos. Em Fortaleza, a intensificação do turismo fica evidente na transformação de praias desertas, na metade da década de 1980, em requintados balneários e no grande aumento no número de hotéis. (PISCITELLI, 2006a, pg.8)

Segundo dados da SETUR (Secretaria de Turismo do Estado do Ceará), observou-se a ocorrência de um crescimento expressivo do fluxo turístico via Fortaleza (principalmente portão de entrada), no período de 1995/2008, quando a taxa média de crescimento do fluxo foi de 8,8% ao ano. O fluxo turístico via Fortaleza saltou de 762 mil em 1995 para 2.178 mil turistas em 2008. O fluxo turístico via Fortaleza gerou o ingresso médio anual de recursos para o Ceará no período de 1996/2008 da ordem de R\$ 1.471,6 milhões e gerando um impacto médio no PIB do Estado na ordem de 7,7%. Em 2008 o impacto no PIB foi de 9,8%. Os principais mercados emissores nacionais e internacionais para o Ceará em 2008 foram: Itália (26,5%), São Paulo (22,9%), Portugal (14,2%), Distrito Federal (10,0%), Rio de Janeiro (9,7%), Pernambuco (8,1%), França (7,1%), Argentina (6,3%), EUA (6,1%), Pará (5,6%), Rio Grande do Norte (5,6%), Espanha (5,5%) e Bahia (5,2%) (CEARA, 2009).

Como pode ser observado, ocorre uma predominância dos mercados europeus entre os principais emissores internacionais e dos estados do sudeste e nordeste entre os mercados emissores nacionais. O posicionamento de Fortaleza entre as cidades mais visitadas pelos turistas internacionais no Brasil passou de 11º lugar em 1996 para o 6º lugar em 2005; e segundo a Associação Brasileira das Agências de Viagens (ABAV), no período 2003/05, Fortaleza foi a capital brasileira mais procurada como destino turístico pelos turistas nacionais, na alta estação de julho (CEARA, 2009).

Tal quadro nos mostra a importância e o crescimento do turismo no Estado do Ceará, o que reflete no PIB do Estado. Em Fortaleza, o turismo é visto com esperança pela população que se beneficia dos empregos formais e informais que direta ou indiretamente surgem com o aumento do turismo, mas também com preocupação por

parte do Governo e da sociedade civil, que liga o turismo de homens que viajam sozinhos ou em grupo em busca de diversão e, sobretudo, de sexo no litoral cearense ao turismo sexual¹⁰.

Muitos trabalhos sobre prostituição já foram realizados na cidade de Fortaleza. Um estudo clássico sobre o “baixo meretrício” na zona do Farol Velho foi realizado por Anjos Junior (1983); sobre os clientes da prostituição do centro da cidade (SOUSA, 2000); os mais recentes sobre prostituição masculina em praças, ruas e “territórios marginais”, e também no Centro (SANTOS, 2009; FERREIRA e PAIVA, 2011); sobre prostituição travesti e transgênero (VALE, 2005; NOGUEIRA e LEON, 2012); e sobre a prevenção das DSTs e da AIDS em zonas de Fortaleza (PINHEIRO *et al.*, 2009; MACENA, 2009).

Apesar de conversar com mulheres que trabalham nas boates do Centro, e em casas de massagem e clubes de acompanhantes que se localizam em diversos lugares da cidade, a maior parte da observação foi realizada na beira-mar de Fortaleza: na Av. Beira-Mar e Av. da Abolição onde as mulheres trabalham nas esquinas, na região da Praia de Iracema onde se localiza os bares e boates frequentadas por turistas e também na Praia do Futuro. Adentrar nesse espaço me levou ao estudo realizado por Adriana Piscitelli na cidade de Fortaleza, também na região da Praia da Iracema, analisando o que ela chamou de “prostituição elegante”. Como nos coloca Piscitelli (2004)

When speaking of “middle class sex tourism” or, alternatively, about “Elegant prostitution on Iracema Beach”, the natives of Ceara allude to distinctions between forms of prostitution geared towards foreigners. These terms differentiate this kind of prostitution with other “poorer” versions, with prices set around R\$10 (less than US\$5) on some sections of Beira-Mar. On Iracema beach, the value of *programas* is rarely inferior to R\$50, and rises up to levels three times more expensive than that figure. These values summarize differences which appear evident when observing the girls linked by the locals to one or another form of prostitution. (PISCITELLI, 2004, pg.6)¹¹

Piscitelli (2004) já evidenciou que na região da Praia de Iracema existe uma prostituição diferenciada de versões mais pobres. Relativizando também o que é

¹⁰ Essa debate será detalhado no segundo capítulo.

¹¹ Quando falamos em “turismo sexual de classe média” ou, alternativamente, sobre “Prostituição elegante na Praia de Iracema”, os nativos do Ceará aludem à distinções entre formas de prostituição voltadas para estrangeiros. Estes termos diferenciam este tipo de prostituição de outras versões “mais pobres”, com preços em torno de R\$10 (menos que US\$5) em algumas seções da Beira-Mar. Na Praia de Iracema, o valor dos programas é raramente inferior a R\$50, e eleva-se a níveis três vezes mais caro que esse valor. Esses valores resumem diferenças que parecem evidentes quando observamos as garotas ligados pelos locais a uma ou a outra forma de prostituição. (tradução livre)

comumente conhecido como prostituição, Piscitelli ressalta que alguns relacionamentos que se dão entre “gringos” e nativas não ocorre através de troca monetária direta, ou seja, através de programas¹². Algumas das mulheres entrevistadas por Piscitelli mostram a ambiguidade existente nesses relacionamentos. As mulheres veem no estrangeiro uma possibilidade de mobilidade social e um ideal de masculinidade inexistente nos homens locais, preferindo relacionamentos mais duradouros sem necessariamente envolver trocas monetárias diretas por sexo, mas romance e também ajudas financeiras.

Dentro desse contexto diferenciado da prostituição de rua e com o questionamento sobre a agência da mulher no mercado do sexo, resolvi investigar a trajetória de vida dessas mulheres. Buscando identificar momentos cruciais nas suas experiências de vida que me possibilitasse perceber a construção de suas subjetividades e suas possibilidades de agência em meio a relações de poder e a normas de gênero vigentes na sociedade, sobretudo, no âmbito da venda de sexo e de relações hierarquizadas entre homens e mulheres.

Desde os argumentos da perspectiva abolicionista, ligado ao feminismo radical, que vê a venda de sexo por dinheiro como opressiva e responsável pela objetificação do corpo feminino, até a perspectiva do *sex radicalism*, onde prostituição é vista como uma ação contra a exclusividade masculina do controle sexual ou uma expressão de emancipação ou empoderamento sexual, as análises sobre prostituição têm como foco as relações de poder que perpassam a vida das mulheres no mercado do sexo. Indo além desse quadro dicotomizante, problematizo a ideia de uma identidade estigmatizada e vitimizada da prostituta, buscando compreender a agência e a subjetividade de mulheres que estão inseridas no mercado do sexo. Através de observação em boates, casas de massagem, clubes de acompanhantes e esquinas, e de entrevistas com mulheres que trabalham no mercado de sexo local e no circuito de turismo internacional na cidade de Fortaleza, Ceará, foi possível apreender as múltiplas intencionalidades e motivações dessas mulheres.

No capítulo 1, esboço a metodologia e a contextualização do campo, falando sobre a minha entrada no campo e as dificuldades encontradas, refletindo sobre minha posição de pesquisadora e mulher, e delineando dois momentos no campo que partiram de duas abordagens metodológicas diferentes. O primeiro momento do campo foi entre os meses de junho e julho, na qual realizei entrevistas semiestruturadas com mulheres

¹² Palavra que se refere aos contratos que regulam a troca de sexo por pagamento financeiro direto, nos quais preços, períodos de tempo e práticas sexuais são acordados previamente.

que trabalham na rua, em casas de massagem, nas boates do centro e nas boates da Praia de Iracema. O segundo momento se deu entre os meses de agosto e outubro, onde faço uma observação mais densa nas boates da beira-mar, desenvolvendo outro tipo de relação com as mulheres. Apresento o relato do Seu José, taxista, informante-chave da pesquisa, que me revelou alguns esquemas tanto da relação entre taxistas e mulheres como do funcionamento do tráfico de drogas na região da Praia de Iracema. Por fim, faço uma breve descrição dos bares, boates e barracas de praia, além de outros locais frequentados pelas mulheres do circuito de turismo internacional em Fortaleza. A descrição dos locais do mercado de sexo local é feita mais detalhadamente no capítulo 4. E também uma breve apresentação das mulheres entrevistadas, com informações mais gerais.

No capítulo 2, como mencionei acima, analiso a problemática do chamado turismo sexual na cidade de Fortaleza e suas interfaces com os fenômenos da exploração sexual de crianças e adolescentes e do tráfico de pessoas. O capítulo se divide em quatro partes. A primeira fala sobre o turismo sexual e a problemática desse conceito que simplifica as relações que se desenvolvem entre homens e mulheres turistas e *nativos(as)*, sobretudo, aqueles do chamado “Terceiro Mundo”. Na segunda parte discuto as abordagens sobre o turismo sexual no Estado do Ceará, e como pesquisadores, Estado e sociedade civil vem vinculando o fenômeno diretamente a exploração sexual de crianças e adolescentes. Em seguida, uma segunda preocupação existente nas agendas políticas internacionais sobre o tráfico de pessoas, que também vem sendo vinculado ao turismo sexual, e como diferentes perspectivas e interesses estão em jogo nesse debate. Por último, o debate existente em torno do tráfico de pessoas e da migração pelas agendas feministas transnacionais, mostrando com esse debate está vinculado às velhas preocupações existentes em torno da prostituição.

O capítulo 3 é dividido em duas partes. Na primeira, mais teórica, traço os principais argumentos do debate feminista sobre prostituição, analisando como os conceitos de agência e consentimento (livre escolha) vêm sendo trabalhados por essas perspectivas. Depois faço uma breve síntese do conceito de subjetividade em Foucault que nos ajuda a problematizar a ideia de uma identidade estigmatizada e vitimizada da prostituta, pensando numa subjetividade nunca acabada, sempre em construção. Por fim, a análise empírica, onde trabalhamos os conceitos de agência e subjetividade através dos relatos das mulheres, compreendendo a fluidez das suas identidades, suas sexualidades e experiências de gênero, e também como lidam com o corpo e a beleza.

No último capítulo, analisaremos como as mulheres inseridas no mercado do sexo local e/ou no circuito de turismo internacional na cidade de Fortaleza elaboram suas estratégias de vida. No primeiro tópico, analiso as motivações das mulheres e sua entrada no mercado do sexo, as relações e condições de trabalho, identificando sua agência em meio a diversos tipos de controle e suas opções em relação à liberdade e segurança no trabalho. No segundo tópico, veremos como se dão as suas relações familiares, se conflituosas ou de apoio, os relacionamentos desenvolvidos tanto com homens locais como estrangeiros, algumas vezes casando ou migrando para o exterior, e também o nascimento de filhos desses relacionamentos. No terceiro tópico falo sobre as experiências e riscos existentes no mercado do sexo para as mulheres, como o uso de drogas e os conflitos com clientes. E, no último tópico, aprofundo brevemente a temática sobre migração e como acontecem as constantes viagens das mulheres para o exterior, às vezes culminando na sua migração, suas intencionalidades, desejos e aspirações.

Capítulo 1

Ela é policial ou repórter? Metodologia e contextualização do campo

Estudos recentes tem se preocupado com os aspectos metodológicos e éticos da pesquisa sociológica. Questionamentos sobre a ética e as abordagens das pesquisas tradicionais baseadas em métodos quantitativos e mesmo métodos qualitativos têm sido revisados e repensados. Novas correntes de estudos sobre grupos minoritários ou dos *países de terceiro mundo* trouxeram outras questões para a pesquisa qualitativa e, sobretudo, para a relação entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado, não mais entre sujeito e objeto.

Os estudos de gênero e o feminismo problematizaram e trouxeram novas abordagens e reflexões sobre o “fazer campo”. Os estudos feministas criticam o modelo de ciência dominante, predominantemente masculina e ocidental, que trata os sujeitos como unidades contabilizáveis, mantendo o pressuposto de objetividade e neutralidade que muitas vezes obscurece manipulações e percepções morais, além do uso não ético de instrumentos e técnicas de pesquisa. A epistemologia e a metodologia feminista dá fundamental importância a relação entre pesquisador(a) e pesquisados(as), com a preocupação de que as vozes e as experiências dos(as) pesquisados(as) apareçam claramente nas suas pesquisas. Como afirma Laura Terragni (2005),

De uma perspectiva diferente daquela do observador distante que (escondendo em primeiro lugar a si mesmo o próprio pertencer de gênero) veste o papel do árbitro neutral e objetivo. Que nos diz pouco de como ele realmente construiu o seu trabalho (os seus obstáculos, imprevistos, sentimentos) e que pouco reflete nas bases do seu conhecimento, sobre as categorias utilizadas. (TERRAGNI, 2005, pg.143)

O feminismo tradicional tem na mulher a representante da política contra a dominação patriarcal. Contudo, dentro do próprio movimento, houve discordância sobre a representatividade desse sujeito, por não levar em conta elementos como classe, raça, cultura, posição social e outras intersecções que fragmentou o sujeito feminista. Tal debate possibilitou uma reflexão sobre a posição do sujeito também nas pesquisas de gênero. Sandra Harding (1993) reconhece a importância do(a) pesquisador(a) situar-se no seu campo de pesquisa, problematizando sua posição de sujeito em relação aos seus pesquisados(as) através de uma reflexividade permanente.

Harding retoma o conceito que “todas as tentativas de conhecimento são socialmente situadas”, afirmando que a posição dos indivíduos subordinados

são mais aptas do que outras como ponto de partida, porque “geram iluminadas questões críticas que não emergem do pensamento que deriva das vidas dos grupos dominantes. Partir da vida das mulheres gera uma explicação menos parcial e distorcida não só da vida delas, mas também daquela dos homens e de toda ordem social”. (TERRAGNI, 2005, pg.162)

A questão da auto-consciência e da reflexividade é extremamente importante para a metodologia feminista, pois não somente problematiza a posição do sujeito pesquisador(a), mas também sua relação com o outro pesquisado(a). Michelle Fine (1998) reflete sobre a relação *selves-others* nas pesquisas qualitativas. Segundo a autora, a sociologia ocidental ainda mantém uma mentalidade colonizadora que constrói o outro com seu olhar hierarquizado e muitas vezes preconceituoso, negando qualquer possibilidade de auto-representação pelo próprio *outro*. Segundo Fine (1998), *self* e *other* estão emaranhados de maneira complicada. Este relacionamento, como vivido entre pesquisadores(as) e informantes, é tipicamente obscurecido nos textos das ciências sociais, protegendo privilégios, assegurando a distância e negligenciando as contradições.

As pesquisas de gênero também problematizaram o papel da mulher dentro da academia, as vantagens e desvantagens das pesquisadoras dentro do campo e a necessidade de expressar os sentimentos e emoções no campo, diminuindo a distância com o(a) pesquisado(a) e valorizando atitudes e comportamentos no campo antes impensáveis pela ciência objetivista e pretensamente neutra.

Como Oakley (1981) salienta, em entrevista não há “intimidade sem reciprocidade”. Assim, a ênfase está mudando para permitir o desenvolvimento de uma relação mais próxima entre o entrevistador e o entrevistado; pesquisadores estão tentando minimizar as diferenças de status e acabando com a situação hierárquica tradicional em entrevista. Os entrevistadores podem mostrar seu lado humano, responder a perguntas e expressar sentimentos. (FONTANA & FREY, 2003, pg.83, *tradução nossa*)

A partir dessas reflexões, desenvolvi uma pesquisa com métodos qualitativos que permitisse transparecer minha relação de pesquisadora e condição de mulher com as mulheres que participaram da pesquisa enquanto sujeitos reflexivos e conhecedores de seus contextos, práticas e opções cotidianas. Com esse objetivo, a história de vida se mostrou uma opção metodológica por excelência, onde a relação pesquisador-pesquisado se torna mais aberta e o direcionamento da entrevista é menor, possibilitando uma autonomia maior às mulheres entrevistadas.

A história de vida é um tipo de entrevista não-estruturada ou semi-estruturada, onde a partir de um tópico específico, o(a) entrevistado(a) é estimulado a relembrar acontecimentos na sua vida relacionadas com esse tópico, existindo pouca ou quase nenhuma interferência do pesquisador no momento da entrevista. Segundo Fontana e Frey (2003), a história de vida tem encontrado grande popularidade entre as feministas, que veem o método como uma forma de compreender e fortalecer a história da mulher na cultura que tem dependido tradicionalmente da interpretação masculina. *Refusing to be rendered historically voiceless any longer, women are creating a new history – using our own voices and experiences*¹³ (GLUCK *apud* FONTANA & FREY, 2003, pg.79).

Contudo, a partir da especificidade do campo e dos objetivos da pesquisa, filtro as entrevistas de história de vida, focando temas e tópicos específicos da vida das mulheres entrevistadas. A noção de trajetória de vida me permitirá compreender pontos importantes na vida dessas mulheres que escolheram ou foram levadas ao mercado do sexo por diversos motivos; questões cruciais como a entrada nesse mercado, decisões difíceis, momentos prazerosos, dentre outros, focando suas subjetividades e seus agenciamentos como mulher. Enfatizamos, sobretudo, o momento atual da história de vida das mulheres. Nesse sentido, buscamos compreender as preocupações e as motivações de mulheres que estão envolvidas direta ou indiretamente com o mercado de sexo e/ou o turismo internacional na cidade de Fortaleza, Ceará, captando suas trajetórias de vida, abrangendo passado, presente e futuro.

1.1 Algumas reflexões iniciais

Pesquisar a temática da sexualidade sempre desperta grande interesse, mas também desconfianças, tanto entre os pares acadêmicos como entre os próprios pesquisados. As desconfianças surgem em relação ao porquê desse tema específico, às vezes questionando o interesse pessoal do(a) pesquisador(a) no caso dos pares, ou em relação as intenções do(a) pesquisador(a) por parte dos pesquisados/colaboradores. Regina Facchini (2008) pontua essa problemática no caso do seu estudo com “lésbicas” na cidade de São Paulo, sobretudo na questão de ser vista como uma potencial parceira das suas entrevistadas. No meu caso, os problemas foram um pouco diferentes dos de

¹³ Recusando-se a ser feita historicamente sem voz por mais tempo, mulheres estão criando uma nova história – usando nossas próprias vozes e experiências. (tradução livre)

Fachinni, mas não completamente, tendo em vista que uma parte das garotas de programa também são bissexuais e algumas têm preferências sexuais homoafetivas. Contudo, meu problema maior não foi ser paquerada por elas, mas ser vista como uma potencial concorrente, ou seja, a desconfiança de que a pesquisa não era motivo suficiente para que eu frequentasse boates e bares. Então tive que lançar mão de estratégias para não despertar qualquer tipo de repulsa por parte delas. Andar nas boates e nos bares sempre “bem vestida”, no sentido de vestir roupas longas, sem decotes ou justas, dava margem para as mulheres perceberem que eu não trabalhava lá, mas também para fazer diferentes interpretações, como ser lésbica, estar querendo conhecer os locais para começar a trabalhar, mas, sobretudo, ser policial ou repórter.

Outras vezes, ouvi comentários como “o que esta santa está fazendo aqui?” de mulheres que sabiam que eu não trabalhava nos bares e boates, o que demarca uma velha distinção quando falamos do gênero feminino entre santas e putas, reforçando o imaginário da sociedade daquelas que “prestam” das perdidas ou desviadas. Outro exemplo dessa percepção foi quando um casal perguntou para Seu José (taxista) o que eu estava fazendo ali, com a seguinte afirmativa “coitada, ela não devia estar aqui”. Essas colocações que parecem banais revelam muito de um *performance* de gênero efetuadas pelas garotas de programa, que mesmo não se identificando como prostitutas, transparecem algo de uma feminilidade fatal ou altamente sensualizada e sexualizada, que pode ser distinguida por aqueles que frequentam aquele ambiente¹⁴.

Talvez por não estar maquiada, nem com roupas curtas ou extravagantes, não fosse confundida com umas das meninas¹⁵, e durante todo o campo pessoas me perguntaram o que eu estava fazendo ali porque eles sabiam que eu não era dali, o que talvez fosse positivo porque as meninas não iriam me confundir com uma concorrente, mas o que também era negativo porque não poderia passar mais despercebida pelos lugares, sem as pessoas desconfiarem que talvez eu fosse repórter ou policial. (trecho do diário de campo)

Ser mulher em um campo generificado, onde flutuam significados extremos - como de dominação masculina e mulher como carne a ser consumida, ou de liberação sexual feminina e homens como *otários* a serem enganados -, se mostra extremamente complexo ao nos deparamos com as nossas próprias definições e condição de mulher, em relação aos limites e possibilidades que a sociedade nos permite. Silva comenta o trabalho de Simões (2010), sobre a Vila Mimosa, no Rio de Janeiro,

¹⁴ Aprofundo essa discussão no capítulo 3.

¹⁵ Categoria êmica para as mulheres que fazem programa.

Ao ousar ultrapassar as rígidas distinções entre os lugares onde devem estar, de um lado, as mulheres direitas e, de outro, as libertinas, a etnógrafa não faz apenas o trânsito geográfico que a conduz à Praça da Bandeira, mas a viagem introspectiva que permite a exploração subjetiva de suas próprias fronteiras como avaliadora de outras possibilidades reservadas pela sua sociedade para a mesma identidade de gênero. [...] Essa percepção de si ao perceber o outro abre possibilidades de aprendizagem. (SILVA, 2010, pg.18)

Isso significa que estar no campo não é algo simples ou inocente, a presença de uma estranha ao ambiente modifica a ela mesma e as pessoas com as quais interage, em uma constante construção no sentido de como se deixa seduzir ao mesmo tempo em que impõe limites ao seu *habitar*, em um diálogo onde o *self* está sempre presente e pode ser *epistemologicamente produtivo*. Nas palavras de Sherry Ortner,

A etnografia implica pelo menos um modo de entender o mundo do outro fazendo uso de si mesma como instrumento de conhecimento [...] Classicamente, esse tipo de entendimento tem estado intimamente ligado ao trabalho de campo, no qual a totalidade do ser – fisicamente ou de todos os modos possíveis – entra no espaço do mundo que o investigador procura entender. (ORTNER *apud* LACOMBE, 2009, pg.390)

1.2 Redefinindo a estratégia de pesquisa

Ao mudar o recorte inicial dado à pesquisa, pude ampliar a diversidade de sujeitos como potenciais participantes/colaboradores da pesquisa, tanto pela maior fluidez do campo (algumas mulheres que frequentam os bares e boates da beira-mar também trabalham em clubes de acompanhantes e casas de massagem), como através de contatos no próprio campo. A diversidade de lugares em que as mulheres trabalham, pois além da beira-mar, tive contato com mulheres que trabalham na rua e em boates do centro, também reflete a diversidade em termos de perfis das mulheres entrevistadas (idade, escolaridade, situação sócio-econômica, etc.). Essa diversificação me possibilitou fazer um estudo comparativo entre aquelas mulheres que trabalham na rua, nas boates, em casas de massagem ou clubes de acompanhantes, visualizando aspectos importantes na vida dessas mulheres como controle, liberdade, segurança e transitoriedade.

Inicialmente minha estratégia de pesquisa consistia em não entrevistar as mulheres na hora em que elas estivessem trabalhando, seja na rua ou nas boates, mas tentar marcar com elas algum horário fora do trabalho para que pudéssemos ter mais tempo ou liberdade para conversar. Já nos primeiros dias essa abordagem não deu certo, pois algumas me deram o número de telefone errado ou não me atendiam, vi que

demandaria muito mais tempo para conseguir a confiança delas. Comecei a abordá-las em seus horários de trabalho, mesmo que não conseguisse entrevistas longas, conseguiria a confiança delas. Sempre que elas aceitavam conversar comigo, as convidava ou para ir a algum lugar mais tranquilo como no calçadão da beira-mar ou mesmo para tomar alguma bebida em um dos bares ou restaurantes próximos, o que funcionou com algumas.

Durante minhas idas à beira-mar pude conhecer mulheres e conversar informalmente com elas na rua mesmo ou em bares próximos, o que impossibilitava a gravação da conversa, pelo próprio ambiente de informalidade que as deixavam mais à vontade para relatar suas experiências e citar nomes de pessoas ou lugares. Nas entrevistas que não foram gravadas, fui anotando o que elas me diziam, deixando-as livres para elas irem relatando suas experiências e somente quando paravam de falar sobre algum assunto, eu voltava para os tópicos e fazia perguntas. Os tópicos das entrevistas foram os seguintes: 1) entrada (motivações); 2) relações com a família; 3) relacionamentos amorosos; 4) filhos; 5) dificuldades e riscos; 6) experiências e oportunidades; 7) preconceitos; 8) corpo e beleza; 10) identidade; 11) planos para o futuro; 12) como funciona a casa/boate/rua.

Importante ressaltar que os tópicos não foram seguidos rigorosamente, muitas vezes dependendo de como as meninas respondiam as perguntas, algumas eu deixei mais a vontade para falar porque eram mais espontâneas, outras não entendiam a questão que eu fazia ou eu não soube colocar de forma clara, e teve um único caso de não conseguir terminar a entrevista porque uma colega chamou a entrevistada para ir fazer programa e ela disse que tinha que ir embora. Os percalços e dificuldades do pesquisador em conseguir certas informações também são importantes para compreendermos a diversidade de experiências e a variedade das formas que o trabalho na noite pode possibilitar para essas mulheres, e que seguir um roteiro à risca é sempre difícil e muitas vezes empobrecedor. Gaspar (1988) também passou pelas mesmas dificuldades em seu campo sobre prostituição na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Essa foi uma dificuldade que permeou e marcou o trabalho de campo e que sem dúvida tem consequências na minha análise. Acredito, porém, que ela tenha sido compensada ao dobrar-se o esforço na observação participante: se por um lado a minha postura me privou de dados substantivos como a renda familiar, o rendimento da atividade prostituinte, fatos sobre a trajetória de vida, por outro lado, tive a oportunidade de participar de conversas e presenciar negociações características do cotidiano dessa atividade. (GASPAR, 1988, pg.52)

Uma das dificuldades que tive nas primeiras entrevistas foi a falta de permissão para gravar. Existia uma desconfiança por parte das mulheres de eu ser algum tipo de repórter ou policial. Compreendia a desconfiança delas em terem sua imagem ou mesmo seu relato publicado porque além de terem ou fazerem um trabalho estigmatizado; locais ou pessoas com as quais elas estão envolvidas geralmente possuem negócios ilícitos, como agenciamento de menores ou o envolvimento com tráfico de drogas. Melissa¹⁶, que trabalha na rua, não me permitiu gravar. Ela me confidenciou que muitas vezes pessoas as chamam para conversar pela janela do carro e colocam um gravador escondido, pensando que elas não percebem; por isso, elas têm receio e não gostam de gravar. Em umas das entrevistas gravadas, pude perceber que Manu¹⁷ sempre dava respostas curtas e omitia informações pela presença do gravador, o que pude confirmar quando no final da entrevista, ela me pediu para desligar o gravador porque tinha algo que ela não queria que fosse *publicado* (palavras dela), e me relatou a sua preferência sexual por pessoas do mesmo sexo.

Depois de algumas experiências de gravação e não gravação das entrevistas, tomei a decisão de não gravar para que pudesse conseguir mais informações e as mulheres estivessem mais seguras para me relatar suas trajetórias de vida. Continuei com a percepção de que com o gravador, elas tinham um discurso pronto e sempre cuidadosas com a fala, pois pude compará-las com as outras entrevistas não gravadas. Aqui não problematizo os conceitos de verdade ou discurso, pois sendo a linguagem perpassada por relações de poder, tudo é discurso (FOUCAULT, 1996). O que problematizei em relação ao gravador foi a abertura que consegui em relação aos relatos das entrevistadas, em relação a assuntos pessoais e também o envolvimento com mercados ilegais, como o de tráfico de drogas, por exemplo.

Optei por não entrar em campo levada por alguma instituição como, por exemplo, pela APROCE (Associação de Prostitutas do Estado do Ceará)¹⁸, por estar pesquisando subjetividade e uma das categorias analisadas ser identidade. A ideia da pesquisadora estar ligada a uma instituição de profissionais do sexo poderia interferir nas falas e discursos das mulheres. Sobre a escolha da falta de vinculação a uma

¹⁶ Nome fictício.

¹⁷ Nome fictício.

¹⁸ “A APROCE foi criada em 1990, desdobramento de uma série de reivindicações por parte de prostitutas, ex-prostitutas e intelectuais com vistas a obterem mais atenção dos governos e da população quanto aos motivos que levavam as duas primeiras a exercerem a atividade prostituinte. Outro foco eram as dificuldades enfrentadas no mercado do prazer, independentemente da escolha em ou da necessidade de se auto prostituir.” (SILVA, 2011, pg.30)

instituição profissional, pelo menos perante os(as) entrevistados(as), e a problemática do gravador, ressalta Silva (2007),

[...] a entrada via pessoas ou instituição com posições firmadas no movimento homossexual poderia ensejar uma contaminação da minha própria identidade, além de marcar muito fortemente a minha presença ali como pesquisador, fator que considero grande inibidor das manifestações emocionais, os pequenos rituais do cotidiano. Assim como uma câmera, uma máquina fotográfica, um gravador. (SILVA, 2007, pg.39)

1.3 Relatos do Seu José sobre sua vivência como taxista noturno

Seu José sempre foi muito solícito, mas com a continuidade da pesquisa fiquei mais independente, apesar de sempre ligar para ele quando precisava me deslocar de táxi. Nesses deslocamentos de táxi, Seu José sempre me falava um pouco da sua vida e da sua vivência como taxista noturno. Isso foi muito importante para a pesquisa, porque além de ver os bastidores do que as mulheres não me falavam, ele também me revelou alguns esquemas de participação dos taxistas nos programas das meninas e no seu agenciamento.

Porém, uma questão sempre vinha à tona e me incomodava, ter de certa forma a entrada no campo sobretudo feminino – aqui não significa que no campo existam somente mulheres -, facilitada por um homem. Contudo, na área de estudos sobre prostituição parece comum entre as pesquisadoras serem ajudadas por homens, às vezes clientes de garotas de programa ou gerentes de casas e boates, ou mesmo a simples companhia de um amigo. Como nos relata Dulce Gaspar (1988),

Toda a pesquisa junto às garotas foi marcada pelo fato de eu também pertencer ao sexo feminino. Essa condição criava de saída dificuldades para a minha permanência nas boates, se comparada com a situação de um pesquisador do sexo masculino. Uma presença masculina seria mais facilmente aceita do que a minha, já que a boate é um local especializado em receber pessoas do sexo masculino. Um pesquisador poderia permanecer nas boates o tempo que quisesse, seria procurado por muitas mulheres, que se aproximariam confundindo-o com um cliente, e, desde que ele deixasse claro que não sairia com elas, poderia apenas conversar, pois esse é também um comportamento bastante comum entre os frequentadores. (GASPAR, 1988, pg.56)

Apesar de alguns inconvenientes de entrar no campo sendo intermediada por um homem, toda a ajuda que recebi do Seu José não foi somente no sentido de encontrar locais e mulheres, mas a sua experiência como taxista me fez saber de detalhes que certamente sozinha ou pelo relato das mulheres não teria conhecimento.

Seu José já está nesse ramo há muitos anos, e em boa parte dessa trajetória como taxista ele trabalhou a noite. Sempre que pegava alguma corrida com ele, ele me contava novos episódios, de acontecimentos passados, ou explicando como funcionava alguns “esquemas”, mas principalmente das coisas que aconteciam no mesmo dia ou na mesma semana.

Havia uma desconfiança da minha parte sobre a presença de menores pela Praia de Iracema à noite, sobretudo das meninas que ficam do lado de fora das boates. Não tinha certeza da menoridade delas porque boa parte das mulheres que circulavam pelas ruas e pelas boates são bem jovem, e a forma de se vestir, a maquiagem sempre forte e o salto alto muitas vezes confundem até mesmo os clientes. A informação de que as meninas que geralmente ficam na rua em frente à Zipi Bar a espera de clientes são menores de idade me foi confirmada por Seu José, as boates não aceitam que elas entrem porque eles pedem um documento de identificação.

As boates e casas de massagem não aceitam mulheres menores de idade porque se forem pegas com alguma menor na casa, a polícia fecha o estabelecimento e quem administra ou agencia o local é preso por aliciamento de menores. Seu José me falou do caso da casa de massagem 1030, localizada na Av. Barão de Rio Branco, que foi fechada depois que um policial se disfarçou de cliente e entrou com uma câmera escondida na casa, localizando uma menor de idade. A polícia fechou a casa por aliciamento de menores e também por tráfico de drogas. Seu José falou desse caso para exemplificar o medo e a desconfiança que as meninas¹⁹ têm em falar com estranhos, comigo no caso, por medo de se envolver em situações de risco para elas.

Em sua vivência como taxista noturno e também como um homem divorciado, Seu José me relatou alguns namoros e casos com as mulheres que conheceu na Beira-Mar e que já havia hospedado em sua casa algumas mulheres que *não tinham para onde ir*. Segundo Seu José, algumas mulheres que não conseguem fazer programa na noite *se oferecem* sexualmente para os taxistas para que eles possam deixa-las em casa. Ele me falou de algumas mulheres que haviam feito esse tipo de proposta para ele recentemente, inclusive uma das entrevistadas.

Sobre a participação dos taxistas nos programas das mulheres, Seu José contou sobre o esquema existente na casa de massagem Belíssima, localizada no bairro da Aldeota. Os taxistas que são fixos da casa recebem uma porcentagem dos programas

¹⁹ Categoria êmica que se refere não somente as menores de idade, mas também as mulheres que fazem programa.

das mulheres quando eles as levam com seus clientes para algum motel, pois na casa de massagem também tem quartos. Seu José já participou desse esquema, mas atualmente não está mais lá porque se desentendeu com a gerente da casa depois que ela descobriu que ele estava levando as mulheres da casa para outras casas de massagem e também para clubes de acompanhantes.

Em relação ao agenciamento, Seu José já levou algumas mulheres para trabalhar em alguma casa ou boate, mas segundo ele, leva porque *elas pedem e eu não lucro nada*. Contou o caso de uma mulher que ele levou para o Club do Drink²⁰, mas que ela só tinha ido poucas vezes para lá e que a gerente da casa de vez em quando ligava para perguntar por ela. Na entrevista com Sheron²¹, ela me confirmou que já tinha sido levada para um clube de acompanhantes por Seu José e que ela ganhou muito dinheiro lá.

Fernanda: Tu chegou a fazer strip-tease em alguma boate?

Sheron: Já, já dancei já, inclusive essa... não era a Mambo naum, é uma que tem perto ali do... ele sabe onde é, ele me levou lá, foi ele através dele... Eh como é o nome? Não tenho em mente aqui, não lembro bem o nome, mas foi pouco tempo também que eu passei lá, o programa lá é R\$300,00, só que lá eram mais brasileiros do que gringos, lá entendeu? É perto ali do do... ele sabe o nome, vou perguntar a ele porque eu não tô lembrada, ele que ia me deixar lá, ele que me levava... [...] Eu saía de lá estribada, cheia de dinheiro, cheia de grana, sempre que eu ia...

Fernanda: E o strip-tease era quanto?

Sheron: O strip-tease era cento e cinquenta, duzentos reais só pra você dançar... (trecho da entrevista com Sheron, 25.07.2012)

A relação entre taxistas e garotas de programa não se reduz à exploração nem à ajuda, existindo interesse de ambas as partes. Como pude ver algumas vezes, Seu José ajuda as mulheres cobrando uma corrida mais barata ou deixando-as em casa quando elas não têm dinheiro. Mas os taxistas também combinam com as mulheres de cobrar mais caro as corridas quando elas estão com os estrangeiros. Segundo Seu José, ele não faz isso, mas tem uns que são *ladrões*, pois cobram muito mais do que vale a corrida, e às vezes quando as mulheres reclamam do valor, eles marcam as mulheres, ameaçando de bater nelas ou mesmo matar. Seu José também denunciou o esquema dos taxistas que trabalham na Praia de Iracema à noite e são envolvidos com o tráfico de drogas, e que eles também tem esquemas para extorquir dinheiro dos estrangeiros²².

²⁰ Clube de acompanhantes localizado no bairro São João do Tauape.

²¹ Nome fictício para preservar a identidade.

²² Para aprofundar esse tema, sugiro o texto da autora Jania Aquino, O legal e o ilegal nas redes cosmopolitas da Praia de Iracema, trabalho apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 08 a 10 de agosto de 2011.

1.4 Segundo momento no campo

Dividi o campo em dois momentos porque tive duas abordagens metodológicas diferentes. O primeiro momento do campo foi entre os meses de junho e julho, na qual realizei entrevistas semiestruturadas com mulheres que trabalham na rua, em casas de massagem, nas boates do centro e nas boates da Praia de Iracema. O segundo momento se deu entre os meses de agosto e outubro. Depois de sentarmos, eu e meu orientador, para analisar o primeiro momento em campo, decidimos aprofundar as primeiras entrevistas a partir de tópicos específicos.

Retornando a Fortaleza, peguei os contatos de telefone ou do *facebook* das mulheres que entrevistei e tentei retomar os contatos para fazer novas entrevistas. Voltei à ideia anterior de encontrá-las fora do horário de trabalho para aprofundar as entrevistas. De início, duas mulheres aceitaram me encontrar novamente e uma delas que tinha uma entrevista gravada, se recusou a falar comigo novamente dizendo que já havia dito tudo que sabia, e como ela não estava mais fazendo programas, não tinha nenhuma novidade. Já havíamos pensado na possibilidade de que algumas mulheres não iriam querer falar comigo novamente, ou por pensar como Sheron, que se recusou a falar comigo porque já “tinha me dito tudo que sabia”, ou por causa do inconveniente de ter um pesquisador na sua “cola”.

As tentativas de aprofundar as entrevistas não deram certo, ou porque as mulheres não quiseram me dar outra entrevista ou porque elas marcaram um encontro e não apareceram. Contudo, encontrei Sabrina²³ novamente, e esse novo contato com ela me abriu novas perspectivas para a pesquisa. Sabrina é frequentadora assídua da boate Forró Mambo e me levou para conhecer a boate. No primeiro momento da pesquisa, circulei pouco pela Rua dos Tremembés, fazendo observação mais na Av. Almirante Barroso, onde se localiza a Zipi Bar e na Av. da Abolição. Voltei a fazer observação na Beira-Mar e na Praia de Iracema, tentando conversar com outras mulheres. Ao ir com mais frequência às boates, principalmente para a boate Forró Mambo, pude conhecer outras garotas e comecei a ter um tipo de relação diferente com algumas delas, conseguindo ter um vínculo mais próximo, me tornando uma amiga e para algumas confidente.

Apesar das dificuldades iniciais de entrar no campo por ser mulher, essa mesma condição me foi benéfica por poder criar uma relação de amizade com as

²³ Nome fictício.

garotas, algo que talvez para um pesquisador masculino fosse mais difícil. Segundo Gaspar (1988),

se o fato de ser mulher por um lado me trouxe dificuldade de permanecer nas boates, por outro lado, permitiu-me uma relação característica aos membros do sexo feminino, permeada de comentários do sexo oposto e sobre a chamada “intimidade feminina” (pg. 56).

1.4.1 Abordagens

No segundo momento no campo, comecei a frequentar as boates e os bares de forma mais livre, menos preocupada em entrevistar as mulheres e mais aberta para dialogar e conhecer novas pessoas. Não chegar me apresentando como pesquisadora foi importante para não despertar suspeitas de início, e a certa intimidade que acabei criando com algumas mulheres foi essencial tanto para o desenvolvimento do restante da pesquisa como para causar menos repulsa ao dizer que estava fazendo uma pesquisa. Ao começar a amizade com algumas mulheres, elas me introduziram ao seu ciclo de relações e assim pude ir conhecendo outras pessoas. Débora²⁴, apesar de ser muita reservada em relação a sua vida, assim que soube que eu estava fazendo uma pesquisa, começou a me ajudar e me apresentar às suas amigas. Bianca²⁵, amiga de Débora, me levou para conhecer lugares que ainda não havia frequentado de forma mais assídua como as barracas de praia Salt Roots e Boa Vida, e foi enfática ao dizer que as mulheres realmente não gostam de conversar sobre suas vidas porque acham que estão perdendo tempo. Segundo Simões (2010), *o interesse das pessoas que conheci durante o trabalho de campo se detinha muito mais nas relações pessoais que eu ali começava a desenvolver do que nas explicações que pudesse vir a dar sobre os objetivos da minha pesquisa [...]* (pg. 33).

Apresentar-me de início como pesquisadora as afastava de mim, o que não aconteceu quando elas pensavam que eu estava ali conhecendo o local ou me divertindo. Elas não são fechadas para conversar com pessoas que elas não conhecem muito, mas parece haver uma repulsa em relação a pesquisadores ou repórteres. Conforme nos relata Silva (2007), que faz pesquisas com travestis,

Para assegurar um lugar e conquistar confiança nesse tipo de universo, é preciso antes sofrer um processo de desqualificação. Ficar claro, por exemplo, que não se trata de policial, olheiro da polícia ou jornalista. Mas é,

²⁴ Nome fictício.

²⁵ Nome fictício.

sobretudo, a constância e a disponibilidade para ouvir que torna o estranho alguém familiar. Os antigos reticenciosos vão-se abrindo mais. [...] Isso se ganha noites e noites ali, bebendo, batendo papo, frequentando os lugares. (SILVA, 2007, pg. 36)

Apesar das dificuldades iniciais em conseguir entrevistar as mulheres, ao criar uma abertura para outro tipo de vínculo, pude perceber um lado mais humano da vida dessas mulheres. As relações de amizade, as competições, brigas, intrigas, romances, o cansaço, as confidências, tudo aquilo que é difícil descrever e categorizar ou classificar. Se sentir de certa forma aceita mesmo como uma amiga não tão próxima ou íntima, revigora a nossa vontade de entender o mundo dessas pessoas e certamente marcou minha forma de ver o que é o trabalho sexual, relativizando pré-conceitos, tendo um tipo de relação diferente daquela que se estabelece entre pesquisador e “objeto” de pesquisa. Silva (2007) consegue expressar ainda melhor esse sentimento: *a radicalidade da experiência confere densidade às suas existências, de modo que o etnógrafo, ao lembrar o período de convivência, rearrumando o material colhido, vê-se tomado de um sentimento de saudade e falta* (SILVA, 2007, pg. 33).

Poderia ainda dizer que como em qualquer outra relação existe um sentimento ambíguo de amor e ódio, que nos faz ao mesmo tempo ter vontade de ir embora e poucos instantes depois ficar, ou de em um momento estar só e depois rodeada de pessoas disputando sua atenção. Como diria mais uma vez Silva (2007), são os ossos do ofício, ofício ingrato esse de pesquisador, onde insistimos em entrar no mundo do outro para logo depois ter que voltar para o nosso gabinete.

O que o pesquisador doou em curiosidade intelectual, portanto humana, ele leva triplicado em descobertas, dados, textos, tese. Mas quem se doa apenas porque percebia uma difusa afetividade envolvendo perguntas, olhares detidos, interesse em escutar naturalmente queria aliança, que exige presença e constância. Mas o antropólogo é aquele que um dia vai embora. (SILVA, 2007, pg.175)

1.5 Contextualização do campo

Aqui faço uma breve contextualização dos locais visitados tanto no âmbito do mercado do sexo local como no circuito de turismo internacional na cidade, descrevendo características gerais de cada lugar visitado. Começaremos pela parte mais central da cidade, onde os clientes são em sua maioria homens locais. O centro da cidade é próximo da beira-mar de Fortaleza, e no centro encontramos várias boates voltadas para atender clientes de classes mais populares. Na Av. Imperador, temos a

boate Gata Garota e outra casa sem identificação poucas casas antes na mesma calçada. Em frente a Praça Paula Pessoa, tem outra no mesmo estilo, essa com identificação. Logo depois, entrando na Rua Tristão Gonçalves tem o Motel 80 vizinho ao Motel 90, e em frente alguns barzinhos.

A apresentação dessas casas é parecida: geralmente são casas antigas ou pequenos prédios, com uma entrada pequena, algumas possuindo identificação, a de frente a praça estava bem explícita, com um pôster de uma mulher de lingerie na entrada, outras mais discretas somente com um pequeno nome de neon, ou mesmo sem nenhum tipo de identificação. Seu José falou que a boate da Praça Paula Pessoa fecha cedo por volta das dez horas e que muitas mulheres saem de lá e vão para outras casas no centro. Essas boates do centro da cidade são voltadas para o público popular local e os programas variam entre R\$50,00 a R\$80,00, dependendo do que for combinado no programa pode subir o preço, além da prática de strip-tease também ser comum, como pude constatar na visita a algumas dessas boates.

O circuito do chamado “turismo sexual” pode ser identificado em duas áreas principais: a Praia de Iracema e a Av. Beira-Mar. O bairro Praia de Iracema é bem tradicional e no início do século XX já era considerado uma área nobre, onde a elite de Fortaleza tinha residência e também sua área de lazer. Mas o bairro passou por intervenções urbanísticas visando o crescimento do turismo nas décadas de 80 e 90, o que criou um conflito com os moradores e um sentimento bucólico de desvalorização do lugar. Roselane Bezerra (2008) fez um estudo sobre as representações do bairro Praia de Iracema, e nos mostra o imaginário existente sobre a degradação do bairro.

O relato acima (*matéria de jornal*) imprime uma ideia de decreto do “fim”, pois assim como o mar “carregou a praia” nos idos anos 50, a indústria do turismo, a especulação imobiliária, a poluição sonora, entre outros problemas urbanos, “carregaram o bairro” da cidade. O argumento utilizado nesta matéria jornalística demonstra uma reprovação dos novos usos e apropriações deste espaço. Nota-se também que os termos *boémia*, *artístico-intelectual*, *aristocrática* e *bucólica*, usados para referenciar qualitativamente o bairro, são confrontados por *invasão de estrangeiros*, *prostituição* e *drogas*, fenômenos associados aos “maus usos” enquanto expressão simbólica do fim. (BEZERRA, 2008, pg.8) (*grifo original*)

Na orla e nas proximidades da Praia de Iracema ocorre essa apropriação turística do bairro, havendo uma significativa quantidade de bares, boates e casas de show voltadas para o turismo. A “revitalização” do bairro visou o turismo nacional e internacional, mas quando falamos em vida noturna pude perceber que a presença de estrangeiros é maioria em relação aos brasileiros.

A visão de uma degradação da área parece ser bastante comum não somente entre os moradores do bairro, mas por boa parte da sociedade e, sobretudo, por aqueles que frequentam a área, seja como usuário dos espaços de lazer ou como trabalhador. A Beira-Mar, assim como a Praia de Iracema, são pontos turísticos na cidade, e no calçadão da Beira-Mar até por volta das dez, onze horas da noite podemos encontrar pessoas fazendo *cooper*, andando de skate ou de *bike*, enquanto outras somente passeiam pelo calçadão. É por volta das dez, onze horas da noite que começa o movimento nos bares, boates e nas esquinas. Visualizamos mulheres e travestis circulando pelas ruas e boates, e também os estrangeiros que já estavam pelo calçadão da beira-mar em alguma barraca de praia ou nos hotéis, pousadas e albergues existentes na região.

Seu José, ao falar do bairro, lembra saudoso de “outros tempos”. Segundo Seu José, antigamente na beira-mar havia muitos restaurantes que as famílias costumavam ir almoçar dia do domingo, mas que o tráfico de drogas *acabou com tudo, agora é só morte e violência*. Em uma corrida que eu e Bianca²⁶, uma das entrevistadas, fizemos com ele para a barraca de praia Boa Vida, localizada na Praia do Futuro, ele nos contou sobre dois assassinatos que aconteceram recentemente, os dois de homens que estavam devendo para traficantes de drogas, um em frente ao Bar do Canuto²⁷ e o outro em um dos bancos do calçadão da Beira-Mar.

Durante o campo, pude perceber que o uso de drogas é muito comum tanto entre as garotas como entre os estrangeiros. Existem pontos de vendas por toda a Rua dos Tremembés, onde se localizam duas boates e vários bares. A Rua dos Tremembés é uma rua pequena e estreita, onde se encontram bares que vendem drogas de forma disfarçada. Há também mulheres pela calçada vendendo drogas, às vezes menores de idade, os ambulantes vendem coisas variadas, e as duas boates, a Café Del Mar e a Forró Mambó, onde as mulheres se encontram com os turistas para se divertir ou fazer programas. Do lado de fora estão os taxistas a espera das mulheres com seus clientes, que como coloquei acima também participam do esquema de drogas. E o mais interessante é que na Av. Almirante Barroso, a qual a Rua dos Tremembés corta, tem uma Delegacia de Proteção ao Turista (polícia civil), que parece não perceber o que acontece ou simplesmente finge não vê os esquemas de tráfico de droga e o aliciamento de menores existentes na região.

²⁶ Nome fictício.

²⁷ Conhecido como Bar do Reggae, que será descrito abaixo.

Tanto na Av. Almirante Barroso como na Rua dos Tremembés, também pude ver vários *noinhas*, como em Fortaleza são chamadas as pessoas usuárias de drogas que vivem nas ruas. Elas perambulam pelas ruas onde tem mais movimento cercando as mulheres e os homens pedindo bebida, cigarro e mesmo roubando seus pertences. Em várias ocasiões em que estive visitando as boates, vi homens e mulheres drogados pelas ruas, algumas vezes nos abordando para pedir dinheiro ou outras coisas, sempre visivelmente alterados.

1.5.1 Descrevendo locais

- **Rua**

Em uma esquina da Av. da Abolição conheci Grazy, Melissa e Manu²⁸. Elas chegam das suas casas, trocam de roupa ali mesmo sem se preocupar com o movimento dos carros e entregam as suas bolsas para o segurança do prédio da esquina. Durante a entrevista com Melissa, única que foi realizada na esquina, pude sentir um pouco na pele o que é ficar pelas ruas na madrugada a espera de clientes. Logo que eu cheguei para entrevistá-la, ela disse que quando eu viesse conversar com ela não levasse bolsa porque ali era muito perigoso e elas eram constantemente assaltadas, por isso ela não ficava com a bolsa, ficava somente com o celular escondido na roupa. Falou que sempre dizia para Grazy não trazer bolsa, mas ela, sendo teimosa, já tinha sido assaltada várias vezes.

Existe uma disputa pelas esquinas entre as mulheres e os travestis. Segundo Seu José, a partir do aterro da Praia de Iracema, somente os travestis ficam nas esquinas porque elas dão dinheiro para cafetões fazerem sua segurança e expulsarem as mulheres dos locais onde as travestis ficam. Já na Av. da Abolição, encontramos mais mulheres, mas não existe um “monopólio” das esquinas como na Praia de Iracema, também encontramos travestis misturados com as mulheres. Contudo, sua presença não parece ser totalmente aceita ou amistosa, como nos relatou Melissa.

Perguntei porque ela estava sentada e ela disse que não gosta de se misturar com os travestis e disse que ele era esperto porque se misturava com elas para o confundirem com mulher também. Eu perguntei se somente ficavam as quatro meninas ali naquela esquina. Ela disse que agora sim, porque antes tinha umas dez, mas elas foram pedindo pra elas saírem, segundo ela com educação “porque na base do grito não se resolve nada”. Ela disse que

²⁸ Nomes fictícios.

iam mandar o travesti embora também. (trecho da entrevista com Melissa, 23/07/2012)

Já estava ciente de que realizar pesquisa sobre um tema que está envolvido com mercados ilegais (tráfico de drogas, agenciamento, aliciamento de menores, etc.) não ia ser fácil e muito menos seguro. Meu primeiro susto foi uma tentativa de assalto na Av. Hist. Raimundo Girão, continuação da Av. da Abolição, na direção do bairro Praia de Iracema. Depois dessa tentativa de assalto, felizmente mal-sucedida, fiquei mais alerta em relação a passar sozinha em certos lugares depois de muito tarde, sobretudo entre a Av. da Abolição e a área das boates, ruas e esquinas onde mulheres e travestis trabalham. Outra questão que me chamou a atenção foram as brigas, tanto entre as mulheres, como entre as mulheres e vendedores ambulantes ou noinhas. Presenciei uma briga entre uma menina de menor com um ambulante, porque ele havia escondido a bolsa dela embaixo do carro. Ela ficou bastante agressiva e bateu nele, enquanto ele ameaçava bater nela, a briga só foi amenizada depois que a irmã mais velha da menina chegou. Brigas entre mulheres também parece ser uma constante.

- **Boates**

- **Zipi Bar**

A boate Zipi Bar, localizada na Av. Almirante Barroso, bairro Praia de Iracema, como o nome sugere, é uma mistura de bar com boate. O dono é um coreano e é um local geralmente frequentado por garotas de programa e estrangeiros, onde podemos também localizar brasileiros. No início da noite, por volta das nove horas, o movimento ainda está fraco, mas já tem algumas mulheres do lado de fora e também alguns homens sentados nas mesas que ficam na calçada. Os seguranças nunca me pediram documentos de identidade nem cobraram nenhuma entrada. Dentro, jogos de luzes de neon e bolas de luz, e um bar grande que ocupa boa parte do espaço. Na entrada, tem uns pequenos sofás que dá a sensação de um espaço de espera ou para descanso, logo a frente umas mesinhas redondas no corredor do lado do bar, onde homens ficam sentados conversando com as mulheres. Mais para dentro do bar-boate, no canto esquerdo encontramos um pequeno espaço com barras de pole dance e espelhos na parede, onde também fica um local para o DJ. O restante do espaço está preenchido com mesas e com uma sinuca central que fica de frente para uma tela de TV

suspensa na parede, onde em algumas vezes em que entrei estava passando lutas de MMA²⁹.

Não existem shows de pole dance porque a boate não tem vínculo com as mulheres, lucrando somente com o consumo de bebidas. Contudo, é o movimento das mulheres que motiva a presença de tantos estrangeiros na boate. A boate começa a lotar depois da meia-noite e como o espaço é pequeno, fica bem apertado. Existe uma janela grande de vidro de uma ponta a outra da Zipi, o que nos permite ver do lado de fora o movimento e a quantidade de pessoas. Assim como na boate Forró Mambo, existe uma grande presença de estrangeiros com faixa etária entre 30 a 60 anos, com uns poucos mais jovens, e a faixa etária das mulheres variam entre 18 a 30 anos.

Do lado de fora, ambulantes vendem comidas variadas e bebidas a preços mais baratos do que nas boates, sempre tem mulheres do lado de fora, às vezes comendo ou bebendo sentadas nas cadeiras de plástico disponibilizadas pelos ambulantes, ou em pé encostadas em algum carro conversando. Na entrevista com Barbara³⁰, ela me falou que sempre prefere beber no tio (forma como as mulheres chamam um dos ambulantes) antes de entrar nas boates, porque dentro as bebidas são mais caras.

➤ **Forró Mambo**

A boate Forró Mambo está localizada na Rua dos Tremembés, no bairro Praia de Iracema. Dentre as boates que conheci, a boate Forró Mambo foi a que mais visitei, porque no circuito do turismo internacional na Praia de Iracema e na Beira-Mar, as garotas circulam entre barracas de praia, bares e boates, mas depois de meia noite, boa parte delas se desloca para a boate Forró Mambo, onde o movimento de estrangeiros também começa a ser maior. Até pouco tempo a Forró Mambo concorria com a boate Café del Mar, que se localizada na mesma rua, uma em frente à outra. Mas depois que o dono da boate Café del Mar foi preso por tráfico de pessoas, a boate perdeu clientela e a maioria das vezes em que estive na Praia de Iracema ela estava fechada.

²⁹ MMA é a sigla para Mixed Martial Arts, ou em português, artes marciais mistas. MMA são artes marciais que incluem golpes de luta em pé e técnicas de luta no chão. As artes marciais mistas podem ser praticadas como um esporte de contato de maneira regular ou em torneios, em que dois concorrentes tentam derrotar um ao outro. Fonte: <http://www.significados.com.br/mma/>

³⁰ Nome fictício.

A primeira visita que fiz a boate fui acompanhada de Sabrina, uma das mulheres entrevistadas. Ao chegarmos na boate passamos por um segurança e mostramos nossos documentos, subimos por uma escada larga para chegar ao salão central da boate, onde se toca uma musica de DJ mais pop. As mulheres dançam, umas mais contidamente e outras mais sensuais perto das duas barras de pole dance no centro do primeiro salão. A primeira impressão que tive da boate é de não ter nenhum tipo de prostituição, pois as mulheres se vestem como qualquer outra mulher que vai para uma boate, diferentemente das boates do centro, onde as mulheres vestem roupas muito curtas e às vezes lingerie. As mulheres estavam bem vestidas, geralmente com roupas caras, de salto e maquiadas. Os homens, apesar de em sua maioria serem mais velhos e estrangeiros, poderíamos encontrar também brasileiros, mas em menor quantidade.

A Forró Mambo é uma boate grande, com quatro ambientes: o salão central que fica bem na entrada e tem dois balcões de bar, outro subindo uns poucos degraus que parece um chill out³¹, com sofás para descansar, algumas mesas e outro bar mais requintado; o terceiro ambiente é uma varanda bem espaçosa também com mesas e poltronas para sentar, de onde podemos ver o movimento da Rua Tremembé; e o último fica depois do salão central da boate. Na parte onde ficam os caixas, duas portas escondem um salão ainda maior do que o primeiro, com uma pista de dança central, uma pequena arquibancada do lado direito, outro bar e um espaço fora da pista de dança ainda maior. Esse salão da boate só é aberto mais tarde da noite, por volta das duas horas da manhã. O estilo de música nesse salão é diferente, no início mais trance³² até pagode e funk. Sabrina disse que aquele espaço é o fim da festa, que mais tarde da noite todos vão para lá.

Com a continuidade das idas a boate, pude entender melhor como funciona a interação entre mulheres e estrangeiros. As mulheres geralmente são sempre as mesmas, com poucas variações. Elas ficam sempre dançando e bebendo no centro da pista de dança, algumas no balcão do bar, e os homens, que variam mais, ficam encostados no balcão do bar ou sentados nas poltronas que tem ao lado da pista de dança olhando para as mulheres ou conversando entre si ou com alguma garota. Também teve dias que encontrei mulheres homossexuais dançando na pista de dança. Elas usavam calça jeans, cabelos amarrados, e geralmente camisetas. Além de suas

³¹ Chill out (ou chillout) designa ambientes voltados para o relaxamento e descanso, é também um estilo de música.

³² Trance é uma das principais vertentes da música eletrônica.

roupas, pelos seus comportamentos masculinizados, percebi que elas não estavam lá para fazer programa. Um dia perguntei a Bárbara o que elas faziam na boate. Bárbara respondeu que elas são mulheres de algumas das garotas que trabalham (faz programa) na boate, que geralmente as mulheres tiravam um dia da semana para trazê-las para a boate para elas se divertirem.

Nas segundas feiras, sempre tem uma banda de forró na boate, concorrendo com a casa de show Pirata³³, casa tradicional de forró nas segundas em Fortaleza. A banda de forró toca no segundo salão de dança em um palco que no restante dos dias fica coberto por uma grande cortina de veludo, quase imperceptível.

- **Bar do Reggae**

O Bar do Reggae se localiza na Rua dos Tremembés, de esquina, fica um quarteirão antes das boates, é local de encontro de mulheres com estrangeiros antes e depois da entrada nas boates. O espaço do bar é pequeno e tem várias mesinhas redondas pequenas com banquinhos de madeira, sempre está tocando reggae nas caixinhas de som suspensas na parede e, ao mesmo tempo, quando a TV está ligada, passando lutas de MMA. O bar é dividido entre dois espaços, o primeiro que descrevi fica bem na esquina, e do lado, parece ter outro bar, mas é o mesmo, só que menos arrumado que o primeiro. O ambiente desse segundo espaço é simples, mesas de plástico, com uma sinuca no centro, ao lado do balcão do bar e mais nos fundos os banheiros. O dono do Bar do Reggae é um homem conhecido como Canuto, soube da informação porque as mulheres chamam o Bar do Reggae de Bar do Canuto.

- **Barracas de praia**

- **Salt Roots**

A barraca de praia Salt Root é localizada no calçadão da Beira-Mar, perto da feirinha de artesanato. A barraca é frequentada por muitos estrangeiros, e as garotas costumam ir para a barraca no fim da tarde, começo da noite, para tomar uma cerveja e

³³ “Tradicional casa de show da Praia de Iracema, desde 1986, faz da segunda-feira, o dia oficial do forró”. Trecho retirado do site www.pirata.com.br

paquerar algum *gringo*³⁴ que poderá ser um dos programas da noite. De lá, se elas não fazem algum programa, elas vão para as boates onde começa o movimento somente mais tarde da noite, por volta das dez horas. Pelo que pude observar nas vezes em que estive na barraca, várias das meninas que conheci nas boates à noite ficam em grupo nas mesas da barraca, bebendo cerveja, ou juntas com homens estrangeiros.

Na barraca, pude perceber a diversidade de nacionalidades dos turistas. Sempre que ia encontrar alguma das meninas, elas sempre estavam paquerando com homens italianos, portugueses, americanos, suíços e até noruegueses. Geralmente ou eles ficam em um grande grupo ocupando uma ou duas mesas ou em duplas. A paquera pode partir de ambas as partes, mas como as mulheres vão para lá também com o objetivo de conseguir clientes, elas ficam observando mais e acabam tomando a iniciativa, outras preferem uma paquera mais tradicional onde elas esperam os clientes a chamarem. Os programas podem ocorrer logo ou marcarem de encontrar com o cliente mais tarde em alguma das boates. É importante ressaltar a complexidade ou ambiguidade dessas relações que parecem objetivas como troca de serviços sexuais por dinheiro. Uma das minhas entrevistadas conheceu seu atual namorado italiano nessa barraca e ela deixou de fazer programas depois que eles começaram a namorar³⁵.

➤ **Boa Vida**

A barraca de praia Boa Vida está localizada na Praia do Futuro e tem um tradicional forró aos domingos. Segundo as garotas, elas gostam de ir para lá dançar e se divertir, mas como também existe um grande movimento de estrangeiros na barraca, elas também podem encontrar clientes ou namorados. Desde a minha entrada no campo, sempre ouvia falar bem da barraca pelas mulheres e tinha curiosidade em conhecer, até que um dia Bianca me convidou para ir com ela. Bianca me confidenciou que “estava precisando se divertir”, me chamou para ir com ela e disse que fossemos antes das duas horas porque a entrada na barraca é gratuita para as mulheres até às duas da tarde e a partir desse horário custa R\$15,00.

³⁴ Segundo Thaddeus Blanchette (2011), o termo *gringo* pode ser tomado de forma ética ou êmica. “Como categoria nativa, é um rótulo brasileiro não pejorativo (mas certamente não complementar) para qualquer estrangeiro cujo sotaque nativo atrapalhe sua fluência em português. Como categoria de análise, remete a certo tipo de “outro” que se aproxime e esteja presente entre nós, ao estilo do “*fremde*” descrito por Simmel (1950).” (BLANCHETTE, 2011, pg.61)

³⁵ Esse tema será aprofundado no capítulo 4.

A Boa Vida é uma barraca de praia tradicional de Fortaleza, tem um espaço com o bar e uma grande área com mesas, e descendo um pouco, fica a praia. A barraca sempre fica bem lotada, porque em dias de domingo acontecem shows de forró. O palco fica à esquerda e as mesas dispostas a frente. Algumas mulheres já haviam me falado que no domingo é comum as meninas encontrarem com “gringos” nessa barraca, e realmente pude ver várias mesas com garotas e outras com estrangeiros, além de mesas com brasileiros, inclusive famílias. No começo da tarde as meninas e os “gringos” ficam nas suas mesas dançando e tomando cerveja, mais tarde eles começam a interagir, algumas mulheres vão para as mesas deles. A banda de forró para de tocar umas oito horas da noite.

- **Outros locais**

Além dos bares, barracas e boates elencadas acima, existem outros lugares frequentados por mulheres e estrangeiros. Esses locais não são identificados como locais de prostituição pela população local como geralmente são as boates e bares da Praia de Iracema. Durante a semana tem alguns *points*, lugares onde ocorre alguma festa ou show determinado dia da semana e a presença de homens e mulheres é maior, sendo garotas de programa ou não. Na segunda, como já havia mencionado acima, na casa de show Pirata localizado em frente ao calçadão da Praia de Iracema tem um forró tradicional nas segundas; *quarta é o dia do Armazém*, uma boate localizada em frente ao Centro Cultural Dragão do Mar; quinta o movimento durante o dia é na barraca Croco Beach, e também mais duas barracas de praia, o Chico do Caranguejo e a Boa Vida, que tem o forró nos domingos. Segundo Myli, “as meninas gostam de ir para lá fazer esquema”, se referindo as barracas de praia.

Em relação aos locais dos programas, além dos motéis existentes no bairro Praia de Iracema, Seu José falou de um italiano que tem duas pizzarias na área e que em cima fez uns quartos para alugar para os *gringos* e que eles levam as mulheres para lá. As mulheres também relatam que sempre vão para os quartos dos hotéis onde os estrangeiros estão hospedados.

1.6 Apresentação das mulheres

Finalizo com uma breve apresentação das mulheres. Todos os nomes foram alterados, apesar de algumas delas terem se apresentado com seus nomes de *guerra*, outras me deram seus nomes verdadeiros. Traço uma síntese dos relacionamentos, se foram casadas, com quem e relacionamentos atuais, e a quantidade de filhos desses relacionamentos. Os locais onde elas já trabalharam e onde trabalha atualmente. A naturalidade das mulheres e, por último, se já viajaram para o exterior, mais comum para as mulheres que frequentam ou frequentaram os locais do circuito de turismo internacional em Fortaleza. A intenção dessa apresentação é dar uma visão geral do perfil das mulheres entrevistadas e ajudar o leitor a reconhecê-las na análise das entrevistas, nos capítulos três e quatro.

Sheron: 20 anos, natural de Fortaleza, sem filhos; atualmente está com um namorado italiano que conheceu na beira-mar e não está mais fazendo programas; trabalhou em boates na beira-mar por cinco meses; já viajou para a Itália com o namorado.

Sabrina: 20 anos, sem filhos; trabalha na beira-mar há dois anos; atualmente está com um namorado italiano; mora em Fortaleza e nunca viajou para o exterior.

Bianca: 23 anos, natural de Salvador/BA, sem filhos; noiva de um holandês; trabalha nas boates da Praia de Iracema há oito meses; já esteve na Holanda visitando o noivo.

Clara: 24 anos, mora na Barra do Ceará, sem filhos; namorou com dois brasileiros casados, atualmente está solteira; trabalha nas boates da Praia de Iracema há um ano; nunca viajou para o exterior.

Kamila: 25 anos, natural de Teresina/PI, tem três filhos; foi casada com um brasileiro e atualmente está com um namorado português; trabalhou em casas de prostituição na Bahia e atualmente trabalha nas boates na Praia de Iracema; na época da entrevista nunca tinha viajado para o exterior, mas recentemente postou fotos dela na Itália no seu *facebook*.

Sara: 26 anos; tem um filho com um ex-namorado francês e atualmente está solteira; já trabalhou na casa de massagem Belíssima e atualmente trabalha nas boates da Praia de Iracema há dois anos; é natural de Natal/RN e já morou na França.

Myli: 28 anos, natural do Belém/PA, 1 filho; já foi casada com um francês e atualmente está casada com um brasileiro; trabalhou nas boates da Praia de Iracema e atualmente tem contrato de exclusividade com a casa de massagem Belíssima; trabalhou na

Espanha por cinco meses, depois morou na França, e trabalhou um ano na Guiana Francesa.

Grazy: 28 anos, 4 filhos, mora com três filhos; foi casada com um brasileiro e atualmente tem um amante taxista; trabalha nas esquinas há 11 anos, atualmente na Av. da Abolição.

Vivian: 28 anos, natural de Fortaleza, tem um filho; foi casada com dois estrangeiros, atualmente está solteira; trabalha nas boates da Praia de Iracema e em outras boates da classe média-alta de Fortaleza, como o Club do Drink, também divulga fotos pelo site coelhinhos do Brasil.

Barbara: 29 anos, três filhos, natural de Fortaleza; já foi casada com um brasileiro, teve uma filha com um cliente francês e atualmente tem um namorado suíço; trabalha nas boates da beira-mar há cinco anos; já viajou para a Itália para visitar um namorado que conheceu nas boates.

Gessica: 32 anos, natural de Acaraú/CE, 1 filho; namora um francês; mora em um apartamento na Praia de Iracema; trabalha nas boates da beira-mar; viaja anualmente para Itália e França.

Débora: 36 anos, natural de Belém/PA, tem três filhos; já foi casada com um brasileiro, teve uma filha com um surinamesco e atualmente está solteira; trabalhou em boates no Pará e atualmente trabalha nas boates da Praia de Iracema; já viajou para fazer programa no Suriname.

Manu: idade não informada; trabalha em boates no Rio de Janeiro e atualmente está passando uma temporada em Fortaleza; está fazendo programa na esquina da Av. da Abolição; sem filhos; preferência sexual homoafetiva; passou dez anos na Espanha.

Melisa: idade não informada; natural de Fortaleza, 3 filhos; já foi casada com um brasileiro, atualmente está solteira; começou em boates, mas logo foi para as esquinas, atualmente está na Av. da Abolição; nunca viajou para o exterior.

Capítulo 2

O turismo internacional na cidade de Fortaleza e suas interfaces

O processo de globalização, caracterizado por um maior fluxo da economia capitalista e por um intercâmbio cada vez maior entre diferentes culturas, tem afetado os mais diversos mercados, dentre eles também a chamada indústria ou mercado do sexo. Diversas autoras (AGUSTIN, 2005; BERNSTEIN, 2008; JEFFREYS, 1997) têm apontado para um aumento do mercado do sexo e para uma diversificação dos serviços, produtos e locais relacionados ao sexo: bordéis, boates, bares, saunas, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual através da internet, casas de massagem, serviços de acompanhantes, agências matrimoniais, hotéis, motéis, cinemas e revistas pornô, filmes e vídeos, serviços de dominação e submissão/sado-masochismo, prostituição na rua. Revela-se, assim, uma infinidade de espaços e tipos de serviços diferenciados que envolve não somente as pessoas que vendem sexo diretamente e seus clientes, mas, também, donos de empresas e investidores, empreiteiros independentes, empregados e intermediários que facilitam os processos do negócio (AGUSTIN, 2005).

Pensar o mercado do sexo implica, portanto, perceber suas imbricações e ligações com diversos fenômenos sociais, como trabalho, imigração, desenvolvimento tecnológico, economia informal e ilegal e sua extensão para além da prostituição de rua. A prostituição de rua se caracteriza pela exposição de mulheres ou homens em praças, esquinas ou avenidas a espera de clientes: “quando se trata de prostituição, o mais sério erro é equalizar toda prostituição com prostituição de rua, ignorando inteiramente o lado ‘atrás das portas’ do mercado” (WEITZER, 2010, pg.4).

Uma dimensão desse mercado que, devido à expansão e às novas tecnologias da informação, tem assumido bastante visibilidade é o mercado do sexo *indoor*³⁶ e online, estando particularmente associado à prostituição voltada para as camadas médias e altas. Contudo, primeiramente precisamos problematizar o que chamamos de indústria do sexo e o que define tal conceito. Segundo Piscitelli (2011a),

Esse termo é utilizado para designar a estrutura organizativa vinculada ao sexo comercial, destacando sua solidez, as forças econômicas e os interesses que a impulsionam, a diversidade e dimensão desses negócios e suas inter-relações com outras grandes indústrias, tais como cadeias de hotéis, turismo e tecnologia de informação. A ideia é que o que há de novo nessa indústria é a

³⁶ Termo utilizado por Bernstein (2008) para definir o mercado do sexo que funciona em locais privados, como boates, bares, casas, clubes, ou mesmo flats e apartamentos.

crescente estrutura comercial e empresarial da obtenção de lucro, a escala desses lucros, a diversificação de modalidades de serviços sexuais envolvidos, e o lugar fundamental que os meios tecnológicos têm na sua expansão. (PISCITELLI, 2011a, pg. 1)

Apesar de falta de homogeneidade nas definições do que seja a indústria do sexo ou o mercado do sexo, é consensual que essa indústria movimentada anualmente bilhões de dólares, gerando um comércio multifacetado, onde se encontra os mais diversos serviços, produzida por desenvolvimentos em outros setores da economia global, como cadeias de hotéis, provedores de telefonemas de longas distâncias, companhias de cabos e tecnologias da informação (BERNSTEIN, 2008). Esse desenvolvimento ou expansão do mercado do sexo deu visibilidade a antigos fenômenos, agora com novas nuances e também a valorização de outras espacialidades. Falo especificamente do turismo sexual e dos seus desdobramentos, como a exploração sexual de crianças e adolescentes e o tráfico de pessoas, que estão em voga nos debates acadêmicos e nas agendas políticas dos mais diversos países, sobretudo onde suas consequências se tornaram visíveis.

Esse capítulo se divide em quatro partes. A primeira fala sobre o turismo sexual e a problemática desse conceito que simplifica as relações que se desenvolvem entre homens e mulheres turistas e *nativos(as)*, sobretudo, aqueles do chamado “Terceiro Mundo”. Na segunda parte discuto as abordagens sobre o turismo sexual no Estado do Ceará, e como pesquisadores, Estado e sociedade civil vem vinculando o fenômeno diretamente a exploração sexual de crianças e adolescentes. Em seguida, uma segunda preocupação existente nas agendas políticas internacionais sobre o tráfico de pessoas, que também vem sendo vinculado ao turismo sexual, e como diferentes perspectivas e interesses estão em jogo nesse debate. Por último, o debate existente em torno do tráfico de pessoas e da migração pelas agendas feministas transnacionais, mostrando com esse debate está vinculado às velhas preocupações existentes em torno da prostituição.

2.1 A problemática e (des)construção do turismo sexual

A partir da década de 90, uma diversidade de estudos e pesquisas volta-se para o desenvolvimento do turismo voltado para o lazer e especificamente com fins sexuais, sobretudo nos países de “Terceiro Mundo”. Esse corpo de conhecimento

ressalta o turismo sexual como um reflexo das desigualdades sociais e econômicas entre os países do Norte e do Sul, reforçando privilégios e opressões, pondo em evidência a supremacia masculina (PISCITELLI, 2005b). Contudo, estudos mais recentes têm criticado essa percepção linear sobre o turismo sexual, trazendo novas configurações do turismo sexual no século XXI. Primeiramente, a ideia de que somente homens do “Primeiro Mundo”, geralmente velhos, viajam em busca de prazer sexual em países onde os preços são mais acessíveis e as mulheres e práticas sexuais mais abundantes é complexificada por pesquisas realizadas na África e no Caribe³⁷, onde as mulheres do Primeiro Mundo à procura de sexo superam o número de homens³⁸. Outro ponto a ser contestado é a ideia de pacotes turísticos organizados, pois as viagens turísticas também ocorrem de forma independente, homens ou mulheres solteiros viajando de maneira autônoma ou isolada. Também ressalta Piscitelli (2001),

[...] essas pesquisas contestam a adequação da idéia de prostituição, concebida em termos de serviços sexuais remunerados, indiscriminados e emocionalmente neutros, para pensar no conjunto de relações que surgem desses encontros sexuais entre turistas (homens *ou* mulheres) e locais. Procurando estabelecer marcos que permitam refletir sobre a diversidade de modalidades conhecidas desse tipo de turismo, algumas abordagens têm procurado conceitualizar o turismo sexual confrontando a associação linear, que se tornou habitual nos estudos sobre o tema, entre turismo sexual e prostituição. Nessa linha de pensamento, com a qual concordo, o turismo sexual é conceitualizado como experiência de viagem na qual a prestação de serviços sexuais da população local, em troca de retribuições monetárias e não monetárias, é um elemento crucial para a fruição da viagem. (PISCITELLI, 2001, pgs. 590-591) (*grifo original*)

Estudos como o de Kamala Kempadoo (2004), mostra como mulheres pobres usam o comércio sexual como um primeiro degrau para o casamento ou maior segurança financeira. Mulheres migrantes colombianas e dominicanas que trabalham no mercado do sexo em Curaçao desenvolvem relacionamentos com estrangeiros que podem levá-las ao casamento e conseguir a cidadania holandesa, o que lhes possibilita migrar ou continuar como trabalhadoras do sexo em Curaçao e viajarem para a Europa sem restrição. Essas mulheres desenvolvem estratégias para migrar ou conseguir uma vida melhor para elas e seus filhos. Kempadoo contesta a adequação da utilização da ideia de prostituição, para pensar nas relações que surgem dos encontros sexuais entre

³⁷ Ver KEMPADOO, Kamala (1999). Sun, Sex and Gold: Tourism and Sex Work in the Caribbean, Rowamand Littlefield.

³⁸ Sobre esse tipo de pesquisa no Brasil, ver CANTALICE, Tiago (2009). Feminismo, mercado do sexo e turismo: reflexões sobre as múltiplas faces e interpretações do sexo mercantil. Revista Bagoas, n. 03, p 145-178.

turistas (homens ou mulheres) e locais; contestando também a percepção da subordinação das pessoas que oferecem serviços sexuais nesses contextos.

O homem e a mulher local que direta ou indiretamente se envolve com o turismo sexual têm varias expectativas, desde receber dinheiro por passar uma noite até desenvolver o “turismo romance”, nos quais o relacionamento pode durar de alguns dias a alguns anos, podendo findar em casamento (BRENNAN, 2009; CABEZAS, 1999). Tanto Denise Brennan (2009), como Amalia Cabezas (1999), pesquisaram o turismo sexual na cidade de Sosúa, na República Dominicana, e as duas autoras chegaram a conclusões parecidas. Para Brennan (2009), as mulheres pobres no mercado do sexo não desenvolvem somente estratégias de sobrevivência, mas tomam vantagem das oportunidades na economia global do turismo, desenvolvendo estratégias de progresso. Segundo Cabezas,

Many of the women procure relationships with tourists that involve elements of friendship, sponsorship, and obligation. They enter into relationships with tourists that will provide them with monthly remittances long after the tourist has left his vacation heaven of Sosúa³⁹. (CABEZAS, 1999, pg.99)

Em pesquisa realizada na cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, Adriana Piscitelli também analisou o desenvolvimento de relacionamentos entre estrangeiros e nativas visando os mais diversos interesses. O fato do Nordeste do Brasil ter se tornado um roteiro almejado por turistas sexuais recentemente⁴⁰ e a forma particular como esse turismo se desenvolveu nesta região tornou difícil a existência de uma indústria do sexo organizada; os relacionamentos entre “gringos” e nativas ocorrem de forma difusa, sem que necessariamente aconteça na forma direta de pagamentos monetários em troca de serviços sexuais, envolvendo também o que Piscitelli chama de “ajuda” e de romance.

Vários elementos como o objetivo da viagem, sua duração e o tipo de encontros sexuais e relações estabelecidas, nos permitem relativizar a ideia da ligação

³⁹ Muitas mulheres procuram relacionamentos com turistas, envolvendo elementos de amizade, patrocínio e obrigação. Elas entram em relacionamentos com turistas que irão proporcionar-lhes remessas mensais por muito tempo após o turista deixar seu paraíso de férias de Sosúa. (tradução livre)

⁴⁰ “A partir do início da década de 1990, a intensificação do turismo internacional, vinculada à chegada de vãos diretos, tornou mais visível a prostituição voltada para estrangeiros no Nordeste do Brasil. Nesses anos, chegou-se à conclusão de que essa região tinha sido integrada no circuito mundial de turismo sexual. Assim, o Brasil começou a ser considerado um dos países da América Latina, Caribe e África que, nas décadas de 80 e 90, se tornaram novos alvos para os turistas sexuais.” (PISCITELLI, 2005b, pg.2)

entre prostituição e turismo. Sobre a nova literatura que vem sendo produzida sobre turismo sexual e prostituição, coloca Piscitelli (2006a)

[...] o ponto para o qual me interessa chamar a atenção é a relação entre os novos olhares sobre o trabalho sexual e o avanço da produção sobre turismo sexual. Essa literatura foi alargando seus campos de discussão prestando séria atenção aos contextos em que se produzem os contatos sexuais entre visitantes e nativos/os, tentando compreender as motivações e percepções tanto dos viajantes como da população local. Longe de aceitar visões monolíticas sobre a subordinação dos nativos/as que se relacionam com os turistas, essa literatura foi esquadrihando as diversas dimensões de agência acionadas no marco desses contatos. (PISCITELLI, 2006a, pg.8)

Tendo em vista esses novos estudos e pesquisas que problematizam a ideia difundida sobre turismo sexual, autores como Piscitelli (2007) e Blanchette (2005) tem criticado o uso do termo turismo sexual nas pesquisas sobre relacionamentos entre estrangeiros e mulheres maiores de idade. Segundo Piscitelli (2007), o conteúdo do que é o turismo sexual não está claramente delimitado, pois além de homens heterossexuais dos países do Norte procurando consumir sexo em países do Sul, há também viajantes que se integram no turismo doméstico, deslocando-se a procura de sexo, além de mulheres e homossexuais que também se relacionam sexualmente com *nativos* em viagens turísticas. Para Blanchette (2005),

[...] o turismo sexual parece ser definido no campo legal-jurídico brasileiro de forma diferente, como algo muito mais específico: a violação por estrangeiros das leis brasileiras que regulam o comportamento sexual, mais precisamente, as leis contra pornografia, sedução, estupro, corrupção de menores, atentado violento ao pudor e tráfico de mulheres. É mister salientar que a simples contratação dos serviços de uma prostituta maior de idade não configura, por si só, um crime e, portanto, não deve ser entendida como turismo sexual nesta acepção do fenômeno. (BLANCHETTE, 2005, pg.253)

Segundo Blanchette (2005), existe uma errônea articulação entre turismo, sexo e migração a exploração sexual e ao tráfico de pessoas, existindo uma tendência no debate a utilizar termos de denúncia ou acusação como categorias de análise. Ao fazer isso, se cristaliza e simplifica histórias humanas reais, situando agentes em papéis distintos de vitimizada e vitimizador, seguindo uma lógica moralista e machista. Para o autor, o termo turista sexual é inadequado para descrever os diversos tipos de *estrangeiros itinerantes sexualmente ativos*, pois o complexo de valores que orienta suas ações não pode ser claramente separado daquele que orienta os dos supostos turistas *normais*. E ainda tal discurso reduz as mulheres envolvidas a objetos passivos, bens que são potencialmente traficados.

Tais discussões nos permitem problematizar a visão simplista dos estudos sobre turismo sexual, que vinculam diretamente o envolvimento de turistas com mulheres ou homens locais à exploração sexual e à vitimização desses sujeitos, deixando de observar tanto os interesses e aspirações dos turistas ao procurar por sexo ou envolvimento amoroso no destino turístico, como também a agência de homens e mulheres nativos no relacionamento ou venda de serviços sexuais para turistas. Dando margem à voz e à experiência desses sujeitos nos estudos sobre prostituição e sexualidade, podemos ampliar o entendimento sobre os envoltimentos sexuais e afetivos entre turistas e nativos(as), e também compreender as dinâmicas existentes entre sexo, turismo e migração.

2.2 O turismo e sua interface com a exploração sexual de crianças e adolescentes

Fazendo um levantamento bibliográfico sobre turismo sexual na cidade de Fortaleza, pude perceber a preocupação crescente da ligação entre o fenômeno do turismo internacional e a exploração sexual de crianças e adolescentes na maioria dos estudos e pesquisas mais recentes sobre o tema. Além dos estudos acadêmicos, a relação entre turistas e crianças e adolescentes vem se tornando alvo de políticas públicas e de organizações da sociedade civil no Brasil. A partir dos anos 90 surge uma infinidade de termos para classificar o que está ocorrendo com o turismo em Fortaleza, como pornoturismo, prostiturismo, exploração sexual, turismo sexual (CAVALCANTE, 2011; COSTA, 2008; GONÇALVES, 2008; COLARES, 2006; COSTA, 2005; BOUERI, 2004; GONDIM, 1998). Apesar da falta de consenso entre Estado, sociedade civil e pesquisadores em relação ao fenômeno, várias medidas foram tomadas no intuito de minimizar as consequências da ligação entre turistas e crianças e adolescentes. Segundo Alencar (2007),

O problema da exploração sexual de crianças e adolescentes preocupa autoridades e membros da sociedade civil há vários anos, tendo sido objeto de diversas pesquisas realizadas por estudiosos do tema e objeto de investigação em Comissões Parlamentares de Inquérito, como a CPI da Prostituição Infantil, da Câmara Municipal de Fortaleza, em 1993; a CPI sobre o Turismo Sexual na Cidade de Fortaleza, da Câmara Municipal de Fortaleza, em 2001/2002; e a CPI sobre a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes, da Assembleia Legislativa do Ceará, em 2005. Além disso, entre 2003 e 2004, a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito do Senado Federal, que investigou casos de exploração sexual comercial de crianças e adolescentes em todo o país, apontou o Ceará como *locus* de incidência dessa problemática. (ALENCAR, 2007, pgs.168-169)

Pesquisadoras como Linda Gondim (1998), mostram as ambiguidades existentes na relação do que ela nomeia de prostituição, afirmando que além da necessidade material indiscutivelmente existente, outras necessidades também estão presentes na relação entre explorador sexual e explorado, como a necessidade simbólica do consumo e da mobilidade social. Também enfatiza, junto com outros pesquisadores (COSTA, 2005), que a maioria dos clientes de crianças e adolescentes que vendem sexo em Fortaleza são pessoas locais e não turistas, e neste aspecto não existe um consenso, pois pesquisas governamentais reforçam o contrário, que os turistas são os maiores consumidores do sexo infantil. Conforme a autora,

É duvidoso, porém, que no caso brasileiro, exista uma “prostituição infantil” associada ao turismo, pelo menos em larga escala e de forma organizada. Existem, sim, adolescentes que se prostituem com turistas. Certamente que há no Nordeste e em outras regiões meninas de rua impúberes praticando sexo em troca de dinheiro, mas tudo indica que os “clientes” dessas meninas não são turistas. (GONDIM, 1998, pg. 142)

Pesquisas ligadas a órgãos governamentais afirmam que o turismo sexual é um fenômeno que influencia diretamente a exploração sexual de crianças e adolescentes, o que possibilitou a iniciativa de uma série de medidas contra o turismo sexual no Estado do Ceará. Uma delas foi a CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) para investigar a prática de turismo sexual na cidade de Fortaleza realizada em 2002. O relatório da CPI liga diretamente a prática de turismo sexual à exploração sexual de crianças e adolescentes, realizando uma investigação da rede, agenciadores e locais onde a prática ocorre. Segundo o relatório,

O turismo sexual figura entre as formas de expressão das modalidades de exploração sexual comercial de meninos, meninas e adolescentes no Brasil, catalogadas no Relatório Final de pesquisa realizada pelo Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes - CECRIA. No mesmo relatório Fortaleza aparece como uma cidade onde, entre outras modalidades de exploração sexual comercial, se destaca uma rede de agenciamento - complexo de produção de prostituição, situada na Beira Mar, portanto, com fortes vínculos com o turismo. (CAMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2002, pg. 16)

O relatório citado pela CPI é do CECRIA (Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes), publicado em 1999, intitulado *A Exploração Sexual Comercial de meninos, meninas e adolescentes na América Latina e Caribe*. Tal relatório reforça a cidade de Fortaleza como um foco de exploração sexual, juntamente com outras cidades brasileiras, e confirma o turismo sexual voltado para a exploração

sexual de crianças e adolescentes. Situa a existência das seguintes modalidades de exploração sexual no Nordeste do Brasil: turismo sexual, exploração sexual comercial em prostíbulos, pornoturismo, prostituição de meninas e meninos de rua, prostituição em estradas. Sobre o turismo sexual, afirma o relatório,

A terceira (*rede*) inclui o turismo sexual e a pornografia, principalmente nas regiões litorâneas de intenso turismo, como as capitais da Região Nordeste do país. É marcadamente comercial, organizada numa rede de aliciamento que inclui agências de turismo nacionais e estrangeiras, hotéis, comércio de pornografia, taxistas e outros. Trata-se de exploração sexual, principalmente de adolescentes do sexo feminino, pobres, negras ou mulatas. Inclui o tráfico para países estrangeiros. (CECRIA, 1999, *grifo nosso*)

A situação de vulnerabilidade social de crianças e adolescentes envolvidas nessa rede de exploração é ressaltada como a principal causa que leva esses sujeitos a oferecerem sexo pago a pessoas locais, turistas nacionais e estrangeiros. A situação de pobreza, a violência doméstica intrafamiliar e extrafamiliar e o uso de drogas são elencados como fatores de risco, tornando crianças e adolescentes suscetíveis a todo tipo de exploração sexual, violência e trabalho infantil. Como ressalta Gonçalves (2008),

A periferia de Fortaleza, como em outras capitais do país, é formada predominantemente por pessoas de baixa renda, sem posto fixo de trabalho e com baixa qualidade de vida. É nesse contexto de vulnerabilidade socioeconômico e cultural que as crianças, adolescentes e jovens são aliciadas para o que se convencionou chamar de “turismo sexual”. A capital cearense apresenta localização estratégica em relação às rotas aéreas internacionais e há muito convive com a exploração sexual. A rede de exploração tem como suporte vários serviços situados em diferentes circuitos de exploração de caráter logístico-operacional, como hotéis, pousadas, flats, bares, restaurantes, boates, meios de transporte etc. (GONÇALVES, 2008, pg. 18)

Entretanto, a unilateralidade que acaba levando a ligação direta, primeiro, entre turismo sexual e exploração sexual de crianças e adolescentes e, segundo, a exploração sexual de crianças e adolescentes a situação de vulnerabilidade social, torna a análise causal simplista e dificulta a própria resolução do problema. Gondim (1998) acredita que outros fatores influenciam a motivação de crianças e adolescentes a entrar no mercado do sexo. Podemos pensar nessas motivações a partir da própria pesquisa governamental sobre a *Exploração sexual infanto-juvenil no turismo de Fortaleza*, realizada em 2008 pela Prefeitura Municipal de Fortaleza. Em relação aos resultados da pesquisa com crianças e adolescentes, uma passagem é emblemática.

Todos os participantes foram taxativos em afirmar que não existe EXPLORAÇÃO, visto que eles são recompensados, de forma financeira, pelo trabalho que desempenham. Alguns declararam que quem está na situação de explorado é o “cliente”, que paga pelos serviços. [...] Outro aspecto ressaltado foi o uso que eles fazem dos resultados financeiros e a relação destes com os motivos que os impulsionam a estar nessas condições. Neste aspecto, verificou-se que os depoimentos das crianças e adolescentes do grupo focal confirmam os dados que foram coletados através da entrevista, nos quais os motivos que mais se apresentam são: por necessidade econômica; por falta de dinheiro; porque queria “comprar coisas”. No entanto, este último fator é destacado na fala desses atores, que dizem com muita naturalidade que quando querem comprar um chinelo de marca ou uma roupa se reportam à prática do sexo pelo dinheiro. Afirmam que essas práticas estão associadas ao pequeno poder aquisitivo dos pais e aos desejos de consumo destes, que não caberiam em um orçamento limitado, ou direcionado a aspectos básicos da sobrevivência. Alguns salientam que mesmo comprando essas “coisas” ajudam em casa com o custeio do aluguel, da comida, do pagamento de água e luz. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2008, pg. 391, *grifos originais*)

O aspecto financeiro é evidente nas respostas das crianças e adolescentes envolvidos na pesquisa, mas outros fatores também foram ressaltados por elas como a questão do consumo e a própria falta de percepção sobre sua condição de explorado. Outra questão que também está presente na motivação não somente de crianças e adolescentes, mas também de mulheres e homens adultos envolvidos no mercado do sexo em Fortaleza, sobretudo quando falamos em turismo sexual, é o anseio de mobilidade social e de viajar para o exterior. Como nos afirma Gondim (1998),

Se, no caso das meninas de rua, a relação pobreza/ abuso sexual/ prostituição parece evidente, no caso da maioria das adolescentes envolvidas com o prostiturismo, tem-se a nossa hipótese de que somente de forma indireta as motivações das supostas “vítimas” se relacionam com a penúria econômica. Mesmo que grande parte delas seja oriunda de famílias pobres – e, aparentemente, há um número considerável de meninas de classe média baixa, que não estão morrendo de fome – a insatisfação de necessidades básicas não é o principal fator que as impele a se prostituir. Até porque se trata de uma prostituição *sui generis*, com expectativa fantasiosa de envolvimento amoroso e mesmo de casamento com um parceiro de condição social superior, preferencialmente, mas não necessariamente, um turista estrangeiro. (GONDIM, 1998, pg. 144)

Essa ligação direta entre turismo e exploração sexual de crianças e adolescentes está na maioria dos estudos e pesquisas sobre turismo sexual na cidade de Fortaleza, como citei acima. Certamente a exploração sexual de crianças e adolescentes é um problema muito grave e precisa ser solucionado, mas análises simplistas influenciam políticas públicas ineficientes. É necessário uma análise dos múltiplos fatores das motivações, sobretudo, dos indivíduos vitimizados (crianças e adolescentes), para um melhor entendimento de como se dá a dinâmica das relações sexuais entre

turistas ou locais e crianças e adolescentes. Para se entender o fenômeno do turismo sexual são necessárias análises mais complexas onde se considere os múltiplos determinantes, a estrutura de funcionamento existente e as motivações e expectativas dos nativos e nativas que se encontram nesse tipo de relação.

2.3 O turismo e sua interface com o tráfico de pessoas

Na pesquisa empírica realizada na cidade de Fortaleza, um dos pontos que me chamou a atenção foram as constantes viagens ao exterior que as mulheres envolvidas com o turismo internacional realizam. Busquei compreender quais as motivações e desejos dessas mulheres em relação à saída do Brasil para o exterior, seja para passar curtas temporadas ou um período maior de tempo, se prostituindo ou não, até mesmo realizando migrações. Essa questão me levou a outra problemática ligada ao turismo sexual em Fortaleza, também alvo das mais recentes políticas públicas e ações institucionais, o combate ao tráfico de pessoas.

O Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional relativo à Prevenção, Repressão e Punição, em especial Mulheres e Crianças, mais conhecido como Protocolo de Palermo, ratificado pelo governo brasileiro em março de 2004, define o Tráfico de Pessoas (artigo 3º, a), como

O recrutamento, o transporte, a transferência, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo à ameaça ou ao uso da força ou a outras formas de coação, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou de situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tem autoridade sobre outra, para fins de exploração. (BRASIL, 2004)

Importante ressaltar que o artigo 231 do Código Penal Brasileiro (CPB) tratava tão somente do crime de “tráfico internacional de mulheres”, mas sua redação foi alterada com a edição da Lei nº 11.106 de 28 de março de 2005 para abarcar o “tráfico internacional de pessoas”, não apenas de mulheres⁴¹. Em 2006, o Decreto Presidencial de número 5.948 de 26/10/2006, aprova a “Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas”. Essa Política, afinada com as formulações do Protocolo de Palermo, tem como objetivo estabelecer princípios, diretrizes e ações nas

⁴¹ “Dentre outras mudanças introduzidas com a edição dessa lei, destaca-se ainda a inclusão de um tipo penal específico para o tráfico de pessoas, quando este é desenvolvido em âmbito nacional apenas, sem ramificações internacionais. Tipificou-se, assim, o tráfico interno de pessoas (artigo 231-A do CPB)” (BRASILIA, 2007, pg.17).

áreas de prevenção e repressão ao tráfico de pessoas, bem como atenção às vítimas. Entre os requisitos necessários para o cumprimento dessas diretrizes contam-se: a articulação com organizações não governamentais (nacionais e internacionais); o fortalecimento da atuação nas regiões de fronteira, em portos, aeroportos, rodovias, estações rodoviárias e ferroviárias e demais áreas de incidência; a proteção, o atendimento e a re-inserção social das vítimas; fortalecer os serviços consulares na defesa e proteção de vítimas de tráfico de pessoas (BRASIL, 2007).

Desde então, uma série de pesquisas governamentais vem sendo realizadas, focando o tráfico de pessoas em âmbito internacional, e em âmbito nacional, como tráfico interno de pessoas. Em 2006, é lançado pela Secretaria Nacional de Justiça o relatório da pesquisa sobre indícios de tráfico de pessoas no universo de deportadas e não admitidas que regressam ao Brasil via o aeroporto de Guarulhos, e em 2007, é publicada a parte 3 da série Pesquisas em Tráfico de Pessoas, sob o título *Tráfico internacional de pessoas e tráfico de migrantes entre deportados(as) e não admitidos(as) que regressam ao Brasil via o aeroporto internacional de São Paulo*. A pesquisa que baseia essa terceira publicação foi realizada em 2006 e revelou resultados interessantes em relação a essa problemática no país.

Os resultados dessa pesquisa mostraram tendências relativas ao perfil socioeconômico, os estados de origem e residência e percursos migratórios das entrevistadas. O estudo foi relevante para perceber que, nesse universo, o percentual de pessoas deportadas era reduzido em relação às que tiveram o ingresso recusado no país de destino. O elevado índice de não admissão adquire sentido no marco da forte preocupação pela migração irregular na Europa. Nesse contexto, as brasileiras são frequentemente rechaçadas em virtude de sua estigmatização como prostitutas. [...] O grupo que afirmou ter trabalhado na indústria do sexo em diferentes países da Europa (entre as transgêneros, sobretudo na Itália) se concentrou entre as deportadas. Nesses casos, os resultados apontaram para o tipo de rede envolvida nos processos migratórios, frequentemente informais, de vizinhança, amizade e parentesco e do tipo de intermediações no Brasil e/ou no exterior, favorecendo viagens de mulheres e transgêneros para trabalhar na prostituição. [...] Apenas uma pequena parte do reduzido grupo de pessoas que declarou estar inserido na indústria do sexo aludiu a situações de coação, engano, violência, controle e ou restrição da liberdade na saída do Brasil, inserção no destino ou no marco no qual trabalharam na prostituição. (BRASIL, 2007, pg. 13)

Tais resultados nos levam a uma discussão muito recente, referente ao Protocolo de Palermo e suas definições e indefinições sobre o que se delineia como tráfico de pessoas, prostituição e imigração. Existe uma linha muito tênue entre esses três fenômenos que muitas vezes se confundem, e apesar de haver um consenso no que se refere a considerar o tráfico como envolvendo o transporte de pessoas por meio de

coação ou engano para inseri-las em condições de vida e trabalho exploradoras, inclusive exploração sexual, ou análogas à situação de escravidão; existem diferentes grupos de interesse, interpretações e agendas políticas relativas as disposições legais supranacionais (PISCITELLI, 2006b). De acordo com Piscitelli,

No que se refere aos governos, essas definições estão inseridas no marco do controle e prevenção do crime organizado transnacional e na preocupação pelas violações das leis de imigração. E vale lembrar que as acirradas discussões internacionais sobre o tráfico de pessoas têm lugar em contextos marcados pela obsessão com os migrantes dos países pobres. (PISCITELLI, 2006b, pg.4)

Segundo Dolores Juliano (2006), a Comunidade Europeia legitima e realimenta as fobias sociais, relacionando conceitualmente migração e delinquência, impondo condições que tornam muito difícil a imigração legal, através de leis cada vez mais rígidas; e quando se constata que a imigração está ocorrendo por vias ilegais, a identifica com as máfias internacionais e aplica medidas policiais. A sociedade receptora vê então confirmada seus preconceitos e pode ao mesmo tempo discriminar e explorar as pessoas que chegam do “Terceiro Mundo”. Sobre prostituição e migração, coloca Juliano,

En el caso de la migración autónoma femenina confluyen los viejos prejuicios contra la prostitución y la nueva situación de los desplazamientos de población sin la suficiente cobertura legal, lo que las obliga a ganarse la vida en ámbitos de trabajo precario y economía sumergida, lo que incluye diversas formas de trabajo sexual. Esto da campo para nuevas elaboraciones victimistas, desarrolladas por asociaciones abolicionistas que con el discurso de salvar a las mujeres de la esclavitud y de la trata, realmente les niegan su capacidad de actuar y de decidir, con lo que dificultan objetivamente la persecución de las redes mafiosas, al medir todas las infracciones con el mismo rasero.⁴² (JULIANO, 2006, pg.90)

É importante ressaltar que embora a legislação sobre tráfico no Brasil tenha como referência o Protocolo de Palermo, que não criminaliza a prática da prostituição voluntária, no Brasil o lenocínio é crime, e nessa perspectiva, o Código Penal (Cap. V, Art. 231, incisos 1, 2 e 3) considera tráfico de mulheres promover ou facilitar a entrada, no território nacional, de mulher que nele venha exercer a prostituição ou a saída de

⁴² No caso da migração feminina confluem os velhos preconceitos contra a prostituição e a nova situação dos deslocamentos da população sem a suficiente cobertura legal, o que as obriga a ganhar a vida em âmbitos de trabalho precário e economia submergida, o que inclui diversas formas de trabalho sexual. Isto dá campo para novas elaborações victimistas, desenvolvidas por associações abolicionistas que com o discurso de salvar as mulheres da escravidão e do tráfico, realmente lhe negam sua capacidade de atuar e de decidir, com o que dificultam objetivamente a perseguição a redes mafiosas, ao medir todas as infrações com o mesmo nível. (tradução livre)

mulher que vá exercê-la no estrangeiro, prevendo multas e penas adicionais nos casos em que há emprego de violência, grave ameaça ou fraude e fins de lucro. Dessa forma, qualquer pessoa que facilite a saída ou entrada de mulheres no seu país ou no estrangeiro pratica o crime de tráfico, e o consentimento livre não exclui o crime. *Considerando que, na prática, as/os migrantes sempre requerem e recebem ajuda, quase qualquer estilo de migração para trabalhar na indústria do sexo pode ser lido como tráfico* (CASTILHO *apud* PISCITELLI, 2006b, pg 5).

Sintetizando, no Brasil, há uma incorporação das lógicas supra e transnacionais, que se expressa na utilização da linguagem do Protocolo de Palermo. Ao mesmo tempo, vigora também a definição de tráfico do Código Penal. E, se o Protocolo de Palermo aparece como neutro em termos dos campos opostos de debate em torno à prostituição, o Código, na prática, aparece afinado com o espírito abolicionista de certas linhas feministas uma vez que, em última instância, a circulação através das fronteiras para trabalhar na indústria do sexo, na medida em que se conte com algum tipo de auxílio, é considerada tráfico. (PISCITELLI, 2006b, pg. 7)

Devemos ter cautela ao reduzir todo o tipo de deslocamento através das fronteiras para trabalhar no mercado do sexo como tráfico de pessoas. Através dos relatos das mulheres envolvidas no circuito do turismo internacional na cidade de Fortaleza e dos estudos já realizados, podemos perceber que elas desenvolvem estratégias para migrar ou viajar para o exterior, seja através de namorados estrangeiros ou redes de amizades, com objetivos os mais variados, não se envolvendo necessariamente com redes mafiosas⁴³.

O atual debate sobre o que é considerado tráfico ou imigração está ligado à velha discussão sobre a prostituição, especificamente em relação à defesa da abolição ou da sua regulamentação.

2.4 Abolição, regulamentação, descriminalização ou direitos trabalhistas na prostituição?

Vários autores que atualmente analisam as definições e agendas políticas nacionais e transnacionais (supranacionais) sobre o tráfico de pessoas, colocam o debate sobre o tráfico como um *continuum* do que se convencional chamar de “Tráfico de Escravas Brancas”, de fins do século XIX, reaparecendo na década de 1970 como

⁴³ As estratégias desenvolvidas pelas mulheres para migrar para o exterior são abordadas no quarto capítulo.

“escravidão sexual feminina” (KEMPADOO, 2005; AGUSTÍN, 2005; JULIANO, 2005; RAGO, 2005). Essa perspectiva vem de uma corrente feminista radical que liga o tráfico exclusivamente à prostituição, vista como a pior forma de opressão patriarcal e a forma mais intensa de vitimização de mulheres, dando prioridade a relações de gênero e tendo como premissa central que prostituição é “assédio sexual, abuso sexual e violência sexual” (KEMPADOO, 2005).

No processo de elaboração do Protocolo de Palermo, tal perspectiva foi defendida pela CATW (*Coalition Against the Trafficking in Women*), dando voz às abordagens abolicionistas, nas quais conceitualizam a prostituição como uma redução das mulheres a objetos comercializáveis, sempre necessariamente degradante e danosa para elas. *Essas posições não reconhecem uma distinção entre prostituição forçada e por livre escolha e sustentam que tolerando, regulando ou legalizando a prostituição os Estados permitem a violação dos direitos humanos* (PISCITELLI, 2006b, pg.4).

Do outro lado da arena, a perspectiva que Kempadoo (2005) chama de feminismo *transnacional* ou do *terceiro mundo*, ligado aos movimentos das trabalhadoras/es do sexo. Conceitualiza o tráfico como discurso e como prática que emergem das interseções de relações de poder estatais, capitalistas, patriarcais e racializadas com a operação da atuação e desejo das mulheres de darem forma às próprias vidas e estratégias de sobrevivência. Essa abordagem é defendida pela *Human Rights Caucus*, rejeitando a ideia de que prostituição é inerentemente degradante, considerando-a como uma forma de serviço, de trabalho, trançando nítidas distinções entre a prostituição voluntária exercida por adultos e a prostituição forçada ou infantil. A ideia central é que a exploração e o tráfico não se vinculam de maneira automática à indústria do sexo, mas são favorecidos pela falta de proteção dos trabalhadoras/es na indústria do sexo. Considera que quem trafica se beneficia da ilegalidade da migração e do trabalho sexual comercial (PISCITELLI, 2006b). Segundo Kempadoo (2005),

De qualquer maneira, levando em consideração a atuação e o trabalho sexual, o envolvimento em indústria sexual e em trabalho sexual no exterior aparecem como possibilidades a que as mulheres se dedicam voluntária ou conscientemente de acordo com parâmetros culturais, nacionais ou internacionais específicos. Assim, em lugar de definir a própria prostituição como uma violência inerente contra as mulheres, são as condições de vida e de trabalho em que as mulheres podem se encontrar no trabalho do sexo, e a violência e terror que cercam esse trabalho num setor informal ou subterrâneo que são tidos como violadores dos direitos das mulheres e, portanto, considerados como “tráfico”. (KEMPADOO, 2005, pg.62)

Tais perspectivas opostas sobre a prostituição refletem o debate atual entre as feministas abolicionistas e as profissionais do sexo, que juntamente com alguns segmentos acadêmicos, reivindicam direitos trabalhistas para a atividade.

Quando falamos em prostituição, o peso da marginalidade e da discriminação está sempre presente. Se pensarmos na luta feminista contra a exploração da mulher na sociedade patriarcal ou machista, as teses sobre o tema se centram na violência que se pode exercer sobre a prostituta e a degradação que esta atividade significa, muitas vezes separando o fenômeno das condições econômicas da sociedade em que este se produz. No entanto, muitas das mulheres que hoje reivindicam ser trabalhadoras do sexo consideram o que elas fazem uma atividade laboral entre outras possíveis e enfatizam seu caráter de opção econômica, e não moral. Como nos coloca Dolores Juliano (2005),

En el caso de las trabajadoras sexuales, se las ve como víctimas, siempre engañadas o manipuladas, y se las marginaliza de los colectivos profesionales o de las asociaciones vecinales. Se habla sobre ellas pero sin escucharlas. Tampoco se respeta su imagen en los medios de comunicación, ya que sólo son noticia cuando su situación particular permite reforzar los prejuicios previos. De una manera perversa, se manifiestan contra ellas los prejuicios raciales o étnicos y las condenas moralistas, cubierto todo ello de un lenguaje proteccionista.⁴⁴ (JULIANO, 2005, pgs.83-84)

O Movimento das Trabalhadoras/es do Sexo começa a articular-se a partir de meados de 1970. Em 1973, COYOTE, a agrupação estadounidense considerada pioneira nesse movimento, foi fundada por uma ex-trabalhadora do sexo. Ao longo da década de 1980 esses grupos se difundiram em diversas partes do mundo e, em meados dessa década, tiveram lugar os dois primeiros congressos mundiais de prostitutas, em Amsterdam e Bruxelas. Os debates desenvolvidos por esses movimentos são considerados uma ação política radical, concedendo às trabalhadoras do sexo o estatuto de agentes, engajando-se em discussões sobre as políticas da *agency*, da representação e do estabelecimento de alianças; contestando fortemente o estigma vinculado à prostituição, inclusive nas abordagens feministas; e afirmando a validade do trabalho sexual como intercâmbio de serviços específicos por dinheiro que deveria gozar de

⁴⁴ No caso das trabalhadoras sexuais, elas são vistas como vítimas, sempre enganadas ou manipuladas, e as marginalizam dos coletivos profissionais e das associações de bairro. Se fala sobre elas, mas sem escutá-las. Tampouco se respeita sua imagem nos meios de comunicação, já que somente são notícia quando sua situação particular permite reforçar os preconceitos. De uma maneira perversa, se manifestam contra elas os preconceitos raciais ou étnicos e as convicções moralistas, coberto todo ele de uma linguagem protecionista. (tradução livre)

respeito análogo ao concedido a outras ocupações do setor de serviços (PISCITELLI, 2006a). Sobre a questão da agência no trabalho sexual, diz Kempadoo (1997)

Despite the marginality and vulnerability of sex workers internationally, the notion of 'victim' is rejected by many who are currently working or researching the sex trade. Recognizing sex worker agency is a deliberate move to position sex workers as actors in the global arena, as persons capable of making choices and decisions that lead to transformations of consciousness and to changes in everyday life.⁴⁵ (KEMPADOO, 1997, pg. 28)

Kempadoo (1997) ressalta que a maior parte dos autores/as contemporâneos constrói a representação das prostitutas/trabalhadores/as do sexo de análises que são derivadas das lutas de mulheres do “Primeiro Mundo”, dos EUA e da Europa. Apesar de esses escritos serem importantes para revelar políticas de prostituição em algumas partes do mundo, e certamente, contribuir para uma maior compreensão sobre o trabalho sexual; sem historicização e contextualização geopolítica, corre-se o risco de universalizar o assunto a partir de experiências e locais delimitados. Falta, dessa forma, uma análise das relações internacionais e noções de diferentes construções culturais e significados de sexualidade e gênero. Segundo Kempadoo,

In an era when women can no longer be situated exclusively as victims, where Third World women speak for themselves in various fora, where increasingly analyses have shifted focus from simple hierarchies and dichotomies to the problematization of multiple spaces, seemingly contradictory social locations and plural sites of power, it would seem that the experiences, identities and struggles of women in the global sex trade cannot be neglected. It is in counterpoint to a North American-West European hegemony within contemporary feminist and prostitute writings about the sex trade that we must rethink and reconceptualize prostitution. (KEMPADOO, 1997, pgs. 29-30)⁴⁶

É com essa necessidade de se ouvir as vozes daquelas que estão inseridas no mercado do sexo e no circuito do turismo internacional na cidade de Fortaleza que esta pesquisa ganhou forma. Parto da perspectiva ressaltada por Kempadoo de que quem

⁴⁵ Apesar da marginalidade e vulnerabilidade das trabalhadoras/es do sexo internacionalmente, a noção de vítima é rejeitada por muitos que estão correntemente trabalhando ou pesquisando no mercado do sexo. Reconhecer a agência da(o) trabalhadora(o) do sexo é um movimento deliberado para posicioná-los como atores na arena global, como pessoas capazes de fazer escolhas e decisões que levam a transformações da consciência e a mudanças na vida cotidiana. (tradução livre)

⁴⁶ Em uma época em que as mulheres não podem mais serem situadas exclusivamente como vítimas, em que mulheres do “Terceiro Mundo” falam por si mesmas em diversos fóruns, onde cada vez mais as análises têm mudado seus focos de hierarquias simples e dicotomias para a problematização de múltiplos espaços, aparentemente contraditórias posições sociais e terrenos de poder plural, parece que as experiências, identidades e lutas de mulheres no comércio sexual global não pode ser negligenciada. É em contraponto a uma hegemonia Norte Americana/Oeste Europeu dentro do feminismo contemporâneo e os escritos de prostitutas sobre o comércio sexual que devemos repensar e reconceitualizar prostituição. (tradução livre)

pode melhor nos falar da experiência da venda de sexo são as próprias mulheres que tem nessa atividade uma fonte de trabalho, subsistência ou lazer. Busquei compreender a subjetividade e as motivações de mulheres que trabalham em boates, casas de massagem, clubes de acompanhantes e nas ruas, problematizando a identidade social e de gênero dessas mulheres e analisando as suas possibilidades e impossibilidades de agência dentro desse mercado.

Capítulo 3

Existe agência no mercado do sexo?

Táticas do sexo e subjetividades das meninas de babado

O debate sobre prostituição vem se expandindo nos últimos 20 ou 30 anos, quando preocupações feministas, da sociedade civil e do Estado se voltaram para o aumento do turismo sexual, da migração para trabalhar no mercado de sexo, e, sobretudo, da problemática da exploração sexual de crianças e adolescentes. No capítulo anterior, esbocei um panorama geral desse debate, e aqui traço os principais argumentos do debate feminista sobre a prostituição, para tentar compreender como a opressão e a agência são percebidas e trabalhadas por diferentes perspectivas feministas.

Desde os argumentos da perspectiva abolicionista, ligado ao feminismo radical, que vê a venda de sexo por dinheiro como opressiva, prejudicial e responsável pela objetificação do corpo feminino, para o qual não há qualquer tipo de consentimento por parte das mulheres (JEFFREYS, 1997; BARRY, 1995); até a perspectiva do *sex radicalism*, onde prostituição é vista como uma ação contra a exclusividade masculina do controle sexual ou uma expressão de emancipação, exploração ou empoderamento sexual (CHAPKIS, 1997), esboço de forma sintética o debate atual sobre a prostituição.

As perspectivas do *radical feminism* e do *sex radicalism* se desenvolveram já no começo do século XX e falavam a respeito da sexualidade da mulher, onde alguns grupos entendiam a sexualidade como um elemento para objetificar as mulheres e outros como uma arena de potencial liberação para a mulher. Segundo Piscitelli (2005c), as percepções sobre a prostituição em um ou outro extremo são diversificadas.

Num deles, a vinculação das mulheres com o sexo é percebida como a raiz de sua opressão e abuso. Assim, a prostituição é vista como um caso extremo do exercício abusivo do sexo, portanto, quem oferece serviços sexuais é percebida como inerentemente vítima da violência. [...] No outro pólo, [...] consideram a vinculação das mulheres com o sexo a fonte de seu maior poder. [...] a prostituta seria um símbolo de autonomia sexual das mulheres e, como tal, uma ameaça potencial ao controle patriarcal. (PISCITELLI, 2005c, pg.13)

Longe desse debate ter sido superado, ele ganha novo fôlego na arena internacional sobre questões como tráfico de pessoas e trabalho sexual. As feministas radicais consideram a prostituição uma violação de direitos, independente de saber se é forçado ou voluntário, e continuam lutando por sua abolição. Elas tiveram um impacto substancial sobre o desenvolvimento e a adoção de instrumentos e legislação anti-tráfico

em vários países e no nível internacional. O radicalismo sexual (como aqui vou chamar os *sex radicals*) oferece uma oposição à perspectiva abolicionista, mudando o foco para os direitos humanos das trabalhadoras e dos trabalhadores do sexo. As suas reivindicações e intervenções legais giram em torno da autodeterminação das(os) trabalhadoras(es) do sexo, incluindo condições de trabalho decentes e liberdade de movimento. O radicalismo sexual abrange uma coalizão de segmentos feministas acadêmicos, teóricos *queer*, movimentos de trabalhadoras(es) do sexo, se movendo além de uma tímida tolerância da diversidade sexual para um inconformismo sexual, reivindicando que a mudança da ideia sobre o sexo pode mudar o sexo em si e com ele o equilíbrio de poder na sociedade (SUTHERLAND, 2004).

O capítulo será dividido em duas partes. Na primeira, mais teórica, traço os principais argumentos do debate feminista sobre prostituição, analisando como os conceitos de agência e consentimento (livre escolha) vêm sendo trabalhados pelas perspectivas radical e liberal. Depois faço uma breve síntese do conceito de subjetividade em Foucault que nos ajuda a problematizar a ideia de uma identidade estigmatizada e vitimizada da prostituta, pensando numa subjetividade nunca acabada, sempre em construção. Por fim, a análise empírica, onde trabalhamos os conceitos de agência e subjetividade através dos relatos das mulheres, compreendendo a fluidez das suas identidades, suas sexualidades e experiências de gênero, e também como lidam com o corpo e a beleza.

3.1 Feminismo radical e feminismo marxista

O feminismo radical considera a sexualidade como a chave da desigualdade de gênero. De acordo com Catharine Mackinnon, a teoria feminista radical

[..] treats sexuality as a social construct of male power: defined by men, forced on women, and constitutive of the meaning of gender. Such an approach centers feminism on the perspective of the subordination of women to men as it identifies sex—that is, the sexuality of dominance and submission—as crucial, as a fundamental, as on some level definitive, in that process⁴⁷. (MACKINNON *apud* SUTHERLAND, 2004, pg.3)

⁴⁷ Trata a sexualidade como uma construção social do poder masculino: definida pelo homem, forçado sobre as mulheres, e constitutiva do significado de gênero. Tal abordagem centra o feminismo na perspectiva da subordinação das mulheres aos homens, uma vez que identifica o sexo – ou seja, a sexualidade de dominação e submissão – como crucial, como um direito fundamental, como em algum nível definitivo, nesse processo. (tradução livre)

Segundo Mackinnon, a sexualidade é para a teoria feminista o que o trabalho é para o marxismo. O trabalho sexual não pode ser visto como outro trabalho qualquer, com o mesmo risco de alienação e exploração do que outros, já que no sistema patriarcal a principal fonte de dominação masculina é a sexualidade. Desta forma, a prostituição seria uma forma de legitimar essa dominação, pois a mulher objetifica seu corpo para o desejo masculino. O sexo é visto como algo próprio à mulher, é algo natural e parte integrante do *self* e, portanto, mais prejudicial quando alienado do que em outras atividades. Para Kathleen Barry (1995), “commodification is one of the most severe forms of objectification; in prostitution it separates sex from the human being through marketing. Sexual objectification dissociates women from their bodies and therefore their selves”⁴⁸ (BARRY, 1995, pp.29-30).

Julia O’Connell Davidson (2002) critica as desigualdades sociais e políticas que formam as relações de mercado que dão base a prostituição. Questionando a legitimidade da venda do corpo para fins sexuais em uma transação comercial, a autora pergunta se o sexo pode ser comercializado da mesma forma como outro trabalho qualquer. Critica a posição de Wendy Chapkis (1997), que nega a ideia de perda do *self* através da prostituição, comparando o trabalho sexual com outros trabalhos emocionais como os realizados em cuidados e saúde, por exemplo. O’Connell Davidson refuta a visão de Chapkis, pois segundo a autora ao desconsiderar os custos humanos de se tornar o próprio instrumento de trabalho, omite-se a natureza exploradora e alienadora das relações de trabalho no capitalismo. A prostituta estaria abrindo mão dos seus desejos a favor dos desejos do outro, fixando ela mesmo como um objeto, pelo menos durante as horas de trabalho, tornando qualquer um que contrate os seus serviços um sujeito despótico.

Feminist abolitionists further imagine that in requiring a woman to temporarily fix herself as an object, prostitution permanently, completely and literally extinguishes her as a subject. This glosses over the important (and sometimes hugely painful) fact that people do not either literally become, or come to see themselves as, objects even when they are treated as such. It also ignores the immense political dangers that go along with refusing any group of people full subjectivity, even when one’s aim is to help or “save” that group. But the sex radical position on prostitution, which embraces despotic subjecthood as a delightful and ideal condition, is surely every bit as politically dangerous.⁴⁹ (O’CONNELL DAVIDSON, 2002, pg.92)

⁴⁸ Mercantilização é uma das mais severas formas de objetivação; na prostituição ele separa o sexo do ser humano através do mercado. Objetificação sexual dissocia as mulheres dos seus corpos, portanto de si mesmas. (tradução livre)

⁴⁹ Abolicionistas feministas imaginam ainda que requerer a uma mulher temporariamente fixar ela mesma como um objeto, a prostituição permanentemente, completamente e literalmente a extingue como um sujeito. Isto omite o fato importante (e, as vezes, extremamente doloroso) que as pessoas não querem,

As ideias defendidas pelas feministas radicais tais como Kathleen Barry (1995), Sheilla Jeffreys (1997) e Catharine Mackinnon (1989) sofreram influência da teórica feminista Carole Pateman (1983). Carole Pateman (1983) afirma que prostituição não deve ser considerada como um livre contrato entre sujeitos, porque na prostituição o que é vendido é o *self* e o corpo da prostituta, sendo então uma forma de escravidão. Criticando a ideia liberal de consentimento e livre associação, para Pateman, essa ideia cria uma falsa-consciência nas mulheres, enganadas em concordar com sua própria submissão sexual.

The assertion that prostitution is no more than an example of a free contract between equal individuals in the market is another illustration of the presentation of submission as freedom. Feminists have often argued that what is fundamentally at issue in relations between women and men is not sex but power. But, in the present circumstances of our sexual lives, it is not possible to separate power from sex. The expression of sexuality and what it means to be feminine and a woman, or masculine and a man, is developed within, and intricately bound up with, relations of domination and subordination⁵⁰. (PATEMAN, 1983, pg.564)

Tais argumentos estão hoje no centro dos debates contra a regulamentação da prostituição como trabalho e a favor da legislação anti-tráfico. Feministas contemporâneas “neo-abolicionistas”⁵¹ negam que a prostituição possa ser considerada uma escolha verdadeira ou uma “promulgação” legítima do desejo, porque toda prostituição é inerentemente violência contra a mulher, sendo nenhum consentimento possível. Como parte de uma reação defensiva para essa alegação, ativistas dos direitos das trabalhadoras do sexo argumentam que é necessário fazer uma distinção entre prostituição voluntária, a ser vista como um trabalho, e prostituição forçada, a ser vista como uma violência (DOEZEMA, 2005).

Esse debate reproduz muito das tensões do pensamento político liberal acerca da questão da livre escolha e do consentimento. O consentimento contratual

literalmente, tornar-se ou verem elas mesmas como objetos, mesmo quando elas são tratadas como tais. Também ignora o enorme perigo político que acompanha com a recusa de qualquer grupo como uma subjetividade completa, mesmo quando o objetivo é ajudar ou “salvar” o grupo. Mas a posição radical do sexo sobre prostituição que abraça a subjetividade despótica como condição agradável e ideal, é certamente tão politicamente perigoso quanto. (tradução livre)

⁵⁰ A afirmação que a prostituição não é mais que um exemplo de livre contrato entre indivíduos iguais no mercado é outra ilustração da apresentação de submissão como liberdade. As feministas tem frequentemente argumentado que o que está fundamentalmente em causa nas relações entre homens e mulheres não é o sexo, mas o poder. Mas, nas atuais circunstâncias de nossas vidas sexuais não é possível separar o poder do sexo. A expressão da sexualidade e do que significa ser feminina e uma mulher, ou masculino e um homem, é desenvolvido dentro, e complexamente ligada, as relações de dominação e subordinação. (tradução livre)

⁵¹ Expressão utilizada por Jo Doezema, 2005.

sempre foi tanto central como problemático para a teoria liberal. Ele é tido como a pedra angular das relações políticas e econômicas em uma sociedade democrática liberal, havendo debates sobre que tipo de contrato a pessoa pode legitimamente consentir e o tipo e grau de coerção ou pressão que pode legitimamente ser aplicado para extrair o consentimento de uma pessoa. Pensadores liberais ligam a capacidade de consentir a autonomia e a racionalidade, também se argumenta que certos tipos de pessoas não são qualificadas a conceder ou recusar o seu consentimento a arranjos políticos, sociais, econômicos ou sexuais. Enquadram-se nessa categoria de não capazes, crianças ou adultos que possuem algum tipo de doença mental ou deficiência, mas historicamente a mulher, pobres, povos colonizados e grupos raciais e étnicos minoritários (O'CONNELL DAVIDSON, 2008).

3.2 Consentimento e agência no trabalho sexual

A noção de consentimento defendida, tanto pelas feministas ligadas ao movimento das trabalhadoras do sexo como pelas próprias trabalhadoras do sexo, como algo que distingue o trabalho sexual de mulheres maiores de dezoito anos, daqueles considerados como tráfico, identificado pelo uso da força e da coerção, e exploração sexual de crianças e adolescente, tem sido a bandeira para reivindicar os direitos das trabalhadoras do sexo. Segundo Sutherland (2004), *sex radicals* não usam acriticamente a concepção liberal de consentimento, isto é, elas não fazem afirmações sobre o consentimento como se todos estivessem em igual posição de barganha de poder. Elas reconhecem que sexualidade e atividade sexual são experimentadas de maneiras complexas e contraditórias e que ela pode servir simultaneamente com um local de exploração e vitimização e como um local de subversão e agência.

Na agenda política feminista que se desenvolveu nos dois anos de negociação para a elaboração do Protocolo de Palermo⁵², as feministas ligadas à Human Rights Caucus, que considera a prostituição um trabalho legítimo, argumentaram que nem toda prostituição é opressiva e forçada, e que mulheres maiores de idade podem consentir e livremente escolher trabalhar no mercado do sexo. Desta forma, reivindicam que nem todo tipo de migração com fins de trabalho sexual seja considerado tráfico,

⁵² Em dezembro de 2000, mais de 80 países assinaram o “Protocolo para Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, especialmente mulheres e crianças” (Protocolo sobre Tráfico da ONU) em Palermo, Itália.

mas somente aqueles em que exista violência, engano, coação, abuso sexual, etc⁵³. Jo Doezema (2005) diz que a adoção do quadro forçado/voluntário das defensoras dos direitos das trabalhadoras do sexo no debate do Protocolo de Palermo mostra os laços estreitos entre essas ativistas e o feminismo, pois essa distinção foi uma tentativa de manter-se fiel à agenda feminista e não deixar de lado a violência contra a mulher. Prostituição forçada *versus* prostituição voluntária não foi uma rejeição da concepção feminista de prostituição, mas um refinamento dessa concepção.

As a conceptual framework for understanding sex work, the ‘voluntary/forced’ model, with ‘consent’ operating as the hinge between coercion and choice, had (has) a number of distinct advantages. By tying their view of prostitution as work to ‘consent’, sex worker rights activists and theorists were taking familiar concepts and applying them in unfamiliar territory. Combined with the ‘prochoice’ abortion rhetoric, familiar to a generation of feminists, sex workers and their feminist supporters were able to carve out a space in which certain sex workers could convincingly argue, using acceptable liberal feminist terms, for recognition of their liberal rights – as well as create a space for the ‘forced’ prostitute, denied her liberal right to ‘free choice’ of sexual contact and labour⁵⁴. (DOEZEMA, 2005, pg.71)

Contudo, a relação entre o movimento feminista e o movimento das trabalhadoras do sexo não é tão consensual. Organizações de trabalhadoras do sexo, assim como algumas feministas, desconfiam de qualquer forma de controle do Estado sobre a prostituição, pois historicamente todas as vezes que o Estado regulou qualquer aspecto do trabalho sexual, serviu mais como forma de coagir e controlar as trabalhadoras do que lhes garantir direitos fundamentais. Segundo Laura Agustín (2005), o Estado e a sociedade vitimizam as prostitutas construindo-as como pessoas que precisam ser resgatadas, primeiro no início do século XX através do pânico moral criado em torno do chamado tráfico de escravas brancas e que hoje se transformou no tráfico de mulheres.

Los enfoques que se dan en España son todavía de fuerte carácter moralizador. Parten de suposiciones sobre el lugar “correcto” del sexo (la casa de una pareja), sobre las “buenas” formas del sexo (con “amor”, en

⁵³ Para um aprofundamento sobre o Protocolo de Palermo, ver capítulo 2.

⁵⁴ Como uma estrutura conceitual para entender o trabalho do sexo, o modelo forçado/voluntário, com o consentimento operando entre a articulação entre coerção e escolha, tinha (tem) uma série de vantagens distintas. Amarrando a sua concepção de prostituição como trabalho para o consentimento, ativistas dos direitos das trabalhadoras sexuais e teóricas foram tornando conceitos familiares e aplicando-os em territórios desconhecidos. Combinadas com a retórica do aborto “pró-escolha”, familiar para uma geração de feministas, trabalhadoras do sexo e suas apoiadoras feministas foram capazes de conquistar um espaço no qual as trabalhadoras do sexo poderia argumentar de forma convincente, usando termos feministas liberais aceitáveis, para o reconhecimento dos seus direitos liberais – bem como criar um espaço para a prostituição forçada, negado seu direito liberal para a “livre escolha” do contrato e trabalho sexual. (tradução livre)

pareja y sin dinero) y sobre los conceptos occidentales acerca de la clase media, poco fáciles de imponer a personas de otras culturas (por ejemplo, la identidad personal o el yo, la autoestima, la dignidad del trabajo). Estos enfoques sólo se pueden seguir manteniendo mientras nadie preste atención a los discursos de los sujetos implicados⁵⁵. (AGUSTIN, 2005, pg.123)

Jo Doezema (2005) diz que após anos de experiência pessoal com mudanças legais bem intencionadas, as trabalhadoras do sexo se tornaram altamente céticas sobre os benefícios de qualquer nova legislação internacional sobre tráfico. Um elemento consistente do movimento dos direitos das trabalhadoras do sexo tem sido o argumento da descriminalização: *that all sex-work specific offenses should be removed from criminal law, and no new ones created*⁵⁶ (DOEZEMA, 2005, pg.76). Ao invés disso, diz a autora, as feministas têm defendido que as mesmas leis existentes sobre violência sexual e direitos dos trabalhadores devem ser aplicadas ao trabalho sexual. Este argumento reconhece que a manutenção das prostitutas como uma categoria separada na lei criminal reforça seu tratamento como “outsiders”, como pessoas para quem a proteção existente para outros não se aplica.

No Brasil, a partir dos anos 1990, o movimento feminista brasileiro se volta para a temática do tráfico, turismo sexual e exploração sexual de crianças e adolescentes, dessa forma incorporando a discussão sobre prostituição. Essas redes feministas se opõem a considerar prostituição como uma forma de trabalho, adotando uma postura abolicionista. Sofrendo influência de organizações feministas supranacionais, tanto o movimento feminista brasileiro como as leis e políticas brasileiras sobre tráfico de pessoas estão prescindindo dos movimentos de trabalhadoras do sexo espalhados por todo o país, as quais são atingidas diretamente com qualquer medida adotada. Os movimentos das trabalhadoras do sexo no Brasil surgem no final da década de 1980, hoje diversos grupos estão integrados em redes, como a Rede Nacional de Prostitutas e a Federação Nacional das Trabalhadoras do Sexo, que possuem posições divergentes em relação à discussão sobre a regulamentação/legalização da atividade. De acordo com Piscitelli (2008),

⁵⁵ As abordagens que se dão na Espanha são, todavia, de forte caráter moralizador. Partem de suposições sobre o lugar “correto” do sexo (na casa de um casal), sobre as boas formas do sexo (com amor, em casal e sem dinheiro) e sobre os conceitos ocidentais acerca da classe média, pouco fáceis de impor a pessoas de outras culturas (por exemplo, a identidade pessoal ou o eu, a autoestima, a dignidade do trabalho). Estas abordagens só se podem manter se ninguém prestar atenção ao discurso dos sujeitos envolvidos. (tradução livre)

⁵⁶ Que todos os delitos específicos para o trabalho sexual devem ser removidos do direito penal, e nenhum novo seja criado. (tradução livre)

De acordo com integrantes das duas redes, elas não foram chamadas para a consulta prévia à formulação da Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico. [...] parte delas percebe a discussão sobre tráfico de pessoas como mais uma maneira, referendada pela opinião pública, de combater a prostituição. Nesse sentido, o fato de que algumas organizações de prostitutas se insiram no movimento de combate ao tráfico, estimuladas pelo apoio de agências transnacionais de financiamento, aparece como um ponto de tensão entre as trabalhadoras do sexo. (PISCITELLI, 2008, pg.41)

Um problema relacionado ao ocultamento dos movimentos de prostitutas/trabalhadoras do sexo, é que para os movimentos feministas transnacionais abolicionistas, quando se fala em prostituição no “Terceiro Mundo”, noções de mulheres como vítimas de sistemas intensamente patriarcais são mais comumente difundidas. Kamala Kempadoo (1999) mostra as visões dicotômicas defendidas pelas feministas abolicionistas sobre as mulheres do “Primeiro Mundo” (países desenvolvidos), que podem realizar todo o seu potencial emancipatório como mulheres livres, e as mulheres do “Terceiro Mundo” (países subdesenvolvidos), vistas como excluídas da esfera pública e como propriedades dos homens. A partir dessa perspectiva, as prostitutas do Terceiro Mundo são retratadas como as mais vitimizadas e sem possibilidade de escolha e agência. Segundo Jo Doezema (2005), enquanto as trabalhadoras do sexo do Primeiro Mundo sofrem manifestações tanto de lamúria como de refutação por defender uma política de direitos para o trabalho sexual, as trabalhadoras do sexo do Terceiro Mundo são tratadas pelas feministas ocidentais como crianças e incapazes de falar por si mesmas.

Além das discordâncias do movimento feminista e do movimento das trabalhadoras do sexo em relação à regulação do Estado sobre o trabalho sexual, e sobre temas como o tráfico de pessoas e a imigração; críticas foram feitas a dicotomia trabalho forçado/ trabalho voluntário no mercado do sexo por criar duas categorias de prostitutas, aquelas que no primeiro caso precisam ser resgatadas e as do segundo que precisam de direitos trabalhistas. Segundo Leigh e Wijers (1998),

There is a gap between the anti-trafficking movement and the sex workers’ rights movement. While sharing concerns about abuse, sex worker organisations internationally object to the term “trafficking” because of stigmatisation and because it is used to restrict sex workers’ mobility and rights.⁵⁷. (LEIGH and WIJERS *apud* DOEZEMA, 2005, pg.71)

⁵⁷ Existe uma lacuna entre o movimento anti-tráfico e o movimento pelos direitos das trabalhadoras do sexo. Enquanto compartilham preocupações sobre abuso, organizações de trabalhadoras do sexo internacionalmente se opõem ao termo “tráfico” por causa da estigmatização e porque ele é usado para restringir a mobilidade e os direitos das trabalhadoras do sexo. (tradução livre)

Tanto Jo Doezema (2005), como as autoras Barbara Sullivan (2000) e Yenwen Peng (2005), sugerem o abandono da divisão da prostituição voluntária *versus* forçada agora dominante nos debates internacionais, para enfatizar mais as condições de trabalho das trabalhadoras sexuais do que as razões que fundamentam o consentimento dessas trabalhadoras. Segundo Yenwen Peng (2005), isso não implica a negligência da crítica moral do consentimento, mas ressalta a natureza relativa e contingente da ideia de consentimento. Focar sobre as condições de trabalho das trabalhadoras do sexo seria uma estratégia mais realista e viável para prevenir a vitimização das trabalhadoras do sexo.

A crítica à dicotomia da prostituição forçada *versus* prostituição voluntária está baseada no reforço do estigma que tal dicotomia traz para as trabalhadoras do sexo. Dividindo aquelas mulheres que foram “forçadas” a entrar no mercado do sexo ou por terceiros ou por condições de pobreza extrema, daquelas que entram no mercado por livre escolha, se cria mais uma visão dicotômica e reducionista do que é a experiência das mulheres do mercado do sexo, simplificando as condições estruturais e subjetivas que entram na balança quando se pensa em coerção e opressão ou consentimento e escolha por parte das mulheres.

Para Weitzer (2010), tanto a “perspectiva da opressão” como a “perspectiva do empoderamento” são unidimensionais e essencialistas. Segundo o autor, embora a exploração e o empoderamento estejam presentes no trabalho sexual, existem variações através do tempo, lugar e setor do trabalho sexual, para demonstrar que este não pode ser reduzido a uma ou a outra perspectiva. Sugere então a *polymorphous paradigm*, sustentando que há constelações de trabalho, relações de poder e experiências diversas, devendo-se estar sensível às complexidades e condições estruturais que moldam a distribuição desigual de agência, subordinação e controle dos trabalhadores (WEITZER, 2010).

Segundo Yenwen Peng (2005), somente através da estratégia de “normalização do trabalho sexual” podemos modificar o estigma que recai sobre a trabalhadora do sexo “voluntária”. Seguindo um reconhecimento feminista pós-moderno sobre o consentimento e a subjetividade, e admitindo que o consentimento nunca é naturalmente dado, mas construído através de contextos sociais, culturais, políticos e econômicos, podemos refletir criticamente sobre as hegemonias subjacentes e estruturas dominantes que confinam, se não determinam, o expresso “consentimento” das trabalhadoras do sexo.

3.3 Sexualidade e poder: Michel Foucault e a subjetividade

Michel Foucault (1988) problematiza os discursos e saberes sobre o sexo e os poderes de controle, regulação e produção da sexualidade através do dispositivo⁵⁸ da sexualidade. Criticando a hipótese repressiva do poder, ou seja, o poder visto somente como um mecanismo de dominação e repressão, traz uma perspectiva de poder como dispositivo e estratégia. O poder está disperso na sociedade através de uma rede microfísica, perpassando indivíduos e instituições, não somente regulando e controlando, mas, sobretudo, produzindo. O poder amplia o escopo do seu domínio, produzindo aquilo que controla, dando margem a uma dominação cada vez mais sutil onde o poder não é sentido como tal, mas é incorporado na subjetividade dos indivíduos, naturalizando processos que perpassam por mecanismos de poder.

Através da lógica do poder produtivo e da produção dos discursos sobre o sexo, Judith Butler questiona a noção de gênero tão cara a política feminista e também questiona a noção de identidade.

Como Foucault assinala, o sexo acabou por caracterizar e unificar não apenas as funções biológicas e os traços anatômicos, mas as atividades sexuais, assim como uma espécie de núcleo psíquico que dá pistas para um sentido essencial ou final para a identidade. Alguém não apenas é o seu sexo, mas alguém tem sexo, e, tendo-o, deve mostrar o sexo que 'é' mesmo que o sexo que se 'é' seja psiquicamente mais profundo e mais incomensurável do que o 'eu' que o vive jamais possa saber (BUTLER, 2008, pg.91-92).

A política feminista presume uma identidade feminina como representação de um sujeito estável o qual se quer libertar dos grilhões da dominação patriarcal e das desigualdades sexuais. Contudo, o sujeito pressuposto pela teoria feminista foi criticado de dentro do próprio movimento por não levar em conta elementos diferenciais, como posições de classe, raça ou etnia, cultura e contexto sócio-histórico onde se localizam esses sujeitos. Butler critica esse sujeito centrado da política feminista pela política representacional que ele sustenta com base na crítica foucaultiana do conceito de poder e pela crítica ao conceito de gênero.

⁵⁸ Dispositivo pode ser definido como: “1) É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. O dispositivo é em si mesmo a rede que se estabelece entre esses elementos; 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder; 3) É algo de geral (um *reseau*, uma "rede") porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico” (O que é um dispositivo?, Giorgio Agamben, 2005).

Para Butler, o conceito de gênero caíra em uma contradição ao se diferenciar do sexo como biologicamente determinado, pois se o gênero é construído culturalmente, não seria possível que o gênero tivesse arranjos múltiplos e independentes do seu sexo? Se a construção de gênero ocorre de forma binária, então ela não seria uma categoria tão fixa quanto o sexo? O gênero possibilita a naturalização do sexo, assim como a política da sexualidade produz o sexo em Foucault.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma inscrição jurídica); tem de designar também o aparato mesmo da produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (BUTLER, 2010, pg.25)

Tanto Butler quanto Foucault consideram o sexo como um meio “discursivo/cultural”, por meio do qual as identidades binárias são construídas e legitimadas. Essa estratégia discursiva problematiza as construções identitárias binárias, colocando em relevância o poder e as normas sociais na constituição da subjetividade dos indivíduos na sociedade atual.

Tal debate influenciou uma série de novos estudos feministas e pós-feministas que questionam o sujeito estável da metafísica da substância⁵⁹ e trazem novas questões sobre a constituição de subjetividades e identidades. Lloyd (2005) explora a ideia de sujeito em processo (*subject-in-process*), que reforça a inexistência de um indivíduo com uma natureza essencializada, mas que se constitui de formas variadas, sempre incompletas.

O sujeito constituído é um efeito do poder. Mas o poder em Foucault não deve ser compreendido como uma relação unilateral de opressores e dominados. A complexidade do conceito de poder foucaultiano nos permite compreender como esse sujeito é constituído e se constitui através dos dispositivos e das estratégias de poder. No artigo intitulado *O sujeito e o poder* (1995), Michel Foucault define a sua visão sobre a constituição da subjetividade através dos efeitos do poder. Para Foucault, o poder não deve ser visto somente como uma forma de dominação ou repressão, pois na sociedade moderna novos mecanismos e estratégias de legitimação do poder são postas

⁵⁹ “As concepções humanistas do sujeito tendem a presumir uma pessoa substantiva, portadora de vários atributos essenciais e não essenciais. A posição feminista humanista compreenderia o gênero como um *atributo* da pessoa, caracterizada essencialmente como uma substância ou um ‘núcleo’ de gênero preestabelecido, denominado pessoa, denotar uma capacidade universal da razão, moral, deliberação moral e linguagem” (Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, Judith Butler, 2010).

em circulação. Na História da Sexualidade (1988), Foucault nos mostra como o mecanismo da incitação ao discurso, como a prática confessional, por exemplo, é reformulada por várias instituições, como a ciência, a psiquiatria, a medicina, para controlar e regular as atividades sexuais dos indivíduos. Essa incitação ao discurso do sexo cria mecanismos cada vez mais sutis do poder, onde sexo, corpo e prazer se tornam constitutivos da subjetividade dos indivíduos. O poder não está nas mãos de um ou mais indivíduos e de uma ou mais instituições; o poder está difuso pela sociedade e é nela onde as relações e a incessante agonística pelo poder tem lugar. Nas palavras de Foucault, onde há poder, há resistência.

[...] o caráter estritamente relacional das correlações de poder. Elas não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão. Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. (FOUCAULT, 1995, pg.106)

Esclarecendo as contribuições foucaultianas e da discussão acima esboçada para a pesquisa, como podemos perceber, as análises sobre prostituição têm como principal preocupação as relações de poder que perpassam a vida das mulheres no mercado do sexo, sobretudo em relação à opressão ou a liberação sexual. Através da análise dos micro-poderes, podemos problematizar as relações de poder inerentes à vida das mulheres que fornecem serviços sexuais. A balança entre as formas de dominação e as formas de agenciamento no mercado do sexo é bastante complexa e o conceito de poder foucaultiano me possibilita visualizar o poder em sua forma micro, que perpassa as relações cotidianas, que produz aquilo que controla, mas que ao mesmo tempo abre margem a formas de resistência. Porém, resistência aqui não pode ser pensada como algo que está fora do poder, mas que só é possível dentro de suas relações.

O conceito de subjetividade em processo é extremamente relevante para problematizar a ideia de uma identidade estigmatizada e vitimizada da mulher que se prostitui ou que de qualquer forma está inserida no mercado do sexo. A ideia de um sujeito em processo que nega uma natureza essencializada e é constituído através de correlações de força nunca acabadas pode nos ajudar a compreender como a atividade da prostituição pode ser vista como um meio temporário e como as mulheres podem assumir diversos papéis perante a sociedade, como mãe, esposa, estudante, profissional, e ainda assim exercer uma atividade que exige assumir performances de feminilidade e saber administrar os riscos e a clandestinidade na venda de sexo.

3.4 Identidades: puta, garota de programa, acompanhante ou menina de babado?

A identificação das mulheres com o que habitualmente conhecemos como prostituição é muito fluida e escorregadia, no sentido de que elas mesmas compreendem o trabalho sexual como passageiro, uma forma de ganhar dinheiro ou mesmo uma diversão. As diversas formas como essas mulheres se definem revelam aspectos importantes dos seus trabalhos e suas próprias percepções sobre o que fazem. Como nos lembra Foucault, nada é fixo nem substancial, o que elas pensam hoje sobre o que fazem pode ser uma percepção passageira ou uma estratégia para lidar com o preconceito e com o essencialismo ligado aqueles que estão à margem da sociedade, pessoas vistas como desviantes.

Durante o trabalho de campo tive a oportunidade de conversar com mulheres tanto das ruas, como com aquelas que trabalham em clubes ou boates. Existe uma hierarquia nesses lugares, tanto em relação aos preços, como em relação à clientela, a exigência estética e também a postura das mulheres. Conforme podemos perceber na fala de Sara, 26 anos, que trabalha nas boates da beira-mar há dois anos.

Perguntei a Sara: se alguém perguntasse o que você faz atualmente, como você se definiria? Ela respondeu que garota de programa são as que ficam nas ruas, nas esquinas, que elas são acompanhantes. Perguntei se elas também dizem que fazem babado⁶⁰ e ela disse que sim, que elas chamam de babado e que elas se chamam de girl entre si. (Entrevista com Sara, 24.07.2012)

Através da colocação de Sara podemos perceber que existe uma preocupação das mulheres que trabalham nas boates da beira-mar em se diferenciarem das mulheres que trabalham nas esquinas. Perguntei a Sara se ela chamava o programa de babado porque as mulheres tanto dos clubes de acompanhantes como as que frequentam as boates da Praia de Iracema, costumam dizer que elas fazem babado e que as suas colegas são de babado, como uma forma de se diferenciar das garotas de programa.

Autores como Gaspar (1988) e Freitas (1985), já identificaram níveis de hierarquização entre os diferentes locais onde as mulheres oferecem serviços sexuais e o uso de diversos critérios por parte das mulheres para se diferenciarem socialmente e deslocar ou diminuir o estigma existente em torno da prostituição. Conforme Gaspar (1988),

⁶⁰ Babado significa fazer programa.

As garotas demarcam fronteiras e limites ao admitirem que de fato são prostitutas, mas que são diferentes, e portanto melhores do que as que fazem “ponto” em determinadas ruas ou as que usam drogas em excesso. O mecanismo de atribuir estigma a outras modalidades de prostituição é assim um elemento estruturante do processo de construção de identidade das garotas de programa. (GASPAR, 1988, pg.89)

Dentre as mulheres que trabalham na rua, algumas ressaltam que são trabalhadoras do sexo e outras que são garotas de programa. Grazy, 28 anos, que já trabalha há 11 anos nas esquinas, durante nossas conversas, sempre se identificou como garota de programa. Já Melissa se identificou como trabalhadora do sexo.

Perguntei para ela se ela sofria algum tipo de preconceito. Ela disse que não porque ela se considera uma profissional do sexo e que está dando duro para ganhar a vida, ninguém dá nada para ela. (Entrevista com Melissa, 23.07.2012)

A ideia de profissão ou de profissionalismo também está presente entre as mulheres que trabalham nas boates do centro da cidade, voltadas para um público mais popular. Suelen, que trabalha na boate Gata Garota, falou sobre a falta de profissionalismo de uma colega de trabalho.

Suelen nos disse que trabalhava em outras boates e que levou uma suspensão de uma das boates que trabalha porque deu um muro em uma colega de trabalho; porque segundo ela, essa colega não é profissional, estava fofocando dela, “se não sabe ser profissional, devia pegar um tanque de roupa pra lavar”. (Conversa informal com Suelen, 19.07.2012)

A fala de Suelen nos revela um aspecto importante da ideia da prostituição como profissão, pois ela identifica o seu trabalho nas boates o diferenciando do trabalho doméstico, realizado em casa e sem remuneração.

Bianca, baiana de 23 anos, que trabalha há oito meses nas boates da beira-mar, tenta omitir sua atividade para as pessoas que não fazem parte dos seus vínculos de amizade das boates, inclusive para seu noivo holandês. Segundo ela, ninguém na pousada onde ela vive atualmente, que se localiza bem próximo as boates da beira-mar, sabe que ela faz programa, e enfatiza “só levo gente decente para lá”. Sheron, 20 anos, atualmente não está mais fazendo programas, porque conheceu um italiano na beira-mar e ficou noiva dele há um ano, me contou sobre a sua amiga que faz faculdade e frequenta a boate Forró Mambo.

Exatamente, elas não vão querer né ser vista pela sociedade dessa forma, elas não querem isso entendeu, ser vista como garota de programa, putas que tão trabalhando, vendendo o corpo né pra pagar a faculdade né. Muita

gente sabe que existe mas elas jamais vão admitir entendeu, pelo menos eu, eu não me considero nessa situação porque eu tô com meu namorado, ele é meu namorado mesmo, como a gente tá com um compromisso sério talvez até dê até em casamento. (Entrevista Sheron, 25.07.2012)

Parte das mulheres que frequentam as boates da beira-mar negam a identificação como prostitutas. Para elas, ganhar dinheiro fazendo *babado* não é a mesma coisa de ser prostituta de rua, existindo uma necessidade de melhorar de vida ou ter um padrão de vida luxuoso⁶¹. Algumas cursam ensino superior e pagam seus estudos com o dinheiro dos programas⁶², possibilitando-as certa ascensão social; outras veem a venda de sexo como um meio de ter um negócio próprio; mas também existem mulheres que investem o dinheiro do trabalho sexual na manutenção ou melhoramento do corpo para poder continuar mais tempo nesse mercado. Adriana Piscitelli, em pesquisa realizada na beira-mar de Fortaleza no ano dois mil, também identificou essa mesma necessidade de diferenciação.

Esse universo feminino (*prostituição de rua*) diferencia-se daquele conformado pelas jovens de “melhor nível” que se relacionam, de maneira praticamente exclusiva, com visitantes internacionais. Essas últimas compartilham, entre si, certas características que as diferenciam visivelmente das protagonistas de prostituição “pobre”. Entretanto, sob o denominador comum estabelecido através dos relacionamentos amorosos/sexuais com os estrangeiros, há diferenças importantes, também, entre elas. Uma dessas diferenças reside no fato de muitas não trocarem dinheiro por serviços sexuais. Outra, não menos importante, é que, nesse conjunto diversificado de mulheres, tanto as mulheres analiticamente vinculáveis à prostituição como as que não, investem consideráveis esforços em diferenciar-se, através da corporalidade, dos estereótipos locais da prostituição. (*grifo nosso*) (PISCITELLI, 2000, pg.4)

Contudo, essa diferenciação identitária entre a prostitutas que trabalham nas ruas ou nas boates voltadas para um público das classes mais baixas, e aquelas que trabalham em locais fechados, clubes ou boates, voltadas para um público de classe média, média-alta e alta, e no caso da beira-mar, também para os turistas nacionais e

⁶¹ Segundo Piscitelli (2011a), a possibilidade das mulheres “acessem aos espaços de lazer das camadas mais altas, a passeios, diversão, presentes, vestidos caros, perfumes, salões de cabeleireiro e as almeçadas viagens para o exterior” (PISCITELLI, 2011a, pg.542).

⁶² “O número de estudantes da Inglaterra que recorrem à prostituição para financiar os seus estudos está aumentando, segundo dados divulgados pela União Nacional de Estudantes britânica (NUS, na sigla em inglês). De acordo com a organização estudantil, cortes promovidos pelo governo na ajuda de custo oferecida para estudantes do ensino universitário e o aumento dos preços de anuidades e do custo de vida no país vem contribuindo para a atual situação”. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/12/111214_prostituicao_estudantes_gb_bg.shtml, acesso em 25/01/2012. Não podemos simplesmente generalizar tal quadro para o Brasil, mas ele nos dá indícios de porque muitas estudantes, sobretudo de faculdades particulares, tem oferecido serviços sexuais para pagar seus estudos.

estrangeiros, deve ser relativizada. Diversos fatores podem contribuir para a negação das mulheres como prostitutas ou nomes afins, ou para a afirmação dessa identidade. A negação da identidade de prostituta pode ter diversos fatores: primeiro e, sobretudo, pela estigmatização e pelas consequências sociais advindas com a aceitação da condição de prostituta, como ser abandonada e negada por familiares, amigos e colegas, ou mesmo a perda de um emprego que se venha a ter fora do mercado do sexo, por exemplo; o planejamento de uma condição temporária na atividade da prostituição como meio para outra atividade mais bem vista socialmente ou de melhor remuneração ou/ e independência. Assumir a identidade de prostituta pode ser uma estratégia para exigir respeito, como no caso das trabalhadoras do sexo, tentando diminuir o estigma existente sobre elas e para reivindicar melhores condições de trabalho, dentre outros motivos que configuram as escolhas e a margem de agência dessas mulheres.

Encontrei mulheres que frequentam as boates da beira-mar que não negam serem garotas de programa ou prostitutas. Como nos coloca Barbara, 29 anos, que está há cinco nas boates da beira-mar.

Perguntei como era ser uma acompanhante, e ela disse que não entendeu a pergunta. Expliquei que algumas meninas da beira-mar falavam que eram acompanhantes, e ela disse que não, que era garota de programa mesmo, que não podia mentir, dizer uma coisa que não era. (Entrevista com Barbara, 18.09.2012)

Gessica, 32 anos, falando sobre Bianca, mulher com que eu estava conversando antes de encontrá-la, diz que não gosta dela porque ela não sabe ser “puta” e quer ser “melhor do que as outras”.

Kamila⁶³ disse que Bianca não fala com ela porque elas estavam ficando com uns gringos que eram amigos, e que depois o gringo que estava ficando com Bianca saiu com Kamila e ela ficou chateada e não fala mais com ela por causa disso. Gessica disse que não se pode negar o que se é, que quem nasce puta, morre puta, que todo mundo que estava ali era quenga, que ela era quenga, e ela falava isso gritando, as meninas da mesa de trás olharam para ela e Gessica perguntou para elas, é ou não é?, e elas não falaram nada. Reconheci algumas das meninas da mesa de trás da boate. (trecho do diário de campo, 24.09.2012)

Existe uma diversidade enorme no perfil dessas mulheres, tanto em relação ao nível sócio-econômico, algumas moram na periferia e são de classe média-baixa ou baixa, outras são de classe média e moram em bairros mais abastados da cidade;

⁶³ Estávamos em uma mesa eu, Kamila e Gessica.

algumas são evangélicas, outras católicas, adeptas de tradições afro-brasileiras; em relação a cor de pele, tem de branca até morena-escuro, as negras que encontrei são geralmente de outros Estados. Isso pode ser explicado pelo fato de que dos Estados do Nordeste, o Ceará é o que apresenta a menor população negra, segundo dados do IBGE.

A ideia de que os estrangeiros gostam de morenas foi defendida por várias mulheres. Vivian, que é branca, disse que as morenas e negras são bem feitas do corpo e que os *gringos* gostam. Sara é negra e veio do Rio Grande do Norte, diz não fazer programa com africanos, porque eles não querem pagar, segundo ela, *negro, só americano*. Já Bianca, que é baiana, dizem que as meninas sentem inveja dela por ela ser morena, mas que ela se sente feia comparada com outras baianas, que geralmente são *grandonas e tem um corpão*. Manu, do Rio de Janeiro, que atualmente trabalha na esquina da Av. da Abolição, e já trabalhou dez anos na Europa, fala de uma curiosidade pelo diferente.

Fernanda: Tu acha que eh por tu, por ser morena assim eles valorizam mais tua cor...

Manu: Não sei, não sei, isso ai é muito relativo porque... pode ser porque eu já tive na Europa, na Europa e realmente eles eles gostam, né, porque lá as pessoas são muito brancas, muito branca eh. Então eles estão acostumados aquela cor branca branca então de repente vê uma pessoa assim...

Fernanda: Diferente...

Manu: Exatamente. (Entrevista Manu, 20.07.2012)

Segundo Piscitelli (2000), para os visitantes, a cor morena é associada a “melhor mulher, mais ferosa e com maior mobilidade na cama”, e as mulheres são plenamente conscientes dessa preferência e jogam com essa racialização.

As garotas realizam negociações com esses estrangeiros no marco de relacionamentos que, no plano “global”, são extremamente desiguais. No entanto, vale observar não apenas que o poder flutua no âmbito das relações micro-sociais, mas também que alguns aspectos desses relacionamentos mostram as conseqüências positivas que eles podem ter no plano local. Eles permitem a algumas garotas ampliar esferas de decisão e influência, em termos de uma realidade (local) na qual gênero e classe se entrelaçam, tecendo as redes de desigualdade que as afetam. (PISCITELLI, 2005b, pg.20)

Diante dessa diversidade, não podemos traçar padrões e generalizar uma recusa ou aceitação da identidade de prostituta a todas as mulheres que frequentam a beira-mar e também aquelas que trabalham nas ruas ou em outros espaços. Essas mulheres jogam com suas identidades, se diferenciando das outras, daquelas que “realmente são prostitutas”. Como nos coloca Lloyd (2005), a noção de subjetividade em Foucault tem importantes implicações para se repensar a agência. Jogando fora a

idéia de que humanos tem um núcleo vital e assim aceitando a ideia de que sujeitos são constituídos, significa também jogar fora a ideia que a natureza humana é reprimida ou alienada. Não existe um *self* essencial que é distorcido ou negado pelas estruturas sociais, econômicas ou políticas, somente uma variedade de sujeitos constituídos e constituindo eles mesmos através de um jogo de discursos e práticas concorrentes.

These subjects may be differentially positioned, such that some are authorized to speak while others are deemed incompetent, and where the knowledge of some is deemed superior to the knowledge of others, thereby creating matrices of inequality and patterns of pathology and normality that encode populations (LLOYD, 2005, pg.23)⁶⁴.

Judith Butler (2002) aprofunda essa discussão colocando o gênero como um âmbito específico de regulação, que tem efeitos constitutivos sobre a subjetividade. *Sujeitado ao gênero, mas subjetivado pelo gênero, o “eu” nem precede, nem segue o processo dessa “criação de um gênero”, mas apenas emerge no âmbito e como a matriz das relações de gênero propriamente ditas* (Butler, 2002, pg.160).

3.4.1 Gênero e sexualidade

Judith Butler aprofunda a perspectiva foucaultiana, trabalhando um aspecto relevante para a compreensão das relações de poder na prostituição: as normas e as relações de gênero na constituição das subjetividades. A matriz heteronormativa define o papel e a identidade tida como legível através da dicotomia homem e mulher. Segundo Butler, os sujeitos incorporam essa matriz através de um ato performativo não totalmente consciente, onde as normas e papéis sexuais são legitimados desde a infância. Contudo, dentro do ato performativo e da matriz de gênero existe a possibilidade de deslocamento ou descontinuidade dessa estrutura, revelando as falhas e lacunas dessa construção binária. É em uma relação de coexistência com a zona do abjeto, aquilo que não é legítimo dentro da estrutura binária do sexo, mas necessário como espelho daquilo que é ou não aceitável na sociedade, que as identidades são construídas e desconstruídas.

Para Judith Butler, os limites discursivos do sexo/gênero geram condições de possibilidade para identidades tidas como inteligíveis dentro do binômio

⁶⁴ Esses sujeitos podem estar posicionados de maneiras diferentes, de tal forma que alguns são autorizados a falar enquanto outros são considerados incompetentes, e onde o conhecimento de alguns é considerado superior ao conhecimento de outros, dessa forma criando matrizes de desigualdade e padrões de patologia e normalidade que codifica populações. (tradução livre)

feminino/masculino, impossibilitando as *outras* possíveis identidades de gênero. A partir de ideia de sujeito performativo, Butler delimita seu conceito de subjetividade e corporeidade, encontrada, sobretudo, na sua obra *Cuerpos que importan* (2002). Butler esclarece que o sexo está ligado à noção de performatividade e como a materialidade do corpo é entendida dentro dessa lógica. Sendo o sexo um construto histórico demarcado por ideais regulatórios, a materialidade do sexo se dá através da reiteração dessas normas operada pela performatividade dos corpos. Sendo a materialidade do sexo instável, no processo de repetição da norma, há uma possibilidade de margem ou de ruptura que põe em cheque o ideal regulatório da heteronormatividade compulsória. Em suas palavras,

[...] "sexo" é um constructo ideal que é forçosamente materializado através do tempo. Ele não é um simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o "sexo" e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas. O fato de que essa reiteração seja necessária é um sinal de que a materialização não é nunca totalmente completa, que os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória. (BUTLER, 2000, pg.156).

No limite da norma sexo/gênero, o campo de exclusão é demarcado, onde aqueles corpos que não se enquadram dentro do domínio heteronormativo são considerados abjetos e negados na possibilidade de identificação.

Butler coloca questões importantes no que diz respeito à construção do sujeito sexuado, ajudando na problematização da experiência de mulheres que se situam na margem, que jogam com o seu sexo no mercado de bens simbólicos ou materiais. Como esses sujeitos constituem sua subjetividade e sua experiência com o corpo no emaranhado das relações do poder e na reiteração das normas de gênero? Dentro da possibilidade lógica de identificação e performatividade das normas de gênero, a feminilidade altamente sexualizada e erótica das mulheres no mercado do sexo pode ser considerada uma reiteração das normas de gênero ou está situado na zona do abjeto (como na patologização da prostituição há algumas décadas atrás), como impossibilidade de identificação?

Existe um jogo complexo nas interações entre homens e mulheres nas boates da beira-mar de Fortaleza. Se alguns autores já sinalizaram que dentro do

mercado do sexo, as normas de gênero são invertidas, onde a mulher assume a postura de caçadora e toma a iniciativa na paquera ou aproximação dos homens (GASPAR, 1988; OLIVAR, 2011); eles também ressaltam que a eficácia dessa estratégia é parecer que o homem tem o controle da situação e que ele é sempre o caçador e ela sempre a caça. *A sedução, enquanto ritual de interação e técnica do ofício, é fator fundamental de poder sobre o cliente. Ela é um jogo onde o homem é conquistado, mas no qual ele se supõe conquistador* (GASPAR, 1988, pg.102).

Apesar de ter presenciado muitas vezes nas boates da beira-mar as mulheres iniciando a paquera, de forma mais discreta ou incisiva, dançando sensualmente olhando para os homens que as interessavam e se aproximando dos estrangeiros, ouvi de algumas mulheres que “quem escolhe é o homem”. Debora, 36 anos, natural de Belém, Pará, me explica porque ela gosta de ficar mais quieta do que outras mulheres, que ficam na pista de dança “rebolando”.

Ela disse que quem escolhia com quem ia ficar era o homem, que mulher nenhuma poderia tirar um homem que quisesse ficar com ela, porque o gosto é dele, e que por isso ficava mais na dela. (trecho do diário de campo, 21.09.2012)

Vivian, 28 anos, que trabalha em clubes de classe média-alta e classe alta de Fortaleza, como o Club do Drink e o Club do Whisky, tem fotos em sites de acompanhantes, também frequenta as boates da beira-mar, comentou que tinha muita mulher que ficava “se oferecendo” para os homens nas boates porque “elas são feias”. Ela esperava que o homem a escolhesse, porque “ninguém obriga ninguém a ficar com ninguém”. Bianca, 23 anos, baiana, também comentou algo parecido.

Disse a Bianca para ela ficar a vontade se ela quisesse ir falar com ele (cliente), e ela disse que não, que não gostava de ficar indo atrás dos homens, porque além de ser tímida, ela achava que se o cara quisesse ficar com ela, ele viria atrás. Ela me mostrou como o holandês que ela estava saindo era brincalhão e gostava de dançar, ela disse que por isso deixava ele bem à vontade, que homem não gosta de mulher que fica em cima, que eles gostam de liberdade, e que ele pode dançar com outras meninas, mas que depois ele vem atrás dela. (trecho do diário de campo, 23.09.2012)

Essas afirmações nos levam a pensar que existe um reforço das normas de gênero nas interações entre as mulheres e os turistas, que elas assumem uma postura de passividade considerada feminina perante a paquera com os estrangeiros. Contudo, em outros momentos, essas mesmas mulheres se mostraram ativas nas escolhas dos seus parceiros, negando programas para homens que não lhe interessavam por causa da

aparência, idade ou nacionalidade, por exemplo. Em uma das noites que fiquei acompanhada de Vivian na boate, ela foi chamada por um homem, logo depois voltou e me disse,

“Tá vendo esses dois caras que estão atrás da gente? Eles são michês, um perguntou quanto eu queria para fazer um programa com ele, aí eu disse R\$300,00, porque sabia que ele não podia pagar e eu não quero sair com ele, ele disse para eu fazer mais barato e eu disse R\$200,00 e ainda tô fazendo desconto...” Ela riu e disse que não queria sair com ele por isso disse esse preço, que devia ter pedido era R\$500,00 que é o preço que ela cobra no site. (trecho do diário de campo, 28.09.2012)

Outra questão recorrente é a preferência das mulheres que frequentam as boates da beira-mar pelos estrangeiros. Segundo as mulheres, os motivos são principalmente porque os estrangeiros são mais românticos, pagam melhor e são menos machistas. Já os brasileiros, na percepção das mulheres, querem pechinchar no preço, exigem muito e ainda são muito machistas. Manu, do Rio de Janeiro, estava passando uma temporada em Fortaleza, trabalhando na esquina da Av. da Abolição, me relatou sua preferência pelos “gringos”.

Manu: Hummm prefiro ser gringo mesmo sabe...

Fernanda: Eles pagam melhor?

Manu: Hummm não são todos que são... tem uns gringo... Não é questão de ser pagar melhor, também mas... os brasileiros, ah eles são demais, tudo com eles é.. é botar um problema, quer isso ou quer aquilo, quer pagar muito pouco, quer exigir muito, então eu... eu já... eu já não tenho tanta paciência como antes... Isso me cansou, então já começa a me estressar, prefiro trabalhar com gringo mesmo... cansei (risos). (Entrevista com Manu, 20.07.2012)

Thaddeus Blanchette (2005) identificou nas boates do Rio de Janeiro tanto a iniciativa das mulheres na aproximação dos estrangeiros e também a preferência delas pelos “gringos”. Segundo o autor, os papéis normativos de gênero são parcialmente invertidos dentro das boates, *vários de nossos informantes dizem ter experimentado algo semelhante ao que imaginam ser ‘a vida de uma estrela de rock: as mulheres caem em cima de você e não te largam’* (BLANCHETTE, 2005, pg.261). Blanchette (2011) ressalta que não somente as mulheres envolvidas na prostituição, mas também mulheres “normais”, preferem os “gringos” por eles serem mais carinhosos, mais respeitosos e menos machistas do que os brasileiros. Sheron, que atualmente namora um italiano e não faz mais programa, assim como boa parte das mulheres que frequentam as boates na beira-mar de Fortaleza, enfatizam sempre a preferência pelos estrangeiros.

... as mulheres gostam de sair mais com os turistas de fora do que com os daqui, que com os brasileiros entendeu, porque os brasileiros tem a fama de não pagar entendeu, e os lá de fora, eles pagam bem, eles dão presentes, eles são mais, tratam melhor a mulher entendeu, os daqui não, eles tratam você como uma puta mesmo, o jeito que ele olha pra você, o jeito que ele lhe trata, ele jamais sairia com você prum restaurante, muito difícil em casos, a não ser que ele gostasse muito de você, e os gringos não, por eles já também não ter ninguém conhecido por aqui né, tá em viagem, acho que não tem nenhum problema pra eles né. Eles sai, eles levam você pra jantar num restaurante, tratam você assim bem, eles não lhe tratam como uma garota de programa, eles tratam como se tivesse saindo com você, fosse um “fica” e elas, a preferência delas mesmo é os italianos, as garotas de programa gostam mais dos italianos... italianos e holandeses. (Entrevista com Sheron, 25.07.2012)

É interessante notar, como Blanchette (2011) identificou, existem variações nas preferências das mulheres, tanto em relação a nacionalidade, como “variam de acordo com o valor das moedas estrangeiras e/ou com a nacionalidade do homem com quem a garota está falando” (BLANCHETTE, 2011, pg.81). Bianca, que frequenta exclusivamente as boates da beira-mar, me falou sobre as suas nacionalidades preferidas, e da sua repulsa aos italianos.

Falou que ele (cliente holandês) era muito diferente do namorado dela, que o namorado é muito sério, que não dá bola para as meninas que vem dar em cima dele, e que isso era bom, mas que ele não gostava muito de dançar. Eu brinquei dizendo que ela gostava de holandeses, e ela disse que só sai com holandês, norueguês, francês e suíço, não gosta de sair com italianos porque eles competem com os brasileiros no sentido de tratar mal e não pagar direito. (trecho de diário de campo, 18.09.2012)

Outro aspecto também presente na fala das mulheres, além das preferências em relação à nacionalidade, é se o estrangeiro é novato ou veterano. Segundo Blanchette (2011), existe uma diferença entre os *gringos* de primeira viagem no Brasil e aqueles que são considerados pelas garotas de programa como “fariseus”, estes já entendem como funcionam o esquema dos programas e o valor, e começam a agir como os brasileiros, querendo barganhar o preço e às vezes até deixar de pagar. Já o *gringo bom* é aquele desejado pelas mulheres, pois é inexperiente, “alegre e bobão”, feliz por ter muitas mulheres querendo se relacionar com ele, as trata bem e paga sem pechinchar. Em Fortaleza, os gringos veteranos são chamados pelas garotas de *cafuçu*⁶⁵.

⁶⁵ Expressão regional que significa indivíduo sem qualquer qualificação; sujeito preguiçoso, inútil; tipo deselegante, mal-ajambrado, que é atarracado ou tem algum defeito físico. (Dicionário Houaiss)

Hunrum... é, muitos deles falam que é porque assim, eles que vem pra cá, os que vem de primeira viagem, elas preferem os que vem de primeira viagem porque os que já vieram muitas vezes, eles começam a ficar mala e tal entendeu. Eles começam a ficar sabendo como é o movimento todo, como é que funciona, querem pagar pouco e tudo né. Ai elas preferem mais os que vem de primeira viagem, os que não entendem, não sabem de nada, porque elas podem cobrar mais caro. Eles não tem noção do preço, não tem noção de como funciona, porque os que vêem muito elas chamam de “cafuçu”, é os famoso “cafuçu”... (Entrevista com Sheron, 25.07.2012)

Já para as mulheres que trabalham em outros locais, como clubes ou casas de massagem, além das boates da beira-mar, a preferência muda completamente. Para Vivian, que trabalha em clubes, e para Myli, que já frequentou as boates da beira-mar e agora trabalha na casa de massagem Belíssima, sua preferência são os clientes brasileiros. Os clubes e as casas de massagem voltadas para as classes média, média-alta e alta na cidade de Fortaleza tem nos brasileiros a maior parte de sua clientela, os estrangeiros são uma minoria. Possivelmente, o maior contato com os brasileiros dentro desses locais, e também outros motivos elencados por Vivian e Myli esclarecem a preferência dessas mulheres. Vivian, diferentemente do que é ressaltado por boa parte das mulheres que trabalham nas boates da beira-mar, fala que os estrangeiros são violentos, o que me foi confirmado por Seu José, taxista.

Entramos no taxi eu, Vivian e sua colega, o estofado do carro estava molhado. Seu José disse que tinha sido um “filho da puta” de um gringo que havia derramada úsque no estofado e que o gringo vinha batendo na cara de uma menina novinha que vinha com ele no carro, disse que ela chorava e que ele batia nela para ela parar. Vivian disse que por isso não saia com gringos, que eles eram muito violentos. Seu José continuou dizendo que as meninas que saem com eles gostam de apanhar porque sabem que eles são desse jeito. (trecho do diário de campo, 18.09.2012)

Myli, 28 anos, natural de Belém, já vive há quatorze anos em Fortaleza, me relatou um episódio marcante que a fez mudar seu tipo de clientela.

Myli me contou que um homem morreu “em baixo dela”. Ela estava com um gringo relativamente jovem fazendo programa em um motel, quando ela estava na posição em cima, ele começou a espumar e se tremer. Ela pensou “esse homem vai morrer”, saiu de cima dele, como tinha observado onde ele deixou o dinheiro, pegou somente a quantia relativa ao seu programa e foi embora, deixando o homem lá. Desceu e passou pela portaria, o cara da recepção perguntou se estava tudo bem no quarto e ele disse que teria que conferir. Ele interfonou várias vezes para o quarto mas ninguém atendeu. Então ele disse que teria que subir no quarto e que ela não poderia sair, quando eles chegaram lá, o homem já estava morto. Eles chamaram a policia e ela passou um dia detida até a pericia detectar que ele morreu por uso de drogas via nasal. Ela disse que o caso repercutiu nos jornais de Fortaleza, mas que sua foto não foi divulgada e que agora ela tem ficha na policia por esse caso. Depois disso não quis mais trabalhar na Praia de

Tracema porque não quer mais sair com gringos porque eles costumam usar muitas drogas. (Entrevista com Myli, 17.07.2012)⁶⁶

Se existe um reforço dos estereótipos e dos papéis de gênero dentro do mercado do sexo, podemos pensar nessa afirmação como uma *performance*, um ato não totalmente consciente, mas com possibilidades de ruptura. A problematização da identidade da mulher perante o mercado do sexo e a sociedade, a relação diferenciada em relação às intencionalidades, a finalidade de se prostituir e os múltiplos papéis que elas assumem na sociedade, nos leva a um conceito de agência que está dentro das relações de poder e nas possibilidades de ressignificação da prostituição para as mulheres que vendem ou negociam serviços sexuais. Entendendo que a margem de agência dessas mulheres é limitada e muitas vezes ditada por questões estruturais, a agência como algo possibilitado dentro das relações de poder, e não fora dele, nos possibilita compreender as nuances de questões estruturais juntamente com a agência dessas mulheres. Conforme Butler,

A agência denotada pela performatividade do "sexo" será diretamente contrária a qualquer concepção de um sujeito voluntarista que exista separadamente das normas regulatórias às quais ela ou ele se opõe. O paradoxo da subjetivação reside precisamente no fato de que o sujeito que resistiria a essas normas é, ele próprio, possibilitado, quando não produzido, por essas normas. Embora esse constrangimento constitutivo não impeça a possibilidade da agência, ele localiza, sim, a agência como uma prática reiterativa ou rearticulatória imanente ao poder e não como uma relação de oposição externa ao poder. (BUTLER, 2002, pg122)

O ato performativo é o que possibilita a identidade de gênero dentro da sociedade heteronormativa. Segundo Butler (1995), a performatividade aparece para expressar uma intenção anterior, *a doer behind the deed*, sendo a agência somente legível como um efeito daquela expressão. Para trabalhar a performatividade, devemos mobilizar e recitar um conjunto de convenções linguísticas as quais tem tradicionalmente trabalhado para obrigar ou engajar certos tipos de efeitos. A força ou efetividade da performatividade será derivada de sua capacidade de inspirar ou recodificar a historicidade dessas convenções no ato presente. Este poder de recitação não é uma função de uma intenção individual, mas o efeito de convenções linguísticas sedimentadas historicamente.

Se a base da identidade de gênero é a repetição estilizada de atos através do tempo, e não uma identidade aparentemente perfeita, então, as possibilidades

⁶⁶ Sobre a questão da violência e das drogas, ver capítulo 4.

de transformação do gênero devem ser encontradas na relação arbitrária entre esses atos, na possibilidade de uma forma diferente de repetição, na quebra ou repetição subversiva desse estilo (BUTLER *apud* GRUNVALD, 2009, pg.37).

Então, se a quebra ou ruptura da identidade de gênero somente pode ocorrer dentro da matriz heteronormativa, a possibilidade de agência existe, dentro do poder, e não fora dele. Nesse sentido, podemos dizer que tal ruptura é possível tanto através da agência das mulheres no mercado do sexo, que performatizam os seus papéis de gênero, como em um âmbito da vida das mulheres que fogem as regras de gênero impostas pela sociedade heterossexual. Pode identificar que parte das mulheres que trabalham tanto nas boates como nas esquinas tem relações afetivas/sexuais com outras mulheres.

Tanto Manu como Anita já tiveram relacionamentos afetivos homossexuais, inclusive morando junto com outras mulheres. Manu disse ser homossexual e somente ter relações sexuais com homens por trabalho, já Anita, diz ser bissexual, pois apesar de morar com sua companheira no momento da entrevista, desenvolve relacionamentos afetivos com homens. Manu durante toda a entrevista ficou muito reticente em relação às perguntas que lhe fazia, e somente quando eu estava agradecendo pela disponibilidade de me conceder uma entrevista, ela falou sobre sua preferência afetiva por mulheres.

No fim da conversa, quando pensei que não fosse conseguir mais nenhuma informação dela, já que ela estava sendo sempre muito rápida nas respostas, depois que agradei a ajuda e disponibilidade dela, ela me pediu para desligar o gravador porque ela queria me dizer algo que ela não queria que fosse publicado. Depois de desligar, ela me confessou que gosta de mulher. A amiga de quem ela tanto havia falado que está na Espanha e vem pro Brasil encontrar com ela para quem sabe dar uma oportunidade para ela sair da prostituição foi namorada dela no tempo em que ela estava na Espanha. Segundo Manu, elas viveram juntas na Espanha por um bom tempo e que ela está vindo daqui há dois meses encontrar com ela. Monica confessou estar ansiosa porque elas não se veem desde que ela voltou de lá. Perguntei então se ela era bissexual ou se ficava com homens só pelo trabalho. Ela disse “é mais pelo dinheiro mesmo, eu gosto é de mulher”. (Entrevista com Manu, 20.07.2012)

Mulheres homossexuais trabalhando no mercado do sexo não são incomuns. Danieli Bezerra (2009) escreveu sua dissertação sobre prostitutas entendidas que trabalham em bordéis no Rio Grande do Norte. O termo entendida se refere a mulheres homossexuais. Segundo Peter Fry (1982), o surgimento da categoria entendida relaciona-se com uma transformação social das classes alta e média-alta das grandes metrópoles do país e em consonância com os movimentos de libertação sexual nos Estados Unidos e na Europa na década de 1960. O termo entendido enfatiza a liberdade

dos homossexuais e afirma-se como uma espécie de correlato ao termo gay pelos movimentos (homo)sexuais americanos e europeus. Bezerra (2009) fala que esse termo foi apropriado pelas lésbicas, mas não somente aquelas das classes médias, pois suas entrevistadas pertencem a classes populares.

Porém, dentre as minhas entrevistas, somente Manu declarou ser homossexual, o que percebi é que boa parte das mulheres tem relações bissexuais, e que também não se recusam a utilizam essa preferência nos programas. Anita, na época da entrevista, morava com uma companheira há um ano e três meses, mas atualmente elas estão separadas e Anita está trabalhando na praia de Pipa, em Natal, Rio Grande do Norte.

Já fiz programas com namorada de cliente e o cliente. Tem uma que gosta muito de mim, que sempre me procura, porque a gente sempre combina direitinho o que ela quer fazer pro namorado. (Entrevista com Anita, 13.08.2010)⁶⁷

Em algumas ocasiões, percebi o interesse de algumas mulheres por mim, algumas de forma mais explícita, me perguntando se eu era entendida e “dando em cima de mim”, e outras de forma mais discreta. Grazy, que trabalha na esquina da Av. da Abolição, tem um caso de muitos anos com um taxista e tem um filho dele, me confessou também gostar de mulher e de *ficar* com uma amiga quando ela vai na casa dela. Anita me confessou que nos meses “fraco” de programa, a companheira dela sempre a ajudava financeiramente.

Certamente, a forma como essas relações se desenvolvem, a homossexualidade ou a bissexualidade dessas mulheres, e como essas preferências sexuais entram ou não no mercado do sexo, são temas ainda pouco explorados e merecem uma maior atenção por parte dos pesquisadores. Como nos coloca Bezerra (2009), a bissexualidade e a homossexualidade das mulheres que trabalham no mercado do sexo permanecem insuficientemente problematizadas enquanto categoria e pouco explorada no campo das pesquisas sobre sexualidade.

3.4.2 Corpo e beleza

Os valores dos programas variam enormemente nas diversos lugares onde os serviços sexuais são oferecidos, tanto na rua como em locais fechados, como clubes,

⁶⁷ A entrevista com Anita foi realizada durante a pesquisa exploratória para a realização do projeto de mestrado em 2010.

casas de massagem, boates, etc. Segundo Gaspar (1988), a perspectiva de mobilidade e de status social das garotas também varia dependendo das possibilidades de ganho. O tipo de frequentadores relacionado ao seu nível socioeconômico escalona as boates, o horário de trabalho e também os agentes da atividade. Nas negociações pelos valores e práticas sexuais do programa, as mulheres assumem o papel de agente, determinando como vai dispor do seu corpo, quanto tempo vai ficar com o homem e quais os serviços sexuais serão prestados (PASINI, 2005).

Como ressalta Piscitelli (2004), os relacionamentos entre mulheres e estrangeiros no circuito do turismo internacional em Fortaleza não se resumem ao programa, muitas mulheres não estipulam o valor para passar uma noite com estrangeiros, muitas vezes recebendo presentes e ajudas financeiras, às vezes desenvolvendo relacionamentos mais duradouros. Mas têm mulheres que também fazem programas, estipulando preços por determinado tempo, como pude presenciar entre algumas negociações. O valor médio dos programas nas boates da beira-mar⁶⁸ é R\$150,00 a hora, mas sempre há uma negociação na tentativa de aumentar esse valor. Segundo Sheron, “sempre tem cliente que paga mais”. Já Barbara disse que cobra R\$200,00 ou R\$250,00, que ela não faz programa por menos de R\$200,00. Às vezes, elas recebem o pagamento em euro ou dólar, o que na conversão para o real, aumenta o valor do programa. Das boates, elas vão com os estrangeiros para motéis nas proximidades ou para os hotéis onde eles estão hospedados.

Já em algumas boates ou clubes, como no Club do Drink, Club do Whisky, no local conhecido como Cabaré do Val, localizados em outros pontos da cidade, voltados para a clientela local das classes média-alta e alta e também para turistas nacionais e estrangeiros, os valores variam entre R\$300,00 e R\$500,00. Em alguns clubes, também tem shows de strip-tease que custam entre R\$150,00 a R\$200,00.

Quando a noite é boa, dá pra fazer três programas. Teve uma vez que fiz cinco, mas cheguei acabada em casa. Eu ganho de R\$ 300 a 500 por babado. Tem meses que é muito ruim, a gente fica sem cliente, é melhor no período de alta-estação. (Entrevista Anita, 13.08.2010)

Na rua, esse valor cai consideravelmente. O valor que as mulheres cobram na esquina da Av. da Abolição é R\$80,00 e elas ainda competem com os travestis. Além do programa “normal”, geralmente o básico, também tem o valor somente pelo sexo

⁶⁸ Esclarecendo que as boates não tem qualquer tipo de vínculo com as garotas, não exigindo nenhuma parte do valor dos programas.

oral que é R\$30,00. Manu, do Rio de Janeiro, reclamou comigo que o movimento estava muito fraco e em Fortaleza ela era “obrigada” a cobrar mais barato pelo programa.

Fernanda: Ai quanto é que vocês cobram aqui?

Manu: Aqui (risos) eu sou obrigada a cobrar oitenta reais, no Rio eu cobro cem, cem, cento e vinte até cento e cinquenta ou até mais, aqui... aí pouco dinheiro num tá dando não. (Entrevista Manu, 20.07.2012)

Na rua, os limites corporais são mais definidos. Gaspar (1988) enfatiza que as prostitutas estabelecem “barreiras simbólicas” em relação aos seus clientes, distinguindo as relações sexuais de natureza profissional e as que implicam algum tipo de envolvimento amoroso ou afetivo. Algumas práticas são evitadas com os clientes como ter orgasmo, beijar na boca, dormir com o cliente, dentre outras. Segundo Pasini (2000),

A compreensão dessas regras é fundamental, pois, inscritas nos corpos, elas dão visibilidade tanto à performance dessas mulheres na prostituição como à algumas distinções em suas relações sociais. As práticas das garotas em relação aos clientes são constituídas e constituintes das regras específicas de ser uma garota de programa, da organização do ponto e do seu entendimento da prostituição. (PASINI, 2000, pg.16)

Melissa, que trabalha na esquina da Av. da Abolição, diz não sair para fazer somente sexo oral porque não gosta, *dói a boca, além de ser nojento, só faço oral “de leve” durante o sexo para agradecer*. Sheron, que trabalhou nas boates da beira-mar e também no Club do Drink, relata que algumas meninas não gostam de beijar na boca e que os homens pagam mais para que elas façam isso. Já Grazy, que é colega de trabalho de Melissa, foi muito enfática ao dizer que somente faz sexo sem camisinha com seu marido⁶⁹ e que por isso nunca o traiu.

Grazy disse que gosta muito dele e que nunca o havido traído, que sempre usava camisinha com os clientes, que só transava sem camisinha com ele, que se ela tivesse de pegar alguma doença ia ser ele que ia transmitir para ela. Disse que diferentemente de Melissa, que transa sem camisinha com um monte de homem, ela não transa com ninguém sem camisinha, só com ele. (Entrevista Grazy, 15.09.2012)

Segundo Gaspar (1988), as normas de evitação atuam no sentido de demarcar partes corporais a serem preservadas e também distinguir os clientes dos demais parceiros sexuais que as mulheres tenham ou escolham. Contudo, essas regras parecem ser mais relativizadas no contexto das boates da beira-mar, mas não

⁶⁹ O homem com quem Grazy se relaciona é casado, mas ela o chama de marido.

completamente. Clara, 24 anos, que frequenta as boates da beira-mar há um ano, me relatou uma história de vida bem difícil; quando ela tinha cinco anos sofreu uma tentativa de estupro pelo tio e por isso ela acha que nunca foi bem resolvida com sexo. Ela também disse que toma remédios para uma disforia⁷⁰ e que por isso não pode beber. Me contou como era ter que “encarar” os clientes sóbria.

Que eu imaginasse que era pior ainda tem que encarar os clientes de cara, que ela não gosta nem de olhar para a cara deles, que só quer fazer o serviço, ganhar o dinheiro dela e ir embora. (Entrevista Clara, 26.09.2012)

Apesar desse relato, Clara confessou que ela não consegue ficar muito tempo sem *gozar* e que ela gosta. Já Débora, 36 anos, foi bastante enfática ao dizer que dependendo do cliente ela consegue gozar e que os estrangeiros são mais carinhosos.

Debora disse que não aguentaria mesmo, que já fazia um mês que não tinha orgasmo porque não havia pegado um cliente que a fizesse gozar. Disse que tem uns gringos que são muito carinhosos e que ela se entrega mesmo, fica de “perna aberta” e o deixa fazer o que quiser, que tem uns que beijam ela da ponta dos dedos a cabeça e que ela adora, que teve um francês que dava banho nela, lavava até a “buceta” dela, e outro que levava ela nos braços para fazer xixi. (risos) Disse que é muito bom quando pega um cliente assim. (Entrevista Débora, 02.10.2012)

Por muitas dessas mulheres se relacionarem afetivamente com estrangeiros, essas “barreiras simbólicas” do corpo para quem é cliente ou quem é namorado ou pessoa que tem algum tipo de envolvimento seja amoroso ou sexual, são bastante fluidas. Segundo Piscitelli (2011a), é um erro equalizar todas as formas de interação entre turistas estrangeiros e mulheres na beira-mar de Fortaleza com a prostituição. Essa redução simplificaria os múltiplos envolvimento sexuais, econômicos e afetivos que se desenvolvem entre *gringos* e nativas.

Nos circuitos turísticos de Fortaleza, no âmbito dos relacionamentos com os turistas estrangeiros, a realização de *programas* adquiriu novas conotações. Algumas trabalhadoras sexuais “profissionalizadas” não alteraram suas práticas. Mas, na fluidez que marca os circuitos percorridos pelos turistas à procura de sexo na cidade, algumas jovens que fazem *programas* optam por não estabelecer limites de tempo nem estipular o valor do intercâmbio, considerando que, dessa maneira, podem obter mais dinheiro dos estrangeiros. (*grifo original*) (PISCITELLI, 2011a, pg.10)

⁷⁰ Disforia é uma mudança repentina e transitória do estado de ânimo, tais como sentimentos de tristeza, pena, angústia. É um mal estar psíquico acompanhado por sentimentos depressivos, tristeza, melancolia e pessimismo. Fonte: <http://www.psiqweb.med.br/site/DefaultLimp.aspx?area=ES/VerDicionario&idZDicionario=251>

Piscitelli relativiza o que pode ser visto comumente como prostituição, mostrando que as relações entre “nativas” e “gringos” não se resumem a relações sexuais por pagamento, podem ser relações afetivas, que envolvem retribuição financeira ou não, ou somente um tipo de “ajuda”, que paga as contas e despesas da mulher e dos seus filhos, ou roupas caras, perfumes importados, tratamentos de beleza e viagens (PISCITELLI, 2004).

A autora toca em uma questão importante quando se refere ao interesse das mulheres por roupas caras, perfumes importados e tratamentos de beleza. Algumas mulheres com quem tive contato na beira-mar gostam de ostentar suas roupas e bolsas caras, muitas trazidas da Europa. Conversando com Kamila na boate Forró Mambo, elogiei o seu vestido, e ela disse que uma amiga o tinha trazido da Itália, que *o vestido custou por volta de trezentos reais, junto com a sandália que foi mais cento e cinquenta e a bolsa, uns duzentos.*

Piscitelli (2004) ressalta que a aparência é um diferencial importante para as “mulheres de alto nível”. Estar bem vestida, ser magra, ter um cabelo bonito e liso (aspectos relacionados a “raça e cor”), ter um comportamento social discreto e geralmente ter um bom nível educacional são atributos valorizados no mercado do sexo de luxo.

É importante ressaltar que o padrão de beleza e também o nível socioeconômico das mulheres que frequentam as boates da beira-mar varia bastante. Das mulheres que além de frequentar as boates da beira-mar, também trabalham em casas/clubes em outros pontos da cidade, sobretudo voltados para a classe média-alta e alta, ou em sites de acompanhantes, a preocupação com tratamentos estéticos é uma constante. Anita, que trabalhava no Club do Whisky, me falou sobre a injeção de hormônios no corpo.

Antes eu injetava hormônio (bomba⁷¹) nos meus músculos, malhava e não podia beber. Depois que eu comecei a beber, engordei muito. Mas próximo ano vou fazer uma lipo (aspiração) e colocar peitos (silicone). Vou voltar pra academia. Depois que a gente começa a beber, não consegue malhar direito, fica faltando, de ressaca. Minha professora da academia também é de babado, ela faz educação física, é linda, toda malhada. (Entrevista Anita, 13.08.2010)

⁷¹ Bombas são anabolizantes. Os anabolizantes, ou esteróides androgênicos anabólicos, são hormônios sintéticos que estimulam o desenvolvimento de vários tecidos do corpo a partir do crescimento da célula e sua posterior divisão. Apesar de serem utilizados no tratamento de algumas doenças, os anabolizantes são utilizados em grande quantidade por pessoas que desejam aumentar o volume dos músculos ou a força física.

Vivian, 28 anos, frequenta as boates da beira-mar, mas também trabalha em clubes e através de sites de acompanhantes. Ela disse já ter feito cirurgia de redução do quadril para parecer mais magra, e conversava com a sua amiga Ivete que deseja colocar silicone nos seios.

Ivete dizia que estava juntando uma grana para colocar silicone e diminuir a barriga. Vivian falou de uma menina que havia pago bem caro na Alemanha para colocar silicone no seio. Eu perguntei porque ela foi colocar o silicone na Alemanha e Vivian disse que lá é melhor, mais profissional... Vivian sugeriu para Ivete não fazer a cirurgia no final do ano porque era alta estação e tinha muito cliente. Disse que ela fizesse em janeiro porque o movimento estava baixo. Continuou dizendo que quando fez a dela escolheu bem o mês. Eu perguntei a Vivian se ela havia colocado silicone e ela disse que não, que tinha feito diminuição de quadril e barriga. Ivete sugeriu que ela devia ir para a academia para aumentar as coxas e a bunda, e Vivian disse que não, que preferia ser magrinha e que tinha homem que preferia. (trecho do diário de campo, 24.09.2012)

Através dessas falas, podemos perceber que existe uma grande preocupação das mulheres em se manterem em forma, e não só isso, de modificar o seu corpo para ficarem mais “gostosas”, mais magras ou parecer mais jovem. Segundo Le Breton (2010), na modernidade existe um mercado em constante crescimento que visa a manutenção e a valorização da aparência sob os auspícios da sedução ou da comunicação. *Roupas, cosméticos, práticas esportivas, etc., formam uma constelação de produtos desejados destinados a oferecer a “morada” na qual o ator social toma conta do que demonstra dele mesmo como se fosse um cartão de visitas vivo* (Le Breton, 2010, pg.78). Para Susan Bordo (1997),

Vistos historicamente, o disciplinamento e a normatização do corpo feminino — talvez as únicas opressões de gênero que se exercem por si mesmas, embora em graus e formas diferentes dependendo da idade, da raça, da classe e da orientação sexual — têm de ser reconhecidos como uma estratégia espantosamente durável e flexível de controle social. (BORDO, 1997, pg.20)

Tais práticas de modificação e valorização do corpo não se restringem a prostituição de *luxo*. As mulheres que trabalham nas boates do centro ou nas casas de massagem espalhadas pela cidade, voltadas para um público popular, também fazem modificações estéticas no corpo. Na boate Gata Garota pude observar que boa parte das mulheres tinham corpos bonitos, malhados, geralmente usando roupas bem curtas para deixar a mostrar coxas e barriga, usando shorts que marcam a bunda e tops. Suelen, que trabalha na Gata Garota, me mostrou fotos de um tratamento de eletrólise, onde se dá pequenos choques na barriga para diminuir a gordura localizada. Disse que sempre faz

esse tratamento e também drenagem linfática. Uma de suas colegas colocou silicone na bunda para deixá-lo mais volumoso.

Tratamentos e cirurgias estéticas parecem fazer parte do ofício dessas mulheres, onde a valorização do corpo e a beleza são fatores de sucesso com os homens. Segundo Gaspar (1988), os atrativos físicos são como os instrumentos de trabalho na prostituição, onde muitas vezes um corpo bem modelado, com nádegas proeminentes e seios rígidos, características de corpos jovens, são mais importante do que uma *cara bonita*.

A beleza, enquanto manifestação de sensualidade e juventude, é um fator fundamental no exercício de sedução e fonte de poder sobre os clientes. De algum modo, a beleza sublinhou a trajetória biográfica das garotas ao destacá-las do seu grupo de origem devido a seus atrativos físicos. (GASPAR, 1988, pg.100)

A questão da juventude é uma questão problemática no mercado do sexo. Tendo em vista que muitas mulheres que entram nesse mercado não tem qualquer tipo de direito trabalhista, elas acabam envelhecendo e ficando sem nenhuma fonte de renda. Claudia Fonseca (1996) desmitifica a ideia de que existem poucas “putas velhas” na prostituição. Segundo a autora, existem poucos levantamentos sobre a idade das prostitutas no Brasil e os que existem não são inteiramente confiáveis, pois as mulheres com mais de 45 anos são experientes, tem habilidade de se esquivar ao controle policial ou porque os policiais ou reformadores não as acham dignas de atenção.

Apesar de haver uma valorização da beleza e de um corpo “perfeito”, nem todas as mulheres se preocupam em ficar constantemente fazendo tratamentos estéticos ou cirurgias para “valorizar” os seus “dotes”. Sara, 26 anos, disse que tem muita menina que coloca silicone e usa “bomba” para ficar “sarada”, mas que ela não se importa com isso, pois pretende parar de trabalhar na beira-mar próximo ano e voltar para sua terra natal é que no Rio Grande do Norte. Barbara, 29 anos, também disse não se importar muito com beleza, que se preocupa somente com os seus filhos.

Nessas colocações, ao invés da preocupação com a beleza ou a juventude, elas colocam tanto a necessidade de “sair da vida” como também de cuidar dos seus filhos e famílias. As necessidades, motivações e aspirações dessas mulheres são múltiplas, que vão desde a busca por dinheiro, diversão, relacionamentos sexuais ou amorosos com estrangeiros, lhes proporcionando um padrão de vida melhor, viagens para o exterior e/ou mobilidade social, até construir suas casas próprias, abrir um negócio, ou cuidar dos seus filhos e família. A busca pelo melhoramento do corpo é

uma das estratégias dessas mulheres de permanecerem mais tempo nesse no mercado do sexo, onde juventude e a beleza são atributos importantes. Contudo, é importante ressaltar que o *mercado da aparência* não está restrito as mulheres tem no corpo um instrumento de trabalho, atingindo mulheres de variadas classes sociais e das mais diversas idades, e não somente mulheres; homens, travestis, homossexuais, transexuais, fazem parte dessa indústria em crescente ascensão, pois como coloca Breton (2010), na sociedade capitalista, aparência também é capital.

Nesse capítulo, podemos discernir as mais diversas formas de agência das mulheres no mercado do sexo, desde a construção das suas identidades sociais, as táticas do sexo nos jogos de sedução com clientes e estrangeiros, a inversão dos papéis de gênero, mas também o seu reforço estratégico. A *performatividade* dessas mulheres no mercado do sexo e as rupturas com o padrão heteronormativo, além das negociações realizadas com as práticas corporais e também no mercado da aparência. A agência dessas mulheres se dá nas interações cotidianas, através dos micro-poderes existentes na sociedade, onde cada indivíduo pode ressignificar sua condição, como uma prática reiterativa e rearticulatória dentro do poder, e não em uma relação de oposição externa ao poder.

Capítulo 4

Intencionalidades, desejos e aspirações: estratégias de vida das mulheres no mercado do sexo.

Afirmavam mais uma vez que prostituta não tem que falar nada, afinal é prostituta. Foi assim para todas, menos para mim. Para mim foi diferente. [...] Como no caso do meu parente pedófilo, tive certeza que falar era importantíssimo. Era mais uma confirmação do caminho que eu devia seguir. Oito anos depois, nós realizamos no Rio de Janeiro o Primeiro Encontro Nacional das Prostitutas. Apesar de tantos anos passados, o tema permanecia o mesmo: a violência. (Gabriela Leite, *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*, 2009)

Debates feministas têm trazido à tona a questão da agência e da autonomia da mulher em relação às estruturas sociais e as formas de dominação masculina. Combinadas com teorias do *self* e do sujeito, os conceitos de agência e de autonomia tem sido estudados tanto pela filosofia e teoria social, como pelas principais correntes do feminismo. Segundo Brison (1997), a visão de *self* mais central para a ética e para a filosofia social, política e legal é a que mantém o *self* como o lócus da agência autônoma, pela qual livremente se faz escolhas e realiza ações, este *self* é considerado responsável por suas decisões e ações. Friedman (1997) concebe o principal conceito de autonomia como auto-governo e auto-determinação, distinguindo-o em três tipos: a *autonomia política*, que diz respeito a soberania popular e é governada pelo povo, usualmente incorporado nos direitos políticos e civis; a *autonomia moral*, é a que o indivíduo age de acordo com os princípios morais, valores e normas, de que alguma forma são seus; e a *autonomia pessoal*, é definida como um indivíduo que determina, sobre aqueles aspectos de sua vida que não está limitado por restrições morais, a escolha entre uma variedade de alternativas moralmente permitidas.

Contudo, o conceito tradicional de sujeito autônomo tem sido criticado pelo pensamento feminista. Segundo Brison (1997) e Friedman (1997), o conceito de sujeito autônomo é excessivamente individualista, pressupondo que os sujeitos ou *selves* são átomos antissociais, ignorando a importância das relações sociais e promovendo um tipo de independência que separa o indivíduo do envolvimento interpessoal com outros. Feministas afirmam que o conceito tradicional de autonomia está inclinado sob os papéis sociais masculinos e reflete conceitos e ilusões masculinas, como ser anti-social, a-histórico, emocionalmente objetivo, auto-consciente, coerente, racional e universal em sua racionalidade. Uma segunda crítica desse conceito é que ele pressupõe um sujeito coerente e unificado com uma identidade estável que perdura através do tempo e que é

dono de suas escolhas. “Essa pressuposição é criticada por noções pós-modernas do sujeito como um instável, fragmentado e com uma incoerente variedade de posições no discurso” (BUTLER *apud* FRIEDMAN, 1997, pg. 42, *tradução nossa*).

Outras críticas foram feitas a ideia de um *self* e/ou de um sujeito linear, unificado ou completamente autoconsciente de suas ações. Essa visão é criticada pela perspectiva de um sujeito dependente socialmente e limitado pelas estruturas sociais, como também pela ideia de um sujeito que está sempre em construção, nunca com uma identidade fixa e única por toda a vida, mas com uma identidade múltipla, fragmentada, nômade, atravessado por regimes de poder e de saber. Para Judith Butler (1995), as relações de poder tem um papel central na constituição do sujeito.

Se o sujeito é constituído pelo poder, o poder não cessa no momento em que o sujeito é constituído, o sujeito nunca é inteiramente constituído, mas é sujeitado e produzido outra vez. Esse sujeito não é nem um fundamento nem um produto, mas a permanente possibilidade de certo processo de resignificação, no qual consegue desviar e parar através de outros mecanismos de poder, mas pela própria possibilidade do poder de ser retrabalhado. (BUTLER, 1995, pg.47, *tradução nossa*)

A teoria do sujeito constituído pelo poder nos traz uma ideia de agência relevante para se pensar as correlações de força no mercado do sexo. A agência, tanto para Butler como para Foucault, é um processo de resignificação das convenções da linguagem, que está diretamente ligada à crítica da ideia de um sujeito alienado ou reprimido pelas forças sociais, mas que é produzido por elas. Segundo Benhabib (1995), por performatividade Butler não fala de um modelo teatral, mas de um modelo de atos de fala. Em uma explicação deste modelo, Butler escreve: “Ser constituído pela linguagem é ser produzido dentro de uma rede de poder/discurso os quais são abertos a resignificação, reorganização, citação subversiva de dentro e interrupção, e a uma convergência inadvertida dentro de tais malhas” (BUTLER *apud* BENHABIB, 1995, pg.109, *tradução nossa*).

A questão da linguagem, tanto enfatizada por Butler como por Foucault, diz respeito a sobredeterminação dos regimes de poder e de discurso sobre as práticas individuais. Conforme Butler, “o discurso não é simplesmente palavras faladas, mas uma noção de significação a qual se relaciona não simplesmente em como certos significados vem a significar o que eles significam, mas como certas formas discursivas articulam sujeitos e objetos em sua inteligibilidade” (BUTLER, 2009, pg.138, *tradução nossa*). Desta forma, a resignificação é o domínio no qual certos conjuntos de

possibilidades de agência podem ser discernidos e derivados, como uma possibilidade imanente ao poder.

No âmbito da prostituição, a agência das mulheres se dá através das rupturas e ressignificações dos regimes de poder e discurso que permeiam suas vidas. Lidando com as opressões e hierarquias de gênero, as mulheres elaboram estratégias para driblar estigmas sobre suas identidades em relação ao trabalho sexual, para sair de mercados de trabalho mal pagos, ajudando sua família e mantendo seus filhos, ou realizando o desejo de ter um padrão de vida e de consumo melhor, até viajar para o exterior ou migrar. Como veremos nesse capítulo, as mulheres são agentes ativas nas suas escolhas e através das suas relações sociais, mesmo limitadas por estruturas e forças sociais, ressignificam sua condição e se arriscam nas malhas inadvertidas dos poderes cotidianos.

Analisaremos como as mulheres inseridas no mercado do sexo local e/ou no circuito de turismo internacional na cidade de Fortaleza elaboram suas estratégias de vida. No primeiro tópico, analiso as motivações das mulheres e sua entrada no mercado do sexo, as relações e condições de trabalho, identificando sua agência em meio a diversos tipos de controle e suas opções em relação à liberdade e segurança no trabalho. No segundo tópico, veremos como se dão as suas relações familiares, se conflituosas ou de apoio, os relacionamentos desenvolvidos tanto com homens locais como estrangeiros, algumas vezes casando ou migrando para o exterior, e também o nascimento de filhos desses relacionamentos. No terceiro tópico falo sobre as experiências e riscos existentes no mercado do sexo para as mulheres, como o uso de drogas e os conflitos com clientes. E, no último tópico, aprofundo brevemente a temática sobre migração e como acontecem as constantes viagens das mulheres para o exterior, às vezes culminando na sua migração. Também suas intencionalidades, desejos e aspirações.

4.1 Entrada na prostituição: coerção ou opção?

Não se entra em qualquer atividade sem um objetivo, e não seria diferente na prostituição, mesmo que esse motivo seja sua subsistência e da sua família. As condições econômicas das mulheres ou o objetivo a ser alcançado variam nas mais diversas formas em que o mercado do sexo está organizado. Existem diferenciações nas justificativas das mulheres para começar a fazer programas nos diferentes níveis da

prostituição: nas ruas, nas casas de massagem, nas boates, na alta prostituição, etc. Mas um fator está incluso em todas as respostas: o desejo de melhorar de vida⁷²; seja para sair de uma condição de vida precária, seja para ter acesso a bens de consumo acessíveis somente a uma pequena parcela da população.

Na prostituição de rua, as justificativas ou motivos das mulheres entrarem na prostituição geralmente são relacionados a necessidades econômicas ou de manutenção dos filhos e/ou família. Melissa, que trabalha na esquina da Av. da Abolição, me contou que foi abandonada pela mãe muito cedo e seu pai passava necessidade. Ela casou e teve três filhos, mas se separou e ficou com os três filhos para criar. Na época, começou a trabalhar como garçonne na boate Europa Disco Bar, fechada depois que a polícia flagrou uma menor de idade trabalhando na boate. Enquanto trabalhava, um cubano a convidou para fazer um programa.

Eu não fiz sexo com ele, não consegui tirar a roupa com vergonha. Mesmo assim ele me deu 100 euros, o que pra mim era muito dinheiro. (Entrevista Melissa, 23.07.2012)

Melissa disse ainda ter passado quatro anos naquela boate e depois teve outro relacionamento e mais um filho. Terminado o relacionamento, ela voltou a fazer programa, mas agora na rua e já está há dez anos nessa atividade. Atualmente, ela cuida de dois filhos - os outros dois estão com a avó por parte de pai no interior do Estado de Sergipe, e uma das filhas só veio morar com ela recentemente, depois de uma visita -, tem uma barraca de churrasco em frente a uma faculdade de grande porte em Fortaleza⁷³, e recebe pensão da sua mãe e do pai dos seus filhos.

Melissa disse que não conta nada da barraquinha e da pensão para as meninas porque elas trabalhavam ali, mas não sabia o que elas faziam depois quando iam embora. Quando ela termina seu ponto que geralmente é até uma hora da manhã, ela vai embora para a casa dela. Ela disse que a pensão da mãe foi um acordo judicial entre seu pai e sua mãe quando ela foi embora, de pagar pensão até ela completar 30 anos. (Entrevista Melissa, 23.07.2012)

Sobre a pensão dos filhos, Melissa disse que não se entra em um relacionamento para sair com as *mãos abanando*. Ela ressaltou que não pega qualquer cliente, quando chega homem “mal-encarado” ou “tirando onda”, ela sai logo de perto, e que por isso as suas colegas de esquina dizem que ela não quer ganhar dinheiro. Ela diz

⁷² Aqui devemos fazer exceção a uma parte da prostituição de mulheres indigentes, que fazem programa por um prato de comida (FONSECA, 1996), ou aquelas que se prostituem para comprar droga.

⁷³ Omite o nome da faculdade para preservar a identidade da entrevistada.

ficar muito indignada porque ela fica dando duro nas esquinas, enquanto tem *umas* que aparecem para *dar de graça* por uma cerveja ou cigarro, por isso ela se valoriza.

Manu, colega de ponto de Melissa, é do Rio de Janeiro, mas passava uma temporada em Fortaleza para pagar a dívida de um dinheiro emprestado que tomou de uma amiga cearense. Me relatou que começou a fazer programa porque seus pais passavam necessidade, e foi para as boates de Copacabana, *onde os gringos frequentam*. Ela começou a se prostituir com 14 anos e logo que completou a maioridade foi para o exterior com a ajuda de uma amiga, com visto de turista. Primeiro foi para a Suíça, passou três meses e voltou para o Brasil, pouco tempo depois voltou para o exterior, dessa vez para a Espanha e passou um ano, voltou novamente, passou mais dois meses no Brasil e retornou para Madri, ficando lá dez anos como ilegal. Foi deportada para o Brasil depois desse período. Quando perguntei sobre sua estadia em Fortaleza, ela colocou

Manu: Pra mim tá fatal... horrível (*risos*) eu só vim mais por causa da minha amiga, ela morou comigo no rio, e eu também queria sair da rotina do Rio, sair da rotina, viajar um pouco, porque todo dia a mesma coisa... e ver a filhinha dela, gosto muito da criança, a filha da minha amiga.

Fernanda: Pelo que tu tá me falando assim tá bem fraco o movimento, tem dias que tu não trabalha?

Manu: Ah tem dia que eu não faço nada, ontem, por exemplo, foi um dia de pura sorte, consegui fazer um programa de merreca né, então isso pra mim não vale a pena, vim pra cá, ficar numa esquina e não fazer... não... vale não... por lá eu faço muito mais no Rio de Janeiro... (Entrevista Manu, 20.07.2012)

Manu diz que já faz mais de treze anos que trabalha fazendo programa e que apesar de já ter trabalhando muito em boate, tanto no Brasil como no exterior, hoje prefere trabalhar na rua, *calçada pra mim é melhor porque dá muito mais lucro*.

Essas mulheres, apesar de terem me relatado sua entrada na prostituição por dificuldades financeiras, durante seus percursos na atividade, elas demonstram como são agentes ativas nas suas escolhas e preferências, justificando a permanência em uma atividade estigmatizada ou buscando os melhores meios de conseguir dinheiro ou realizar seus desejos, como viajar para o exterior. Pesquisadoras como Simões (2010), Gaspar (1988) e Fonseca (1996) ressaltam que as mulheres elaboram estratégias para justificar sua atividade na prostituição, tanto para diminuir o estigma que recai sobre elas, falando de suas condições econômicas precárias, a difícil colocação no mercado de trabalho, baixos rendimentos e muitas vezes a condição de chefe de família, de forma

que sua atividade seja mais tolerada tendo em vista que *ela não tem outra opção*. Como afirma Simões (2010),

O trabalho de compor histórias tristes para justificar a entrada na prostituição simboliza essa definição clássica e força a cristalização dos episódios negativos ressaltados na construção biográfica como um marco que se inaugura na experiência do primeiro programa, ou seja, da primeira relação sexual intermediada pelo pagamento. (SIMÕES, 2010, pp.142-143)

Outras mulheres enfatizam a opção de fazer programa como uma escolha, seja para suprir uma necessidade ou desejo transitório, seja para ter rendimentos maiores do que conseguiriam em outro tipo de trabalho. Catarina, 19 anos, trabalhava como babá em uma casa de família, mas no ano de dois mil e onze, ela queria ir para o Fortal⁷⁴ e estava sem dinheiro, então resolveu fazer programa para juntar o dinheiro necessário.

Catarina nos contou que no Fortal deste ano faz um ano que ela entrou na casa de massagem pela primeira vez. Ela entrou em uma casa de massagem para passar três dias e conseguir o dinheiro para pagar o abadá⁷⁵ da festa, mas “nunca mais saiu de lá”. (trecho do diário de campo, 13.07.2012)

Myli, 28 anos, natural de Belém do Pará, já vive em Fortaleza há quatorze anos. Ela e sua família chegaram na cidade quando ela tinha quatorze anos de idade. Myli começou a fazer programa com dezesseis anos, suas duas irmãs eram garotas de programa e ela iniciou com os clientes das irmãs. Depois ficou pelo circuito da Praia de Iracema, mas pela rua, porque nas boates não é permitida a entrada de menores de idade. Ressaltou que sua família nunca passou necessidades financeiras, mas que por seu pai ser caminhoneiro e sua mãe dona de casa, eles sempre só tiveram o básico. Depois que ela e suas irmãs começaram a fazer programa, elas sempre ajudavam em casa, fazendo a feira ou pagando contas de água e de luz, dessa forma o dinheiro do pai *ficava mais pra ele mesmo*. Sua mãe sempre soube da atividade das filhas, mas atualmente suas irmãs não fazem mais programa, estão casadas e com empregos no mercado formal, e como ela está vivendo junto com um empresário local, sua mãe pensa que o dinheiro que Myli envia por mês para ela e para o seu filho que é cuidado pela mãe, vem do seu companheiro.

Myli disse que gosta do seu “marido”, mas continua fazendo programa na Belíssima porque ela manda dinheiro para os pais e para o filho. O companheiro de

⁷⁴ Carnaval fora de época que acontece todos os anos na cidade de Fortaleza, sempre no final das férias de julho. A festa dura 4 dias e recebe por volta 500 mil pessoas. Fonte: <http://www.fortal.com.br/>

⁷⁵ Camisa personalizada que serve como entrada para a micareta.

Myli é empresário de uma fábrica de castanhas em Fortaleza, ele é casado, mas comprou um pequeno prédio na periferia para ele e Myli morarem juntos, alugando os outros apartamentos. Segundo ela, o marido não poderia dar a ela a quantia que ela tira por mês fazendo programa. Ela já morou com um francês por quatro anos na França e disse que nesse período não fazia programa, mas sentia falta porque tudo que precisava comprar tinha que pedir dinheiro para ele.

As histórias de vida das mulheres entrevistadas revelam a conquista de uma autonomia ou independência financeira em relação a outras atividades desempenhadas em algum momento de suas vidas, antes de começarem a fazer programas. Não precisar mais fazer o trabalho doméstico porque trabalha fora de casa e ganha seu próprio dinheiro, ou não precisar mais ser sustentada pelo marido ou companheiro, são elencados como motivos para continuar no mercado do sexo.

Seu José, taxista, disse que na casa Belíssima, onde Myli atualmente trabalha, as meninas conseguem ganhar seis mil reais ou mais por mês. Os valores dos programas custam R\$120,00 a hora e R\$150,00 duas horas. No programa de uma hora a mulher fica com R\$80,00 e a casa com R\$40,00, no programa de duas horas a casa fica com R\$50,00 e a mulher com R\$100,00. Elas geralmente fazem três programas por dia, saindo da casa com algo em torno de R\$300,00. Para Seu José, é muito difícil tirar *uma menina dessas* da prostituição, porque elas já estariam acostumadas com o valor que ganham por mês, então não conseguiriam ficar em um emprego onde ganhasse menos.

Segundo Trujillo e Duro (2011), no mercado do sexo, as mulheres podem se utilizar da representação corporal, do erotismo e do desejo para adquirirem certo poder de negociação que permite ampliar seu campo de ação tanto em sua vida familiar como no local de trabalho. Através das vantagens fornecidas pelo seu corpo, desenvolvem uma dinâmica laboral que possibilita a obtenção de uma maior renda de trabalho se comparado a uma assalariada da sua mesma idade e instrução, não obstante as condições de trabalho divergirem de maneira considerável. Contudo, apesar do empoderamento econômico possibilitado no mercado do sexo, a parte negativa do trabalho, segundo os autores, são as condições de trabalho muitas vezes difíceis e exploradoras, onde as mulheres são submetidas a muitas horas de trabalho, tendo que beber ou usar drogas com os clientes, sem nenhum tipo de proteção e controle legal das condições de trabalho.

El empoderamiento se expresa a través de dos vertientes; una de ellas corresponde al empoderamiento femenino *de facto* que tiene lugar en la

dinâmica com el cliente, ya que de acuerdo con las bailarinas la decisión final sobre cualquier tipo de intercambio la toman ellas, además de que aseveran ser “tratadas como reinas”; la otra forma de empoderamiento se palpa en el nivel de ingreso que obtienen por sus servicios, porque éste es mucho mayor del que obtendrían en cualquier trabajo de acuerdo con sus características y preparación, lo que a su vez les garantiza un mayor poder adquisitivo y la obtención de un nivel de vida mejor a la anterior. No obstante todo ello se contrarresta con la estigmatización y señalización por parte de la sociedad debido a la actividad que realizan, además de que suposición como producto o servicio (dependiendo de la actividad requerida por el cliente) las coloca en una situación vulnerable ante la violencia sexista...⁷⁶ (TRUJILLO & DURO, 2011, pg.11)

Sheron, 20 anos, ainda frequentava as boates da Praia de Iracema quando foi convidada para trabalhar de recepcionista em um restaurante de classe média-alta na beira-mar de Fortaleza. Ela não aceitou a proposta de trabalho porque poderia ganhar mais fazendo programa com os estrangeiros.

Me chamaram pra mim trabalhar num restaurante, pra mim ganhar em media uns oitocentos reais por mês como recepcionista, porque por eu tava na época que eu ainda tava estudando né, eu tinha acabado de fazer um curso de recepcionista, mas eu não quis, porque esse dinheiro é o dinheiro que eu ganhava saindo duas, três vezes entendeu, pensei de uma forma, pra que que eu vou fazer esse trabalho de ganhar isso em um mês se eu posso ganhar esse valor saindo com gringo fazendo programa em duas vezes, três vezes entendeu, eu comecei a pensar nisso eu não vou não vou me submeter a isso, a gente começa a se acomodar... (Entrevista Sheron, 25.07.2012)

Em relação às condições de trabalho das mulheres no mercado do sexo, a variação não é insignificante. Nas casas de massagem, as mulheres geralmente têm contratos de exclusividade por alguns meses, o tempo que for acordado entre a mulher e a dona ou dono da casa. O contrato de exclusividade consiste na mulher não trabalhar em nenhum outro lugar que envolva a venda de sexo, seja em esquinas, outras casas ou boates. Segundo Catarina, que trabalha na casa de massagem 1059, localizada no bairro Benfica, o contrato dela é de três meses, depois desse período ela escolhe outra casa ou outro lugar que deseje trabalhar. A rotatividade de mulheres nas casas é grande, não somente de mulheres locais, mas também de mulheres que vem de outros Estados ou do

⁷⁶ O empoderamento se expressa através de duas vertentes: uma delas corresponde ao empoderamento feminino *de fato* que tem lugar na dinâmica com o cliente, já que de acordo com as bailarinas a decisão final de qualquer tipo de intercâmbio são tomadas por elas, também elas afirmam serem “tratadas como rainhas”; a outra forma de empoderamento é evidente no nível de renda que se obtém por seus serviços, porque este é muito maior do que obteriam em qualquer trabalho de acordo com suas características e preparação, que por sua vez garante-lhes maior poder de comprar e a obter melhores condições de vida. Mas tudo isso é compensado pela estigmatização e sinalização por parte da sociedade por causa do trabalho que fazem, e que a sua posição como um produto ou serviço (dependendo da atividade exigida pelo cliente) as coloca em uma situação vulnerável perante a violência sexista... (tradução livre)

interior do Ceará para trabalhar. Essa estratégia visa diversificar as mulheres disponíveis para os clientes em cada local.

Conheci Myli em um dia em que ela estava com duas amigas na boate Forró Mambo na Praia de Iracema, apesar dela trabalhar na casa de massagem Belíssima. No dia em que a entrevistei, ela me confidenciou que não poderia ter ido à Praia de Iracema.

Myli disse que neste dia, elas foram escondidas para a Forró Mambo, porque não é permitido para quem trabalha na Belíssima ficar pelas boates da Praia de Iracema. Quem está na casa tem que ter exclusividade, elas não são permitidas de trabalhar em outros lugares, nem colocar anúncios e publicar fotos em sites. (Entrevista Myli, 17.07.2012)

Não pude entrar na Belíssima porque lá não é permitida a entrada de mulheres desacompanhadas, mas segundo Sara, que já trabalhou na casa e agora está nas boates da Praia de Iracema, dentro da casa tem um bar e as meninas não costumam fazer strip-tease. As mulheres não podem sentar nas mesas a não ser que os clientes as chamem. Myli, na época da entrevista, trabalhava na casa há seis meses, e segundo ela, a casa funciona 24 horas e as mulheres fazem turno de 12 horas. Elas não são obrigadas a irem para a casa todos os dias, mas os dias que vão tem necessariamente que cobrir o turno de 12 horas. Apesar dessas regras, Myli disse que não cumpre os horários, *saio a hora que quero*. Ela disse que costuma trabalhar durante o dia.

Já Sara disse que passou somente quatro meses trabalhando na Belíssima porque ela não gostava de ficar esperando cliente e não podia sair da casa. Nas boates da Praia de Iracema, ela acha mais dinâmico e também ganha mais.

É R\$150,00 o programa e não preciso pagar a ninguém. A gente não tem ligação com as boates, venho quando quero e as boates só lucram com as bebidas e o movimento dos clientes que são, na maioria, gringo. Na beira-mar é melhor porque aqui só tem mais gringo. (Entrevista Sara, 24.07.2012)

Debora, natural do Belém do Pará, há alguns anos vem da sua cidade natal para passar uns meses em Fortaleza, geralmente na alta temporada⁷⁷, também confirmou a inexistência de vínculos das boates da beira-mar com as mulheres.

Eu perguntei se não havia algum tipo de show de strip-tease na boate e ela disse que não, que aquela boate não assumia que existe qualquer tipo de prostituição ali, que eles não se responsabilizavam pelo que acontecia entre mulheres e gringos, então eles não colocavam nenhum tipo de show. [...] Logo depois, fomos comprar duas cervejas long neck, que ate às duas horas custa R\$2,00 para mulher, a partir das duas horas sobe para R\$4,00. Os

⁷⁷ Alta temporada é o período em que existe uma maior quantidade de estrangeiros visitando a cidade no segundo semestre do ano.

homens ficam com uma comanda e só precisam ir para o caixa pagar antes de irem embora, e as meninas me falaram que a cerveja para eles custa em torno de R\$10,00, que a boate explora e cobra muito caro por qualquer bebida para os homens, mas que a boate não tem qualquer tipo de participação ou influencia no programa das meninas. (trecho do diário de campo, 21.09.2012)

Apesar de não existir nenhum vínculo das boates com as mulheres, Bianca disse que já foi “chamada a atenção” pelo homem que fica na entrada da boate Forró Mambo conferindo os documentos de identificação, por ela estar frequentando muito um bar que se localiza em frente à boate, chamado Bar Café Friends. Ela confessou gostar de ir para o bar porque não tem muita mulher e ela pode ficar sentada conversando. Segundo Bianca, o segurança disse que se ela continuasse indo para o bar ela não entraria mais na boate. Isso dá indícios de que mesmo o proprietário da boate não querendo se envolver com as atividades das mulheres que a frequentam, eles parecem saber quem são as frequentadoras e tentar exercer alguma uma forma de controle, mesmo não sendo tão explícito.

Nas boates do Centro da cidade, voltadas para um público mais popular, tem uma forma de controle parecida com as das boates da Praia de Iracema. Certamente, as boates da Praia de Iracema tentam camuflar as atividades de prostituição existentes, como forma de fugir do controle policial, e também para atrair um público diferenciado, geralmente de estrangeiros. Diferentemente das boates do Centro, que já na entrada fica explícito que se trata de um *inferninho*⁷⁸, com luzes de neon vermelhas e às vezes fotos de mulheres semi-nuas na entrada. Suelen trabalha em algumas boates do Centro concomitantemente e diz não ter controle de horário das mulheres e trabalhar quando quer. Também não divide o dinheiro ganho nos programas com as boates, que lucram com as bebidas e os quartos existentes nos fundos da boate. Outra diferença é que as mulheres fazem strip-tease em pequenos palcos (queijo) existentes nas boates do Centro e praticam quase um sexo explícito na frente de todos, o que faz parte do *pacote*⁷⁹ da dança.

Nas casas voltadas para a clientela local das classes média-alta e alta, pelos menos em dois clubes, no Club do Drink e no Club do Whisky, as mulheres deixam

⁷⁸ Nome popular para cabarés ou casas de tolerância.

⁷⁹ Quando o cliente paga uma dança de *strip-tease*, que geralmente custa R\$30,00, a mulher dança a primeira música no queijo (palco) tirando parte da roupa. Na segunda música, a mulher desce e vai para a mesa do cliente onde tira o restante da roupa e deixa que o cliente toque em seu corpo, até lambe suas partes íntimas.

parte do dinheiro dos programas nas casas. Segundo Anita, que trabalhou no Clube do Whisky, localizado na Aldeota.

Lá tem umas salas VIP onde a gente faz strip-tease para os clientes. Os clientes pagam tudo, o aluguel do quarto, o programa e as bebidas. Já fui gerente do Clube do Whisky, mas não deu certo. [...] Quando a gente viaja com cliente, ele paga tudo. (Entrevista Anita, 13.08.2010)

Nas esquinas, as configurações são múltiplas. Seu José, taxista, contou que as meninas da esquina da Av. da Abolição, pagavam um cara para ficar de olho nelas, de longe, para dar segurança, mas já não sabia se ele ainda estava por lá. Aquino (2011), que pesquisa os mercados ilegais existentes na Praia de Iracema, coloca que as mulheres que “trabalham” nas calçadas do bairro pagam regularmente a taxistas e seguranças de condomínios para que se encarreguem de afastar assaltantes do local, bem como de expulsar outras prostitutas que queiram “trabalhar” na mesma calçada (AQUINO, 2011, pg.10). Contudo, Manu foi enfática ao dizer que ninguém a cafetiza e que ela prefere trabalhar na rua porque ela fica mais livre.

Manu: Não, eu além de mim, ninguém, humhum, nunca, a mim pelo menos cafetizar ninguém, eu tô muito segura do que eu faço...

Fernanda: Vocês preferem trabalhar na rua por isso?

Manu: Tem muitas que dá dinheiro pra... que tem um homem em casa esperando elas trabalharem, chegar em casa ainda tem que dar dinheiro pra ele né... .

Fernanda: Aqui em Fortaleza tu não foi em nenhuma casa ainda conhecer...

Manu: Não, não gosto, boate essas coisas não me interessa, já cansei de tanto trabalhar assim na Europa que hoje em dia não me interessa mais trabalhar assim... ganhar a metade, ficar fechado em um ambiente fechado, não tenho mais paciência... não tenho mais paciência... (Entrevista Manu, 20.07.2012)

Grazy, que já trabalha há dez anos nas esquinas de Fortaleza, diz também preferir trabalhar na rua porque não precisa dar dinheiro a ninguém e ela mesma cuida de si.

Como podemos perceber, existe uma diversidade de formas de trabalho para as mulheres que de forma explícita ou não, vendem ou negociam sexo. Parece existir uma organização mais fixa nas casas de massagem e formas mais livres ou menos controladas nas boates da Praia de Iracema, do centro e também nas ruas. Mas cabe ressaltar que não falo da totalidade de locais existentes de oferta de sexo na cidade de Fortaleza. Podem existir boates no Centro onde é exigido parte dos programas das mulheres, como clubes para classe média-alta onde não se exige. O que podemos afirmar é que existe um mercado do sexo e ele oferece diversas possibilidades e

organização do trabalho para as mulheres, algumas sofrendo mais coação e sendo mais exploradas, e outras trabalhando de forma mais livre e independente, de forma que até os limites de tempo e valor dos programas possa ser relativizados, como ocorre nas fluidas e multifacetadas relações entre mulheres e estrangeiros nas boates da Praia de Iracema. Como nos afirma Piscitelli,

Nesses circuitos os visitantes estrangeiros percorrem roteiros específicos na busca de mulheres. E, pelo menos parte dessa procura adquire um certo grau de ocasionalidade. Embora esteja direcionada para garotas consideradas “de programa” pelos cearenses, ela integra um leque vasto de nativas. Nesses espaços encontrei jovens que realizam “programas” com estrangeiros à maneira daqueles destinados à clientela local, isto é, com tarifas, durações e, inclusive, práticas sexuais previamente acordadas. Achei, também, garotas subsistindo na base de “programas” com estrangeiros, com os quais mantêm relações muitas vezes duradouras, envolvendo pagamentos cujo valor não é fixo. (PISCITELLI, 2005b, pg.5)

Clara, que fazia programa nas boates da beira-mar há oito meses, disse que saiu de casa com vinte anos porque não aguentava mais ser humilhada pela sua família, sobretudo pela avó. Ela é de uma família evangélica e diz ter perdido a virgindade com um pescador que era casado. O pescador prometeu dar uma casa para ela, mas ela recusou dizendo que não queria ficar dividindo homem com ninguém. Disse ter a mesma sina da mãe que sempre se apaixonava por homem casado. Depois ela se envolveu com outro homem casado, um *coroa* mestre de obra que vivia *bem de vida*. Ele ainda a ajuda financeiramente, mas ela começou a ir para as boates da Praia de Iracema porque não queria ser sustentada por ele.

O tipo de relacionamento estabelecido entre Clara e o *coroa* entra na categoria de *ajuda*. A *ajuda* consiste no envio de remessas constantes de dinheiro de homem velhos, sejam aposentados ou ainda na ativa que possuem bons rendimentos, geralmente casados, para mulheres pobres geralmente bem mais novas. Esse tipo de relacionamento pode envolver sentimentos amorosos ou não, mas segundo Fonseca (1996) é o sonho de muitas mulheres prostitutas conseguir um *velho que ajuda* para lhe dar dinheiro ou presentes. Contudo, Piscitelli (2011b) critica a ideia de que os intercâmbios considerados como *ajuda* estejam necessariamente vinculados a prostituição, pois nas *conceitualizações nativas* essa diferenciação é relevante.

A importância reside não apenas em que essa distinção remete a diferentes graus de mercantilização entre intercâmbios sexuais e econômicos, mas também em que ela alude a distinções nas socialidades envolvidas que, às vezes, evocam traços de reciprocidade. (PISCITELLI, 2011b, pg.553)

Conforme relato de Clara, podemos perceber que ela começa a fazer programa exatamente para não ser mais sustentada pelo *coroa*, o que confirma que a *ajuda* não está necessariamente vinculada à prostituição.

Das mulheres que trabalham nas boates na PI⁸⁰, seus relatos sobre como começaram a fazer programa são ainda mais diversificados, indo desde a necessidade de dar uma vida melhor para os filhos ao desejo de conseguir um namorado *gringo* que as leve para o exterior. Barbara frequenta a beira-mar há cinco anos, depois que se separou do marido, diz querer dar uma vida melhor para os filhos, mas também ressalta que está recebendo remessas mensais de dinheiro de um namorado suíço que encontrou na beira-mar e que só vai parar de fazer programa quando ela conseguir comprar uma casa com a ajuda dele. A existência de relacionamentos entre estrangeiros e mulheres locais foi relatada constantemente, o que deixa a entender que senão todas pelo menos boa parte das mulheres que frequentam a PI já desenvolveram algum tipo de relacionamento afetivo com os turistas⁸¹.

Existe também uma migração de mulheres de diversas partes do país, sobretudo do Norte e do Nordeste, para trabalhar nas boates da beira-mar de Fortaleza. Kamila, 25 anos, é natural de Teresina, Estado do Piauí, e vêm quase todos os anos para Fortaleza nos períodos de alta estação, assim como Debora, que é de Belém do Pará.

Sara, 26 anos, é do Rio Grande do Norte e está morando em Fortaleza. Seus pais são professores e ela disse viver bem em Natal. Ela sempre vinha para Fortaleza nas férias para ficar na casa de uma madrinha e numa dessas visitas suas amigas a levarem para as boates da beira-mar. Depois de idas cada vez mais frequentes, ela conheceu o pai do seu filho que é francês, depois dela morar um tempo na França, ela voltou e já está há dois anos frequentando as boates. Disse que veio para Fortaleza *deslumbrada* com a noite na Praia de Iracema.

Sabrina, 20 anos, é natural de Fortaleza e frequenta as boates da PI há dois anos. Ela disse que veio sozinha conhecer as boates, que lá conheceu umas amigas e continuou vindo, mas que ela não vem sempre, da última vez passou cinco meses nas casas dos pais, o que parece ter coincidido com a baixa estação, pois em Julho a encontrei nas boates. Ela disse vir por *curtição*, mas que não levava jeito para *isso*.

Você viu na boate as meninas dançando, se esfregando nos homens, eu não tenho coragem de fazer isso. Geralmente quando eu venho, entro e eu

⁸⁰ Forma com os frequentadores chamam a Praia de Iracema.

⁸¹ Esse tema será aprofundado no próximo tópico.

mesmo, burra, pago bebida pra mim, sendo que é para você conseguir alguém que pague para você. Quando eu entro, fico como se tivesse numa boate “normal”, pago minha bebida e fico esperando, se alguém me chamar, tudo bem, senão fico a noite tudo só conversando e bebendo. (Entrevista Sabrina, 24.07.2012)

Sheron, 20 anos, começou a frequentar as boates da PI com 17 anos, ainda menor de idade, mas tirou um documento falso para entrar na boate Forró Mambo. Uma prima que segundo Sheron *começou bem mais cedo, já teve três filhos de estrangeiros, a influenciou a conhecer as boates*. Ela disse que foi por curiosidade e querer se divertir, não porque precisava de dinheiro, pois apesar de seus pais não serem ricos, ela nunca passou necessidade.

Arranjou com amigos da prima dela os documentos falsos para entrar na boate, disse que no primeiro dia ficou lá bebendo e se divertindo e conseguiu um gringo novo e bonito, ela saiu com ele e quando recebeu o dinheiro ficou deslumbrada pensando como era fácil conseguir dinheiro assim, mas disse que depois começou a aparecer uns gringos mais velhos, aí ela teve que encarar e continuar fazendo. Mas disse que passou pouco tempo, segundo ela só uns quatro ou cinco meses e que no início ia com muita frequência, umas três vezes por semana até conhecer o atual namorado italiano dela e sair de lá. (Entrevista Sheron, 25.07.2012)

Como podemos perceber, existe uma diferenciação entre os motivos elencados pelas mulheres que fazem programa na esquina da Av. Abolição das mulheres que frequentam as boates. Apesar de também haver relatos parecidos como ter se divorciado e precisar cuidar dos filhos, as mulheres que frequentam as boates são mais jovens e relatam que começaram a frequentar as boates por diversão, curtidão, através de amigas ou sozinhas. Os relacionamentos que se desenvolvem entre essas mulheres e os estrangeiros são cheios de ambiguidades, tornando simplista sua redução ao acordo sem envolvimento amoroso e através do pagamento em troca de um serviço sexual como na prostituição. Piscitelli (2000), no seu estudo sobre turismo sexual realizado em Fortaleza, fala sobre o perfil dessas mulheres.

As garotas vinculadas pelos cearenses ao “turismo sexual de classe média” moram em setores de camadas médias, camadas médias baixas e, inclusive, pobres, mas não necessariamente miseráveis, da cidade. Elas têm um grau de escolaridade comparativamente elevado. Muitas completaram a oitava série e algumas finalizaram o segundo grau. Investindo cuidadosamente na “aparência”, essas jovens, a maior parte das quais está na casa dos 20 anos, exibem corpos esguios. (PISCITELLI, 2000, pg.5)

Em relação aos locais de moradia das mulheres que frequentam a PI, temos desde mulheres que moram em bairros de classe baixa, como a Barra do Ceará e a Vila

Manoel Sátiro, a mulheres que moram em bairros de classe média-alta e classe alta como o próprio bairro Praia de Iracema e Aldeota. Algumas, geralmente as mais novas, moram com os pais, outras dividem apartamento com amigas. Também encontrei mulheres que mantêm apartamentos com as remessas mensais de dinheiro que estrangeiros enviam para elas. Algumas têm carro próprio, cursam faculdade, frequentam festas voltadas para a classe média-alta como *raves*⁸²; outras meninas completaram o ensino médio, outras nem o fundamental, a variedade é enorme.

Mulheres de diferentes classes sociais, variadas idades e com diversos objetivos frequentam a noite em Fortaleza, seja para se divertir e namorar com estrangeiros, seja para fazer programas e pagar suas despesas e dos seus filhos. Essas mulheres demonstram diversos tipos de agência em suas vidas, elencando motivos condizentes com suas histórias de vida e seus planos para o futuro, muitas vezes não tão conscientes. Algumas mapeiam os campos de possibilidades, escolhendo aqueles que mais podem lhe proporcionar o suprimento das suas necessidades ou desejos, jogando com as estruturas de poder e as normas de gênero existentes.

4.2 Experiências e riscos

Em relação aos riscos do trabalho sexual, muitas mulheres relatam problemas com clientes e a experiência com o uso de drogas. Anita, 30 anos, disse que no começo usava cocaína com os clientes, mas com o tempo deixou de usar porque ela tinha *prejuízo*.

Teve um tempo que eu cheirava com os clientes, mas não dá certo, a gente tem prejuízo. Passei uma vez de oito horas da noite as quatro da manhã com um cliente cheirando, mas no final ele só me deu R\$ 800,00 reais, se eu não tivesse cheirado, teria tirado mais dele. (Entrevista Anita, 13.08.2010)

Sabrina, 20 anos, diz que quando começou a frequentar as boates da beira-mar saiu da casa dos pais e foi dividir apartamento com quatro amigas que ela conheceu nas boates. Ela começou a beber e usar droga depois que foi para as boates, e no início passou uma fase difícil. Na época em que ela dividiu apartamento diz que usava cocaína com muita frequência, que fazia programa para pagar a droga e ficou sem dormir nem comer alguns dias, o que a fez emagrecer bastante.

⁸² Rave é um tipo de festa que acontece em sítios (longe dos centros urbanos) ou galpões, com música eletrônica. É um evento de longa duração, normalmente acima de 12 horas, onde DJs e artistas plásticos, visuais e performáticos apresentam seus trabalhos, interagindo, dessa forma, com o público.

Quando você entra nessa vida, você conhece de tudo, os gringos levam as meninas para os hotéis deles, fazem festinhas particulares, em locais que se eu não estivesse aqui jamais conheceria, em coberturas de prédio, com piscina, lá todo mundo bebi, cheira e fuma a noite toda. (Entrevista Sabrina, 24.07.2012)

Em alguns momentos, pude presenciar o uso de cocaína por algumas mulheres, sobretudo dentro dos banheiros dos bares localizados próximo as boates, e também conhecer um senhor que fornecia drogas para as meninas dentro das boates⁸³.

Seu José, taxista, me contou que Grazy, que trabalha na rua há 11 anos, já teve muitos problemas com drogas, que ela andava com um estilete na bolsa e furtava o celular e a carteira dos clientes para comprar cocaína. Quando a questioneei sobre o uso de drogas, ela me respondeu que começou a usar somente depois do nascimento do seu último filho, que estava com nove meses. Ela disse que não atrapalhava em nada nos programas porque sabia usar e usava *consciente*, apesar de em todas às vezes que a encontrei ela estar cheirando cocaína.

Myli disse que não costuma usar drogas nem gostar de beber, porque ela fica embriagada rapidamente e não quer perder o controle. Mas na época em que ela frequentava as boates da PI passou por uma situação complicada. Contou que existia um esquema de alguns clientes envolvidos com o tráfico de drogas, que pagava para as mulheres usarem cocaína com o objetivo de vicia-las e elas comprarem a droga deles.

Um cara que levou cinco meninas para um motel, abriu uma maleta e jogou varias notas de cem reais em cima da mesa e fez varias carreiras de cocaína. Disse a elas que cada carreira que elas cheirassem ele lhes daria uma nota de cem. Ela disse que se empolgou pela proposta e começou a cheirar e ganhar notas de cem, na quinta carreira que ela cheirou, passou mal e teve que ser levada ao hospital. O medico lhe falou que se ela não tivesse sido levada logo, ela teria morrido. Perguntei se as outras meninas que estavam no quarto também tinham passado mal, ela disse que não porque elas já estavam acostumadas a cheirar pó. Perguntei qual o motivo dele ter feito isso, ela disse que eles costumam fazer isso para conseguir clientes, elas viciam as meninas para elas virarem clientes deles. Hoje, ela disse que só tem um cliente que cheira pó - porque geralmente eles exigem que elas cheirem com eles -, mas que ele não a obriga a cheirar porque ela já lhe contou do caso do homem que faleceu por overdose no seu programa. (Entrevista Myli, 17.07.2012)

Sheron, que também frequentava as boates, confirmou que tem clientes que pagam uma quantia a mais do programa para as mulheres usarem cocaína.

⁸³ Sobre o funcionamento do tráfico de drogas no circuito do turismo internacional em Fortaleza ver capítulo 1.

Ele (cliente) usava cocaína, ele tem o prazer de ver a pessoa usando e ele só saía com ela (amiga) se ela usasse, então foi aí que ela usou a primeira vez, ela saiu com ele, ele pagou a ela, se eu não me engano foi em torno de seiscentos reais, ele ia pagar pra ela trezentos, aí ele deu mais outra quantia em cima só pra ela usar entendeu?, acabou que ela cedeu, ela começou a usar e hoje ela tá nesse mundo, inclusive ela mora um pouco perto da minha casa, ela sempre tá roubando as coisas da casa dela pra vender, tá aquele conflito, ela já foi presa, já roubou, já tá solta, tá nessa vida... (Entrevista Sheron, 25.07.2012)

Aquino (2011) pesquisa a existência de mercados ilegais no circuito do turismo sexual na Praia de Iracema e identificou *personagens* como taxistas, recepcionistas de hotéis e pousadas, seguranças de condomínio e boates, até comerciantes do bairro, que servem de intermediadores entre turistas e mulheres, tanto no aliciamento de menores, na indicação de mulheres e locais de prostituição para turistas e no tráfico de drogas.

Não são todas as mulheres que usam drogas e ingerem bebidas alcóolicas em excesso, pois sabem dos prejuízos que podem lhe trazer tanto em relação aos clientes e até com a polícia. Catarina atualmente trabalha em uma casa de massagem localizada no bairro Benfica, diz não beber nada alcóolico enquanto ela trabalha, pois ela prefere ficar *alerta* durante os programas e a bebida lhe deixava vulnerável. Ao questionar Manu, que atualmente trabalha na rua, se ela já havido sofrido alguma situação de risco, ela me respondeu

Graças a Deus até agora eu nunca tive assim problema sério assim naum, já tive uns problemas assim ah uns estresses sim com homem sim mas nunca tive problema sério naum, de ter que parar no hospital, dos homem bater, de largar pegar uma mulher assim... né graças a Deus não... (Entrevista com Manu, 20.07.2012)

Em relação aos riscos sofridos através dos clientes, foram elencados clientes que usam drogas e ficam agressivos, que não querem pagar e inclusive ameaçar com armas com fogo, até o caso de um cliente que roubou a bolsa de Grazy com todo o dinheiro que ela havia conseguido na noite. Mas o maior número de relatos foi em relação a quebras de acordo do programa pelo cliente, tanto em relação ao horário estabelecido para o programa como em relação ao valor. Segundo Freitas (1985), o acordo é quebrado quando qualquer um dos itens combinados não é cumprido por uma das partes. De todos os itens, Freitas diz que o preço é o maior pivô de quebras de acordo, principalmente na prostituição de rua e em bordéis.

Contudo, na relação entre mulheres e estrangeiros, por esses acordos serem mais fluidos e às vezes não explicitados pela mulher, a possibilidade de haver quebras de acordo é reduzida, o que reduz os conflitos. O que não significa que inexista qualquer tipo de conflitos nos programas ou relacionamentos entre mulheres e estrangeiros. Geralmente o uso excessivo de drogas, a agressividade, pagar menos no programa, dentre outras queixas são recorrentes em relação aos *gringos*.

4.3 Família, relacionamentos e filhos

As relações familiares das mulheres que trabalham no mercado do sexo não diferem das de mulheres que trabalham em outras ocupações: por diversos fatores elas podem ser conflituosas, de cumplicidade, de ajuda, de convivência (dependendo da atividade), de apoio emocional, etc. Devemos observar, contudo, que o peso do estigma que recai sobre o trabalho sexual pode ser o estopim para o início de conflitos e desentendimentos. Os pais de Anita, que trabalha tanto através de sites de acompanhantes como em clubes voltados para as classes média-alta e alta, moram em Recife, Pernambuco. A distância facilitava que ela escondesse dos familiares suas atividades, mas ela foi descoberta pelo irmão.

Meus pais descobriram através do meu irmão que eu faço programa, faz dois meses, e eles não falam mais direito comigo. Minha mãe cuida da minha filha, mas ela só atende o telefone pra que eu possa falar com minha filha quando ela quer. Meu irmão, quando descobriu, me mandou embora da minha própria casa. (Entrevista Anita, 13.08.10)

Sheron, 20 anos, que tem uma família evangélica, conta como foi difícil para a família aceitar o seu convívio com a prima, que é garota de programa, e as suas idas frequentes as boates da Praia de Iracema.

Pois é, minha mãe foi uma das pessoas que mais sofreu com isso entendeu, deu começar a entrar nessa vida, sofreu muito, muito, falava muito “eu não quero perder minha filha pra essa vida, eu não quero perder minha filha pras drogas”, principalmente pras drogas, o receio maior dela era de começar a entrar no mundo das drogas, eu ia, me tornei uma pessoa rebelde, me tornei uma pessoa que eu não respeitava mais a minha mãe, entendeu? Assim, eu não discutia muito com ela, porque eu saía e deixava ela falando só, eu não sou aquela filha que tá discutindo com a mãe, eu não gosto, eu saía e deixava ela falando sozinha, ela me perguntava que horas eu ia chegar, eu não falava. Me deu antes eu era a filhinha querida, eu falava pra onde ia, falava que horas chegava, pedia permissão, se ela não deixasse eu não saía, depois eu cheguei a responder minha mãe entendeu, virava as costas pra minha mãe, uma vez eu cheguei a chamar a minha mãe de doida, dizendo que minha mãe queria se meter na minha vida e que ela não se metesse, só...

só agora eu percebo que tudo isso é para o meu bem, ela só queria o meu bem, entendeu? (Entrevista Sheron, 25.07.12)

Sara, 26 anos, também esconde dos seus pais que moram no Rio Grande do Norte, que frequenta as boates da Praia de Iracema e faz programa com estrangeiros. Por ter morado com um francês e ter tido um filho dele, os pais pensam que eles ainda estão juntos, mesmo ele estando na França e ela em Fortaleza, e que ela vive da pensão do filho que o francês manda mensalmente.

Myli, depois que foi morar com o empresário, esconde da mãe que continua fazendo programa.

Perguntei se ela sofria algum tipo de preconceito por amigos, vizinhos ou familiares. Ela disse que não, que nem seus vizinhos nem sua família sabem que ela faz programa, então ela não sofre nada disso, que seus vizinhos gostam muito dela. (Entrevista Myli, 17.07.2012)

Segundo Sanders (2005), o risco emocional de ser descoberta como prostituta ou garota de programa é uma preocupação constante na vida das mulheres que trabalham no mercado do sexo, elencado por suas entrevistadas como pior de que os riscos físicos. Segundo suas entrevistadas, elas podem se recuperar de lesões físicas causadas por clientes, mas o risco emocional de ser “descoberta” está fora do seu controle e pode trazer perdas irreparáveis nas suas vidas pessoais.

When asked about the preoccupying dangers in their everyday lives, sex workers referred to the emotional implications of their work because, unlike physical harm, the emotional consequences of selling sex do not stop when a woman leaves the sauna⁸⁴. (SANDERS, 2005, pg.46)

Anita, 30 anos, confirma essa preocupação ao dizer que a vida pública para quem faz *babado* é muito complicada, *não sei se me escondo ou se apareço*. Ela ressalta que o relacionamento com outras pessoas (que não são clientes) é muito difícil, porque por saber da profissão dela, seus parceiros ou parceiras sempre *cobram demais*. *Ficar sozinha é melhor para poder trabalhar e viajar*.

Contudo, não são todas as mulheres que tem relacionamentos problemáticos com suas famílias ou parceiros. Muitas delas têm uma relação de cumplicidade, sobretudo nas redes femininas de parentesco, como mães e irmãs, que se ajudam mutuamente, financeiramente ou através do cuidado dos filhos (SCOTT, 2011a).

⁸⁴ Quando perguntadas sobre os perigos mais preocupantes no cotidiano das suas vidas, trabalhadoras do sexo referem-se as implicações emocionais do seu trabalho porque, ao contrário do dano físico, as consequências emocionais da venda do sexo não param quando elas deixam a sauna. (tradução livre)

Autores como Bacelar (1992) e Fonseca (1996) identificaram como a mulher prostituta de camadas populares tem um papel importante, senão preponderante, no sustento financeiro de suas casas e também como autoridade que dita as regras do lar, desconstruindo a ideia estigmatizante que as prostitutas não tem família, marido ou filhos.

Debora, 36 anos, natural de Belém do Pará, mesmo à distância é quem mantém a casa onde seus filhos moram na sua cidade natal. Em um dia que lhe questionei se ela iria para as boates da beira-mar aquela noite, ela me respondeu que tinha que conseguir dinheiro para pagar o aluguel de Belém que é R\$500,00 e mandar dinheiro para os filhos, além do aluguel do apartamento que ela divide com mais duas amigas no bairro Benfica em Fortaleza. Orgulhosa disse que sua casa em Belém era grande, tendo três quartos e dois banheiros, *dou o melhor para os meus filhos*.

Grazy, 28 anos, tem quatro filhos, a mais velha tem treze anos e mora com a avó paterna e o pai. Grazy mora sozinha com os outros três filhos, um de nove anos, um de cinco anos e o mais novo de seis meses. A filha mais velha viveu desde pequena com a avó ainda quando Grazy era casada e morava com a sogra. Segundo Grazy, ela (a filha) gosta de morar com a avó e se acostumou com o bairro. Grazy cuida dos três filhos pequenos e paga uma mulher para ficar com seus filhos a noite enquanto ela trabalha. Mas ela disse que sua mãe também a ajudava e ficava com seus filhos de vez em quando. Perguntei se ela ajudava a mãe financeiramente e ela disse que não, que sua mãe não precisava. Sua única irmã também trabalha na mesma esquina que Grazy na Av. da Abolição e que por ela ser morena, Grazy diz que ela *tem sorte com os gringos*.

Kamila, 25 anos, tem três filhos e enquanto ela trabalha nas boates de Fortaleza, sua mãe cuida dos seus filhos em Teresina. Ela recebe pensões dos seus três filhos e quem administra o dinheiro é a sua mãe e também a sua irmã. Kamila diz sentir falta dos filhos, mas quando chega em Teresina ela é *mãe de família*, não pode ficar saindo de casa, *de noite fico em casa de um lado para o outro sem conseguir dormir, sinto falta de tá na rua*.

Através do relato dessas mulheres vemos a existência de uma rede de ajuda familiar, sobretudo feminina, no cuidado com os filhos e mesmo no convite a exercer a atividade da prostituição quando existe alguma necessidade financeira, como no caso das irmãs de algumas mulheres. Não somente mães e irmãs, mas sogras também ajudam a criar os filhos e também são ajudadas financeiramente com o provento dos programas ou com as pensões dos filhos. Myli, 28 anos, disse que um dos seus objetivos

quando começou a fazer programa era comprar uma casa para a sua mãe e conseguiu, hoje sua mãe mora em uma casa própria. Muitas dessas mulheres também são mães solteiras e vivem sem nenhuma “ajuda masculina”, apesar de boa parte delas receber pensão dos pais dos seus filhos⁸⁵.

Os relatos das mulheres também chamam a atenção pela quantidade de filhos que nascem desses relacionamentos interculturais. Sara, 26 anos, conheceu o pai francês do seu único filho na beira-mar e atualmente ele tem um ano de idade. Ela ainda morou com o francês por quatro meses na França, mas segundo ela não deu certo (não falou o motivo). Ela recebe pensão do filho e espera voltar esse ano (dois mil e treze) para Natal e parar de fazer programa. Quer terminar de construir sua casa, pois já *levantou* toda a casa e só falta fazer o acabamento, que segundo Sara é a *parte que mais gasta dinheiro* e por isso esta *levantando grana* fazendo programa com os estrangeiros.

Outra entrevistada começou a frequentar as boates da beira-mar e lá conheceu o pai do seu filho, um português dono da boate Café del Mar, localizada na Praia de Iracema. Ela teve um filho com o português, mas ele não sabe do filho porque foi preso pela polícia federal em uma operação realizada em dois mil e três contra o tráfico de pessoas e a exploração sexual de crianças e adolescentes. Ele foi preso por tráfico de pessoas e de drogas e está cumprindo uma pena de 30 anos em Portugal. A boate se localiza na Rua dos Tremembés, em frente a boate Forró Mambo, e atualmente está sendo administrada pelo irmão do português. A entrevistada disse que não contou que tem um filho porque não tem comunicação com o português pai do seu filho e que não conta para o irmão ou para a família dele porque ela tem medo que eles entrem na justiça para tirar o filho dela, e que é fácil conseguir se provarem que ela é garota de programa.

Castilho (2008) revela a ambiguidade existente na lei penal de prevenção ao tráfico, pois ao mesmo tempo em que faz referência ao respeito à liberdade sexual/dignidade humana, traz vestígios de uma proteção a moralidade pública, bem como a sobrevivitização das mulheres. Sob o discurso da proteção está presente o não reconhecimento da capacidade da mulher de exercer o direito sobre o seu próprio corpo, estigmatizando as prostitutas e estabelecendo o papel e o lugar da mulher na sociedade. Associando a prostituição com a degradação familiar e da mulher, alimenta a ideologia patriarcal, que estigmatiza determinados comportamentos como mecanismo de controle

⁸⁵ Sobre mães chefes de família, ver SCOTT, Parry (2011). Famílias brasileiras: poderes, desigualdades e solidariedade. Recife: Ed. Universitária da UFPE. (Série Família e Gênero, n.14)

social da mulher, revelando sexismo e violência de gênero no plano simbólico (CASTILHO, 2008).

A lógica da lei de prevenção ao tráfico é a mesma que nega o direito das prostitutas de criarem os seus filhos em Portugal. Fernando Ribeiro e José Sá (2004) afirmam que a *lei de Promoção e Protecção de Crianças em Perigo (lei n.º 147 de 1999)* existente em Portugal, proporciona um terreno fértil para a arbitrariedade da interpretação e aplicação de medidas de proteção a crianças que por serem filhas de mulheres que desenvolvem a atividade da prostituição são consideradas crianças em risco.

O exemplo mais concreto, que inquieta as mulheres prostitutas que também são (e actuam como) mães, é o da tutela dos filhos. Agindo com o despudor de quem se sente legitimado pela estigmatização socialmente naturalizada, servindo-nos das palavras de Bourdieu (1999), os juízes e demais agentes do estado com poder nesta matéria decretam que as trabalhadoras sexuais são inaptas, diríamos impróprias, para educar as suas crianças. [...] Por outras palavras não basta a uma progenitora que realize trabalho sexual ser uma boa mãe para ficar isenta do olhar vigilante dos agentes judiciais, tem antes que demonstrar continuamente que não é uma má mãe e que poderá desenvolver as suas competências e responsabilidades parentais, sem acotovelar ou comprometer qualquer direito ou interesse do descendente. (RIBEIRO & SA, 2004, pg.14)

Também existem mulheres que tiveram filhos de estrangeiros e nunca mais o encontraram. Barbara, 29 anos, foi casada com um brasileiro e teve dois filhos nesse relacionamento, dois homens. Ela era manicure, mas depois que ela se divorciou do marido, com 24 anos começou a frequentar as boates da beira-mar. Lá conheceu um francês do qual teve o terceiro filho. Eles namoraram durante um tempo, mas Barbara me confidenciou que ele não sabe que ela tem um filho dele porque nunca mais o encontrou. Barbara teve três namorados da beira-mar, um italiano, depois o francês pai do seu filho, e atualmente está namorando um suíço, que vem uma ou duas vezes por ano em Fortaleza, mandando remessas mensais de dinheiro para ela. Barbara disse que ele não sabe que ela continua frequentando a beira-mar e que ele manda dinheiro com o intuito dela não ir mais para as boates. Ela disse continuar indo para as boates porque gosta e é muito *gastadeira*⁸⁶, quer dar o melhor para os filhos, *eles comem o que querem na hora que querem*.

Adriana Piscitelli (2011b) afirma que as mulheres de baixa renda estão trocando a figura do *velho que ajuda*, homens locais mais velhos que ajudam financeiramente mulheres mais pobres em troca de relacionamentos sexuais e também

⁸⁶ Expressão regional para pessoa que gasta muito dinheiro.

afetivos, por turistas estrangeiros que elas encontram no circuito do turismo internacional na beira-mar de Fortaleza. Segundo Piscitelli, esses relacionamentos estão permeados de interesses de ambas as partes, mas também envolvem sentimentos amorosos, obscurecendo os limites corporais, simbólicos e espaciais existentes nas diversas modalidades da prostituição.

Nesses circuitos turísticos, essas diluições obscureciam as fronteiras entre modalidades de trocas, entre os *programas* e as modalidades de sexo tático estabelecidas por jovens empregadas em diferentes setores de atividade, que substituíam a figura local do *velho que ajuda* por turistas estrangeiros, às vezes mais jovens, percebidos como mais atraentes que os potenciais fornecedores de *ajuda* locais e oferecendo mais *cuidados*, que se expressavam em um alargamento do apoio econômico. (PISCITELLI, 2011b, pg.562)

Existem diversas formas desses relacionamentos se desenvolverem, desde homens casados que vem a Fortaleza algumas vezes por ano, mandando remessas de dinheiro que podem ser mensais, mas não necessariamente, para mulheres locais, no intuito de manter um relacionamento afetivo ou ter uma mulher disponível no Brasil. Alguns desses estrangeiros objetivam que o dinheiro mandado dê a possibilidade da mulher parar de fazer programas, como no caso de Barbara, apesar dela continuar frequentando as boates da Praia de Iracema. Algumas mulheres desenvolvem relacionamentos duradouros com estrangeiros solteiros, chegando a casar com esses homens e migrar para o exterior. Segundo Blanchette (2005),

O jogo das paixões que observamos na Help⁸⁷ é construído em cima de muitas desigualdades estruturais – entre os sexos, entre o Brasil e os países metropolitanos, entre uma feminilidade brasileira concebida como mulata exótica e sexy e uma masculinidade estrangeira vista como branca e rica. Mas nenhum desses fatores, por si só ou em conjunto, é capaz de dar conta dos comportamentos observados sem levar em consideração as subjetividades envolvidas no jogo e a totalidade das opções que os atores pensam manipular. Em tal jogo, prostituta pode transformar-se em namorada ou até em esposa; turista sexual, em marido; as relações de comércio, em relações entendidas como recíprocas, conforme os projetos e performances dos atores. A natureza deslizante, complexa e bilateral dos diversos relacionamentos observados no nexa turismo, sexo e imigração na Help demonstra a necessidade de se abandonar a categoria de turista sexual como algo explicável através de grandes categorizações maniqueístas. (BLANCHETTE, 2005, pg.280)

Sheron, 20 anos, conheceu seu noivo italiano na beira-mar na época em que ela frequentava as boates da PI. Eles estão juntos há três anos e noivaram há um ano.

⁸⁷ A Help era uma discoteca/boate existente na cidade do Rio de Janeiro, local de encontro entre mulheres locais e estrangeiros, fechada em 2010.

Pouco tempo depois que eles começaram a se relacionar, ela deixou de frequentar as boates e desde então, ele manda remessas mensais de dinheiro para ela pagar suas despesas. Ela me relatou como foi o encontro deles.

Sheron contou que foi na barraca de praia Salt Roots. Ela estava com mais duas amigas e ele (italiano) estava com mais dois amigos. As suas amigas estavam dando em cima dos amigos dele e ela, como não dava muito em cima, ficou na dela. Em algum momento, ele perguntou quanto ela cobrava pelo programa e ela respondeu, mas ele disse em seguida que não pagava para ficar com mulher e ela ficou quieta. No dia seguinte, eles se encontraram de novo, começaram a conversar e ela acabou ficando com ele sem ele pagar o programa. Uma amiga falou que ela era besta, que não se fazia isso, mas ela respondeu que tinha gostado e que não tinha problema. Depois desse dia, ela ficou uma semana com ele até ele voltar para a Itália e depois ficaram se comunicando pela internet. Disse que no início tinha dificuldade em falar com ele, precisava da ajuda de uma amiga, porque ele não fala português até hoje e ela aprendeu a falar italiano conversando com ele. Perguntei se eles se viam com frequência e ela disse que sim, que ele vinha de vez em quando (duas ou três vezes por ano) e que ela já tinha ido conhecer a família dele lá na Itália. Ela disse que já estão juntos há três anos, perguntei se ela pretende se casar com ele e ela disse que sim, mas só depois que fizer um curso superior. (Entrevista Sheron, 25.07.2012)

Na fala de Sheron, podemos analisar vários aspectos interessantes existentes nas relações entre mulheres locais e estrangeiros em Fortaleza. Primeiro, a forma como os relacionamentos se desenvolvem, às vezes sem um padrão definido de pagamento por troca de serviços sexuais. Segundo, o uso da internet como meio de interação e forma de continuar em contato com os estrangeiros quando estes não estão no Brasil. Terceiro, a necessidade de aprender outras línguas para conversar com os estrangeiros, como no caso de Sheron, a língua italiana, já que seu noivo não domina o português. E, por último, as possibilidades de viajar para o exterior e até migrar através de casamentos.

Em relação ao primeiro ponto, como Piscitelli (2000) já ressaltou, existe uma ambiguidade nos relacionamentos entre mulheres locais e estrangeiros que se desenvolvem na beira-mar. Apesar de existir as formas mais tradicionais de pagamento por serviços sexuais, muitas mulheres desenvolvem relacionamentos que não se restringem a realização de programas, desenvolvendo relacionamentos mais duradouros com estrangeiros ou ocultando o pagamento direto, desta forma elas podem conseguir mais dinheiro dos estrangeiros e acessar o “mundo” deles, como ir a restaurantes caros, viajar pelas praias do interior do Nordeste, ganhar presentes, etc.

Nesse universo, as aproximações entre os visitantes internacionais e as jovens que, de fato, recebem pagamento por serviços sexuais, tendem a estar carregadas de ambigüidade. Nesse ponto, é importante destacar que os termos

correntes para referir-se às interações com os estrangeiros são os mesmos utilizados em relacionamentos amorosos desvinculados da prostituição: “sair”, “ficar”, “namorar”. Na maior parte dos espaços “misturados” da Praia de Iracema, as aproximações adquirem as características de uma paquera. (PISCITELLI, 2000, pg.6)

Quando conheci Sabrina, 20 anos, ela me contou que estava saindo há uma semana com um italiano, que estava *meio namoradinho* dele, e que se ele soubesse que ela estava frequentando as boates, ele não iria gostar. Ela disse que ele tem cinquenta anos, mas que era *bonitão, com cara de trinta*, que ele era uma pessoa legal, romântico, mas que ele tinha um defeito, *ele cheira muito pó*. Perguntei se quando eles saíam era como um programa, se ele pagava, e ela disse que não, que se ele não pagasse, ela não se incomodava ou cobrava. Ela está dormindo no hotel onde o italiano está hospedado e, segundo Sabrina, ele a trata como uma namorada. Sabrina disse que às vezes ele dava dinheiro ou algum presente para ela. Eu perguntei se ela tinha vontade de conseguir um namorado e ela disse que sim, mas que ainda não tinha conseguido.

No mês seguinte quando a encontrei novamente pelas boates da beira-mar, Sabrina me contou estar apaixonada por outro italiano que foi casado com uma amiga por quatro anos e eles têm um filho. Ela disse estar conversando com o italiano pela internet há algum tempo, ele estava chegando à Fortaleza no mês de outubro⁸⁸ e a convidou para ir a Porto Seguro, Estado da Bahia, com ele. Ela me contou que estava muito feliz, mas ao mesmo tempo receosa que ele e a amiga pudessem voltar quando ele chegasse à cidade. O italiano e a sua amiga moravam na Itália, mas haviam se separado há alguns meses porque estavam brigando muito e ele batia nela, então ela voltou para o Brasil. Segundo Sabrina, a amiga pode querer voltar com o italiano porque ela tem um filho para sustentar e ela está morando atualmente na casa dos pais.

A forma como Sabrina se comunica com o italiano reflete o segundo ponto que havia comentado sobre como se desenvolvem os relacionamentos entre mulheres locais e estrangeiros. A internet é uma importante ferramenta de comunicação na manutenção de contatos e também um local virtual para se conhecer novos “amigos” estrangeiros.

O terceiro ponto é em relação à aprendizagem de línguas estrangeiras. Boa parte das mulheres que frequenta a beira-mar aprende uma ou mais línguas, algumas de forma mais superficial, para conversar o básico com os estrangeiros, outras aprendem a falar fluentemente, sobretudo aquelas que já viajaram ou viajam constantemente para o

⁸⁸ Outubro do ano passado, dois mil e doze.

exterior. No começo, Sheron disse que precisou da ajuda de uma amiga para conversar com seu noivo italiano, mas que com o tempo foi aprendendo, hoje ela fala italiano fluentemente. Quando Sheron ainda frequentava as boates da PI, ela disse sempre levar um dicionário na bolsa para se comunicar minimamente com os estrangeiros. Myli, que já viajou para vários países, disse falar francês, espanhol e *arranhar* o italiano, *aprendi na escolinha da beira-mar*, pois a grande quantidade de italianos na beira-mar faz com que as mulheres tenham mais contato com a língua italiana.

Por último, o desejo de migrar dessas mulheres, ou para trabalharem no mercado do sexo europeu, onde podem conseguir mais dinheiro, ou casar com estrangeiros e ter um melhor padrão de vida. O fluxo de mulheres tanto em direção ao exterior como dentro do Brasil é intenso. Como ressalta Piscitelli, a utilização do sexo para “melhorar de vida” nos relacionamentos entre mulheres locais e estrangeiros, não está isento de afeto, prazer e romantismo. Esses relacionamentos também estão permeados de interesses de ambas as partes. Duas das minhas entrevistadas que pretendem casar com estrangeiros confessam não ama-los, pelo menos não no sentido mais romântico do termo.

Bianca, 23 anos, conheceu seu noivo holandês em Salvador, Estado da Bahia. Ela trabalhava de garçonete quando o conheceu, eles estão juntos há cinco anos. Bianca disse que veio para Fortaleza fazer um curso de holandês necessário para ela conseguir o visto definitivo na Holanda e estava na cidade há oito meses. Começou a fazer programas frequentando as boates da PI. Seu noivo não sabe que ela faz programa, *ele nem sonha que onde eu moro é tão perto das boates*. Quem paga suas despesas em Fortaleza é o seu noivo. Segundo Bianca, ele envia algo em torno de R\$1.600,00 por mês. Com o dinheiro, ela paga o apartamento mobiliado que é R\$500,00 e o curso de holandês que é mais R\$500,00, manda uns R\$300,00 para sua mãe em Salvador e o restante fica para ela. Ela diz ser muito impulsiva para comprar e que está tentando poupar o dinheiro dos programas para não depender financeiramente do futuro marido na Holanda e que também quer trabalhar quando chegar lá. Perguntei se ela estava feliz com o casamento e ela disse não saber bem, que não ama seu noivo, mas que vai mesmo assim porque eles já estão juntos há cinco anos.

Denise Brennan (2010), no seu estudo sobre turismo sexual na República Dominicana, identifica que as mulheres, mesmo estando em uma posição de desigualdade em relação ao turista branco de Primeiro Mundo que frequenta a localidade de Sosúa, desenvolvem um tipo de *advancement strategy* no intuito de

migrar para países da Europa ou da América do Norte. Além da assumida transação de sexo por dinheiro, relações complexas estão em jogo nos encontros entre trabalhadoras do sexo e turistas sexuais. As mulheres se apresentam como sexualmente desejáveis e disponíveis para atrair e “ancorar” os turistas sexuais em suas vidas e futuros, desenvolvendo o amor estrategicamente. Segundo a autora, as trabalhadoras do sexo se encontram ambas na situação de explorado e de explorador, e o sucesso da sua empreitada em conseguir vistos para migrar para o exterior dependerá também das suas performances como amantes, não no sentido sexual, mas afetivo (BRENNAN, 2010).

Para Piscitelli (2011b), mesmo que os sentimentos envolvidos nos relacionamentos entre turistas e mulheres *nativas* não se tratem de *amor sensual*, eles não são reduzidos nem a paixão nem somente ao puro interesse. *O que está em jogo é a idéia de respeito, alimentada por gratidão pela disposição para contribuir com o seu sustento e o reconhecimento pelas oportunidades concedidas* (PISCITELLI, 2011b, pg.569). Contudo, Piscitelli (2010) ressalta que nos casamentos entre migrantes e estrangeiros, conveniência e sentimentos amorosos se interpenetram constantemente, e que a presença de interesses não tornam os casamentos inseguros. Complexificando a discussão sobre os tipos de interesses e os estilos de afeto presentes nesses casamentos, a autora afirma que

Considerar que esses relacionamentos podem ser classificados e situados em alguma hierarquia a partir da “falta” do “amor” seria um equívoco antropológico análogo ao de atribuir às re-configurações, no contexto migratório, de interpenetrações entre afeto e interesses presentes no Brasil, maiores riscos para as mulheres e menores margens de agência feminina. (PISCITELLI, 2010, pg.22)

Desta forma, podemos perceber as diversas estratégias de vida que as mulheres elaboram para alcançar seus objetivos e/ou melhorar de vida. As mulheres se relacionam com estrangeiros, recebendo ajudas financeiras e também pensão de filhos desses relacionamentos, onde amor e interesse estão imbricados, algumas conseguindo migrar para o exterior através de casamentos. As viagens para o exterior são uma constante para essas mulheres, mas algumas não migram, indo para o exterior visitar namorados ou trabalhar do mercado do sexo por um período, como veremos em outro tópico. Os relacionamentos familiares são parte importante da vida dessas mulheres, muitas vezes determinando a intensidade do envolvimento, tempo e objetivo no mercado do sexo, pois muitas ajudam suas famílias, desejam ter uma casa própria ou dar uma vida melhor para os seus filhos.

A partir dos seus relacionamentos amorosos, familiares, de afeto ou de interesse podemos compreender como essas mulheres agenciam suas vidas jogando com as estruturas de poder e hierarquias de gênero existentes na sociedade. Antes de serem somente vítimas de estrangeiros do Primeiro Mundo que vem *explorar sexualmente* mulheres no Terceiro Mundo, essas mulheres jogam com as oportunidades, elaborando estratégias de vida e explorando os campos de possibilidades.

4.4 Viagens e planos

Vários autores verificaram o aumento da migração de mulheres, tanto para trabalhar no setor doméstico ou no mercado do sexo em países da Europa e da América do Norte, como para casar com homens estrangeiros (LEHMAN-KARPZOV, 1994; AGUSTÍN, 2005; PISCITELLI, 2006b, 2007, 2010; SCOTT, 2007, 2010, 2011; MAYORGA, 2010; RITTINER, 2010). Tanto o tipo de trabalho desenvolvido pelas migrantes, a manutenção das redes e relações familiares das mulheres no país de origem, a forma como os casamentos interculturais se desenvolvem nos países de destino, e os sentimentos envolvidos nesses relacionamentos são analisados por esses autores. Segundo Rittiner (2010), através do turismo, o anseio pelo desconhecido se realiza ao mesmo tempo em que possibilita a pessoas de culturas diferentes manterem contato e encontrarem sua complementariedade afetivo-conjugal com estrangeiros, aumentando os casamentos interculturais.

As mulheres vêm ocupando um lugar de destaque na dinâmica da globalização e dos fluxos migratórios, mas também sofrem as consequências do fechamento das fronteiras em vários países da Europa. Os migrantes viraram os inimigos das nações europeias, sobretudo os migrantes vindo de ex-colônias, representando uma ameaça a identidade cultural e a soberania nacional dos *autênticos* europeus (MAYORGA, 2011).

Diante desse quadro, os migrantes têm elaborado diversas estratégias para entrar e permanecer nos países europeus. Mulheres brasileiras, que trabalham no mercado do sexo ou não, também desenvolvem estratégias para migrar, dentre as quais, conseguir dinheiro para viajar, contatos que as ajudem no país de destino, e, sobretudo, não serem deportadas, tentando possuir os almejados “papéis”, o visto permanente no país. Manu, natural do Rio de Janeiro, viveu durante dez anos como ilegal na Espanha, foi deportada há quatro anos. Durante o tempo em que morou no exterior, trabalhou em

boates e deixava metade do dinheiro dos programas na casa, mas disse que nunca trabalhou coagida ou forçada a fazer qualquer coisa que ela não quisesse. Quando a questioneei sobre os seus planos para o futuro, ela me confidenciou que quer voltar para a Europa, e está esperando que a sua companheira que está na Espanha consiga um marido para ela. Com o marido ela consegue os papéis para ficar permanentemente.

Manu: *Ah eu tô louca pra voltar para a Europa, se não é pra europa pelo menos passear um pouco, por Venezuela...*

Fernanda: Nunca?

Manu: Lá não conheço, Venezuela não, conheço Suiça, morei na Suiça, na Espanha, Alemanha foi só “passage”⁸⁹ e Portugal eu fiquei uns quinze dias. França também foi só de “passage”, só isso.

Fernanda: Como é que é o esquema para sair daqui, agenciador?

Manu: Não, no meu caso não foi agencia não, foi uma amiga minha, amizade mesmo.

Fernanda: Ela já tinha ido pra lá?

Manu: Eh.

Fernanda: Tu foi como visto de... de...

Manu: É turismo, nada mais. Eh, agora que tá essa burocracia para entrar né, esse problema todo só visto mesmo, não sei o que, entendeu... [...]

Manu: *Ilegal, eu tava como ilegal, eles mesmo não acreditaram... eles ei vai logo pro teu país logo, não sei o que, tá muito tempo aqui, pode ir, pode ir logo*⁹⁰. Cara eu passei muito tempo zoando com a cara deles ali né... *pausa*

Fernanda: Nunca chegou a ser presa nada disso... *risos*

Manu: Não, nada, eu nunca me envolvi com nada de errado lá, só pra voltar né, aí mesmo assim foi rápido, mesmo assim só vim embora e... [Deportada eh], nada mais. Porque nunca me envolvi com nada, nada de errado graças a Deus... *pausa Foi, foi sim...* olha, e se eu falo ninguém acredita, só a policia federal sabe (risos). Quanto tempo foi, porque lá quando você vem é contado isso né... eles registram lá na delegacia, perguntam se você foi maltratada tudo, quando você chega aqui no Brasil né, mas eles sabe entendeu, toda pessoa que chega lá eles sabem o tempo que a pessoa passou, tá tudo registrado, mas se eu contar ninguém acredita (risos)... sério mesmo.

Fernanda: Quanto tu ganhava lá por programa?

Manu: Ah lá e melhor, a base, o mínimo lá era cem euros, cem euros... (Entrevista Manu, 20.07.2012)

Na fala de Manu, identificamos que ela passou por alguns países, mesmo tendo ficado pouco tempo, antes de se estabelecer na Espanha por dez anos. As mulheres que migram para trabalhar no mercado do sexo podem trabalhar em diversos países. Outras ficam em trânsito entre países estrangeiros e o Brasil até conseguir o visto permanente, muitas vezes viajando sozinhas, o que as difere das migrações secundárias de mulheres que acompanham os seus maridos (MAYORGA, 2011). Segundo Agustín (2005), o fenômeno dos migrantes que trabalham na indústria do sexo pode ser entendida no contexto dos processos de globalização, mas com uma característica especial: *es normal que estos viajeros no se asienten en un lugar a vivir*

⁸⁹ As aspas indicam preservação da oralidade.

⁹⁰ Itálico indica entonação na voz.

*sino que sigan viajando*⁹¹ (AGUSTÍN, 2005, pg.116). Desta forma, os migrantes podem conhecer a Europa, e mesmo pobres e ilegais, viajam de maneira cosmopolita.

Muitos motivos podem ser elencados ao desejo de homens e mulheres migrarem para trabalhar na indústria do sexo na Europa. O dinheiro que podem conseguir é muito maior de que em outros trabalhos, significando a possibilidade de ajudar parentes, colocar os filhos na escola, construir casas, abrir pequenos negócios ou mesmo “vestir-se como rainhas” (AGUSTÍN, 2005). Além dos fatores econômicos, o desejo de conhecer o mundo, ser artista, se tornar uma pessoa independente ou casar com estrangeiros(as), viver em boas casas e comer bem, são os sonhos de pessoas de todas as partes do mundo, incluindo a Europa. Agustín (2005) ressalta que entre os que sofrem pela pobreza, casamentos ruins e por vários outros fatores causais, nem todos optam por migrar, e entre os que migram, nem todos optam pelo trabalho sexual.

Ningún tipo de determinismo explica por completo el fenómeno humano de la elección. Toda opción se ve intervenida por cuestiones de clase, género, etnia y nivel económico, por las condiciones sociales del momento (guerra, dictadura, hambruna, violencia, paro, etc) y por la naturaleza del individuo, de sus deseos, sus pasiones, su aburrimiento, su curiosidad y su capacidad de arriesgarse⁹². (AGUSTIN, 2005, pp.115-116)

Myli, quando completou dezoito anos, viajou para a Espanha e passou cinco meses trabalhando nas ruas. Perguntei-lhe se existia algum tipo de agenciamento para o exterior e ela disse que não, que um amigo lhe emprestou o dinheiro e ela ficou trabalhando lá até conseguir o dinheiro para pagá-lo. Na Espanha conheceu um francês, passado os cinco meses voltou para o Brasil e continuou a fazer programa, até que o francês veio lhe buscar para morar com ele na França, ficando casada com ele por quatro anos. Passado esse período ela voltou para o Brasil e conheceu o pai do seu filho nas boates da beira-mar de Fortaleza. Depois que seu filho nasceu, ela passou um ano trabalhando em boates na Guiana Francesa. Ela disse que lá funciona como no Brasil, você paga parte do seu programa para a casa e sai quando quiser.

Tanto Manu como Myli conseguiram viajar através das redes de amigos, às vezes contraindo dívidas, mas enfatizando que foram ajudadas. Conforme Piscitelli

⁹¹ É normal que estes viajantes não se contentem em viver em um lugar, mas que continuem viajando. (tradução livre)

⁹² Nenhum tipo de determinismo explica plenamente o fenômeno humano da escolha. Cada escolha é tomada por questões de classe, gênero, etnia e nível econômico, pelas condições sociais atuais (guerra, violência, fome, ditadura, desemprego, etc.) e pela natureza do indivíduo, seus desejos, suas paixões, seu tédio, sua curiosidade e sua capacidade de assumir riscos. (tradução livre)

(2006b), a migração com vistas à inserção na indústria do sexo envolve redes semelhantes às usadas por migrantes brasileiros que trabalham em outros setores.

O adiantamento do dinheiro a ser devolvido com juros análogos aos pagos em um clube, a oferta de uma vaga em um apartamento (pela qual se paga um valor superior ao que ela de fato teria) e/ou o apoio para estabelecer em “pontos” na rua, tudo isso é lido como ajuda. [...] A diferença é que estas redes são basicamente femininas, e que amigas e vizinhas se adicionam aos laços familiares. Neste contexto, os juros cobrados pela passagem são considerados lógicos e justos, e considera, também, que é uma “obrigação” retribuir a “ajuda” recebida. A ideia de exploração aparece apenas quando se considera que os juros são excessivos. (PISCITELLI, 2006b, pg.11)

Outras mulheres viajam ou migram para o exterior através dos namorados estrangeiros que elas encontram na beira-mar de Fortaleza. Barbara, que atualmente está com um namorado suíço, passou seis meses na Itália visitando o ex-namorado italiano. Ela passou três meses na Itália, voltou para o Brasil e depois passou mais três meses, tempo regular permitido aos turistas brasileiros. Enfatizou que não foi para fazer programa, mas para *namorar*. Disse que o relacionamento não durou porque quando eles estavam na Itália, ele se tornava muito agressivo e batia nela, por isso sua mãe não deixou mais ela viajar para ver ele.

Algumas mulheres que frequentam as boates da Praia de Iracema que nunca viajaram para o exterior dizem ter receio pelas histórias que escutam de suas colegas que sofreram agressões físicas dos namorados estrangeiros quando estavam no exterior. Sabrina, apesar de às vezes demonstrar vontade de viajar para o exterior, dizia que *os gringos aqui são umas coisas, são bonzinhos, levam para sair, mas quando chegam na terra deles começam a ficar grosseiros e a tratar mal, por isso não quero ir para lá*. Quando estava com ela nas boates ela sempre me apontava as garotas que já tinham viajado ou migrado para o exterior e revelava a ambiguidade do seu desejo.

Tá vendo aquele menina, ela é linda né, pois é, ela casou com um gringo, passou uns quatro anos com eles, teve filho e tudo, mas agora está aqui de novo. Essas meninas são burras, não sabem fazer a vida, se fosse eu, ia ficar sempre investindo em outro, estando com um mas já pensando em outro porque se não desse certo eu não precisaria voltar. (Entrevista Sabrina, 14.09.2012)

Segundo Piscitelli (2007), as mulheres que deixaram Fortaleza acompanhando turistas compõem um mosaico heterogêneo. Algumas vivem em trânsito sazonal entre países europeus e o Brasil, usando vistos de turistas, aproveitando o convite dos namorados estrangeiros para viajarem livres de dívidas, às vezes casando

com eles e migrando; outras permanecem nos países europeus à procura de programas com clientes que conheceram no Brasil e retornando ao Brasil com dinheiro.

Reiterando o padrão pouco profissional presente nos relacionamentos com estrangeiros em Fortaleza, visitam “namorados” na Itália procurando alguma possibilidade de permanecer no país através deles. [...] Quando não o conseguem, elas regressam levando consigo malas cheias de roupas (algumas de *griffe*), relógios, perfumes e celulares ultra-sofisticados. (PISCITELLI, 2007, pg.722) (*grifo original*)

Gessica, 32 anos, mantém um apartamento na beira-mar de Fortaleza com as remessas de dinheiro mensais que recebe do seu namorado francês e gosta de ostentar o seu estilo de vida. Mostrou-me bolsas e maquiagens que trouxe da Itália na sua última viagem, e disse já ter encomendado o novo *Ipod* para o namorado trazer quando ele vier ao Brasil. Enfatizou que as coisas na Europa são mais baratas que no Brasil, por isso ela prefere comprar lá, indo para a Itália ou França todo ano. Algumas vezes indo para a França visitar o namorado, outras para a Itália fazer programa sem o namorado saber.

Apesar da ostentação do padrão de consumo das que viajam para o exterior, outras mulheres dizem não ter vontade de viajar para o exterior porque as que vão sempre voltam para a beira-mar e continuam fazendo programas. Clara, na conversa com algumas mulheres em uma mesa na barraca Salt Roots, diz não ter vontade de ir para a Itália, pois está há um ano na beira-mar e vê as mulheres *se exibindo, mostrando roupa cara, bolsa cara, coisas que elas trazem da Europa, mas não vejo nenhuma mudando de vida, elas continuam na beira-mar igual a mim, aqui eu ganho dinheiro do mesmo jeito*. Já Bianca, baiana, que viajou para a Holanda algumas vezes para visitar seu noivo, diz não ter muita amizade nesse *meio* (se referindo as mulheres das boates), porque as meninas só querem *se dar bem* e exibir as coisas que compram da Europa, disputando com as outras quem tem mais *coisa cara, da Europa*.

Percebi que as algumas mulheres que frequentam as boates da beira-mar gostam de coisas caras, daquilo que é considerado *coisa de rico, de luxo*. Nina, assim que me conheceu, disse que gostou de mim porque eu não parecia com uma *puta*, pois tinha *cara de patricinha*. Essas falas nos revelam um dos aspectos que pode tornar a prostituição atrativa para essas mulheres, o desejo de conseguir dinheiro em pouco tempo e/ou conseguir um namorado estrangeiro que as possibilite fazer viagens para o exterior, melhorando o seu padrão de vida e de consumo.

Segundo Yenwen Peng (2005), esse é o grande perigo de colocar tanto peso na divisão entre prostituição forçada e prostituição voluntária. Aquelas mulheres que

por qualquer motivo escolheram trabalhar no mercado do sexo, e não possuem justificativas moralmente aceitáveis, como estar vivendo numa condição miserável ou ter que sustentar suas famílias e filhos, caem em um estigma ainda pior do que aquelas que realmente se encontram nessa situação. Segundo a autora,

Such a stigma, after all, is no more than a kind of resentment against people who are perceived as either earning “easy money” or *ai-mu-xu-rong* (vain)⁹³. Given the humiliation, stigma, substantial danger, and emotional and physical labor that are required in the providing of sex services, it is a myth *per se* to say that the money is earned “easily.” Yet even if the prostitutes *are* making relatively easy money, since “easy money” is such a dominant ideal that most people eagerly pursue, on what ground should the prostitute be singled out and stigmatized for that accomplishment? On what ground can people criticize voluntary sex workers *more* than other “gold diggers,” say like stock market players? This analogy does not mean that I endorse the easy-money dream. Rather, the point is that only through a defense of the categorization of “sex work” as a form of labor can we fight against various selective criticisms and double standards imposed on sex work and sex workers.⁹⁴ (PENG, 2005, pg.34)

A questão dos benefícios ou do desejo das mulheres que frequentam as boates da beira-mar, que não se veem como prostitutas, pela legalização do trabalho sexual é uma questão para outra pesquisa. Mas Yenwen Peng (2005) nos traz uma reflexão interessante sobre o peso da moralização e do estigma que recai sobre a mulher que se utilize do seu sexo para qualquer fim não moralmente justificável, seja melhorar de vida ou ter um padrão de consumo luxuoso.

Esse não é um problema moral, mas um problema do sistema econômico em que vivemos, não somente as mulheres que estão ligadas direta ou indiretamente ao mercado do sexo, mas a maioria das pessoas que vive sob a ideologia do consumo, onde viver bem significa consumir cada vez mais. Também não podemos ser simplistas e reduzir a complexidade das relações entre homens e mulheres seja no mercado do sexo local ou no circuito do turismo internacional na cidade de Fortaleza a lógica do dinheiro

⁹³ Expressão idiomática popular chinesa que se refere a pessoas que são vãs ou materialistas.

⁹⁴ Tal estigma, afinal das contas, não é mais do que uma espécie de ressentimento contra as pessoas que são percebidas como quem ganha “dinheiro fácil” ou *ai-mu-xu-rong* (vãs). Dada a humilhação, estigma, perigo considerável, e o trabalho emocional e físico que são necessários no fornecimento de serviços sexuais, é um mito *per se* dizer que o dinheiro é ganhado “facilmente”. No entanto, mesmo que as prostitutas ganhem dinheiro relativamente fácil, uma vez que “dinheiro fácil” é um ideal dominante que a maioria das pessoas avidamente buscam, sobre qual fundamento deveria a prostituta ser estigmatizada e apontada por essa realização? Sob que base as pessoas podem criticar as trabalhadoras do sexo voluntárias mais que outros “garimpeiros”, como dizem os agentes do mercado de ações? Essa analogia não significa que eu aprove o sonho do dinheiro fácil. Pelo contrário, o ponto é que somente através de uma defesa da categorização dos “profissionais do sexo” como uma forma de trabalho” podemos lutar contra várias críticas seletivas e duplos padrões impostos ao trabalho sexual e aos trabalhadores do sexo. (tradução livre)

e do consumo. Diversos fatores sociais, econômicos, culturais e subjetivos integram o leque de intencionalidades, desejos e aspirações das mulheres não somente no mercado do sexo, mas das mulheres envolvidas nas mais variadas relações com estrangeiros ou pessoas locais. A noção de *ajuda* ou de *ter um futuro* (Piscitelli, 2007; 2011b) também são estratégias de mulheres, que utilizam táticas do sexo, algumas vezes conscientes e planejadas, outras vezes nem tanto, para melhorar suas vidas.

Também devemos ter cautela ao reduzir todo o tipo de deslocamento através das fronteiras para trabalhar no mercado do sexo como tráfico de pessoas. Através dos relatos das mulheres envolvidas no circuito do turismo internacional na cidade de Fortaleza e dos estudos já realizados, podemos perceber que elas desenvolvem estratégias para migrar ou viajar para o exterior, seja através de namorados estrangeiros ou redes de amizades, com objetivos os mais variados, não se envolvendo necessariamente com redes mafiosas. Não negando a estrutura, organização ou opressão existente neste mercado, vemos que a agência desses sujeitos nos revela algo mais complexo do que a necessidade financeira, incluindo desejos, aspirações e sexualidades muitas vezes postas à margem da sociedade.

Considerações finais

Essa pesquisa problematizou a agência da mulher no mercado do sexo. Através da inspiração de Anita⁹⁵ que me revelou os seus variados desejos e aspirações trabalhando em um clube de acompanhantes, a ideia de que as mulheres mesmo em contextos de “dominação masculina” agenciam as suas vidas ganhou forma. Os percalços e dificuldades da pesquisa foram mais benéficas do que prejudiciais, pois pude verificar com as mulheres da pesquisa, que trabalham nas ruas, em casas de massagem, clubes de acompanhantes e boates, sobretudo, aquelas vinculadas ao circuito do turismo internacional na cidade de Fortaleza, que todas elas, independente dos seus níveis socioeconômicos, são agentes ativas nas suas escolhas e estratégias de vida.

As análises sobre prostituição têm como principal preocupação as relações de poder que perpassam a vida das mulheres no mercado do sexo, sobretudo em relação à opressão ou a liberação sexual. O feminismo radical criminaliza a prostituição como uma forma de violência e exploração sexual das mulheres, vendo o poder somente pelo lado de dominação e opressão, não reconhecendo o agenciamento ou o poder e controle que as mulheres possam ter no mercado do sexo. Já na perspectiva do *empowerment* sexual, a mulher assume o papel de agente ativa, algumas vezes ressaltando as relações de gênero desiguais, noutras exacerbando o controle da mulher no mercado do sexo, o que torna a análise simplista.

O conceito de poder em Foucault, não se resumindo a relação unilateral entre opressores e dominados, mas existente nas malhas do poder da vida cotidiana, nos possibilitou questionar as relações de poder inerentes à vida das mulheres que fornecem serviços sexuais. A balança entre as formas de dominação e as formas de agenciamento no mercado do sexo é bastante complexa e o conceito de poder foucaultiano nos possibilitou visualizar o poder em sua forma micro, que perpassa as relações cotidianas, que produz aquilo que controla, mas que ao mesmo tempo abre margem a formas de resistência. Porém, resistência aqui não pode ser pensada como algo que está fora do poder, mas que só é possível dentro de suas relações.

No âmbito da prostituição, a agência das mulheres se dá através das rupturas e ressignificações dos regimes de poder e discurso que permeiam suas vidas cotidianas. Lidando com as opressões e hierarquias de gênero, com o estigma da sociedade sobre o trabalho sexual, com as poucas oportunidades em um mercado do trabalho mal pago, a

⁹⁵ Mulher entrevistada durante a pesquisa exploratória em 2010.

necessidade de criar seus filhos ou ajudar sua família e, além disso, com o desejo de ascender socialmente e ter um padrão de vida e de consumo melhor, as mulheres se tornam agentes nas suas estratégias de vida.

A ideia de uma subjetividade em processo foi relevante para repensarmos uma identidade estigmatizada e vitimizada da mulher que se prostitui ou que de qualquer forma está inserida no mercado do sexo. A ideia de um sujeito em processo que nega uma natureza essencializada e é constituído através de correlações de força nunca acabadas nos ajudou a compreender como a atividade da prostituição pode ser vista como um meio temporário e como as mulheres podem assumir diversos papéis perante a sociedade, como mãe, esposa, estudante, profissional, e ainda assim exercer uma atividade que exige assumir performances de feminilidade e saber administrar os riscos e a clandestinidade na venda de sexo.

Judith Butler aprofunda a perspectiva foucaultiana, trabalhando um aspecto relevante para a compreensão das relações de poder na prostituição: as normas e as relações de gênero na constituição das subjetividades. A matriz heteronormativa define o papel e a identidade tida como legível através da dicotomia homem e mulher. Segundo Butler, os sujeitos incorporam essa matriz através de um ato performativo não totalmente consciente, onde as normas e papéis sexuais são legitimados desde a infância. Contudo, dentro do ato performativo e da matriz de gênero existe a possibilidade de deslocamento ou descontinuidade dessa estrutura, revelando as falhas e lacunas dessa construção binária. Então, se a quebra ou ruptura da identidade de gênero somente pode ocorrer dentro da matriz heteronormativa, a possibilidade de agência existe, dentro do poder, e não fora dele. Nesse sentido, podemos dizer que tal ruptura é possível tanto através da agência das mulheres no mercado do sexo, que performatizam os seus papéis de gênero, como em um âmbito da vida das mulheres que fogem as regras de gênero impostas pela sociedade heterossexual: nas suas relações afetivas e sexuais com mulheres.

Foi possível discernir as mais diversas formas de agência das mulheres no mercado do sexo, desde a construção das suas identidades sociais, as táticas do sexo nos jogos de sedução com clientes e estrangeiros, a inversão dos papéis de gênero, mas também o seu reforço estratégico. A *performatividade* dessas mulheres no mercado do sexo e as rupturas com o padrão heteronormativo, além das negociações realizadas com as práticas corporais e no mercado da aparência. A agência dessas mulheres se dá nas interações cotidianas, através dos micro-poderes existentes na sociedade, onde cada

indivíduo pode ressignificar sua condição, como uma prática reiterativa e rearticulatória dentro do poder, e não em uma relação de oposição externa ao poder.

A autonomia das mulheres não está na ideia de um sujeito individualista, que planeja objetivamente os seus objetivos e metas. A autonomia dessas mulheres ocorre nas relações sociais nas quais elas estão envolvidas, nas malhas de poder que perpassam as suas vidas cotidianas. Mesmo limitadas pelas estruturas sociais, elas se beneficiam com os jogos das suas identidades e do seu sexo, elaborando táticas do sexo e estratégias de vida para realizar seus desejos e aspirações.

Suas intencionalidades e motivações são múltiplas, e existem diferenciações em relação a mulheres localizadas em diferentes tipos de prostituição. E apesar delas não estarem livres da violência sexista e dos mais diversos tipos de necessidades financeiras, o desejo de todas é melhorar de vida. As configurações de cada trabalho é que vão possibilita-las ter acesso a uma ascensão maior ou menor. Segundo Gaspar (1988), a perspectiva de mobilidade e de status social das garotas também varia dependendo das possibilidades de ganho.

As mulheres no mercado do sexo e no circuito de turismo internacional na cidade de Fortaleza, de diferentes classes sociais, variadas idades e com diversos objetivos, frequentam a noite em Fortaleza, seja para se divertir e namorar com estrangeiros, seja para fazer programas e pagar suas despesas e dos seus filhos. Essas mulheres demonstram diversos tipos de agência em suas vidas, elencando motivos condizentes com suas histórias de vida e seus planos para o futuro, muitas vezes não tão conscientes. Algumas mapeiam os campos de possibilidades, escolhendo aqueles que mais podem lhe proporcionar o suprimento das suas necessidades ou desejos, jogando com as estruturas de poder e as normas de gênero existentes.

Existem diversas estratégias de vida que as mulheres elaboram para alcançar seus objetivos e/ou melhorar de vida. As mulheres que se relacionam com estrangeiros, recebendo ajudas financeiras e também pensão de filhos desses relacionamentos, onde amor e interesse estão imbricados, algumas conseguindo migrar para o exterior através de casamentos. Os relacionamentos familiares também são parte importante da vida dessas mulheres, muitas vezes determinando a intensidade do envolvimento, tempo e objetivo no mercado do sexo, pois muitas ajudam suas famílias, desejam ter uma casa própria e/ou dar uma vida melhor para os seus filhos. As viagens para o exterior também são uma constante para algumas mulheres que frequentam ou frequentaram as

boates da beira-mar, algumas migram, outras vão para o exterior visitar namorados ou trabalhar do mercado do sexo por um período.

As relações entre turistas e mulheres locais nos permitem problematizar a visão simplista dos estudos sobre turismo sexual, que vinculam diretamente o envolvimento de turistas com nativas ou nativos à exploração sexual e a vitimização desses sujeitos, deixando de observar tanto os interesses e aspirações dos turistas ao procurar por sexo ou envolvimento amoroso no destino turístico, como também a agência de homens e mulheres nativos no relacionamento ou venda de serviços sexuais para turistas. Dando margem a voz e a experiência desses sujeitos nos estudos sobre prostituição e sexualidade, podemos ampliar o entendimento sobre os envolvimento sexuais e afetivos entre turistas e nativos(as), e também compreender as dinâmicas existentes entre sexo, turismo e migração.

Desta forma, também devemos ter cautela ao reduzir todo o tipo de deslocamento através das fronteiras para trabalhar no mercado do sexo como tráfico de pessoas. Através dos relatos das mulheres envolvidas no circuito do turismo internacional na cidade de Fortaleza e dos estudos já realizados, podemos perceber que elas desenvolvem estratégias para migrar ou viajar para o exterior, seja através de namorados estrangeiros ou redes de amizades, com objetivos os mais variados, não se envolvendo necessariamente com redes mafiosas.

Segundo Brennan (2010), existe uma variedade de experiências de trabalho no mercado do sexo, algumas benéficas e outras nem tanto. Mulheres entram no mercado do sexo por diversas razões e tem uma vasta experiência dentro dele. Essas diferenças são cruciais para entender a capacidade da mulher de escolha ou agência. Mesmo que existam estruturas que reforçam a desigualdade na vida das trabalhadoras do sexo, elas respondem criativamente a elas, tendo uma intencionalidade no uso pela mulher do comércio do sexo.

Em relação ao consentimento e a livre escolha dessas mulheres pelo mercado do sexo, nos coloca Jo Doezema (2005) que questões fundamentais sobre autonomia, o *self* e a natureza do desejo foram levantadas para qualquer tipo de contrato ou relação. Mas nos colocamos os seguintes questionamentos: Quando alguém é completamente autônomo? Quando a escolha é verdadeiramente livre? Podemos sempre dizer que agimos da nossa própria vontade? Esses questionamentos estão no coração do paradoxo liberal, mas somente no liberalismo, a questão do consentimento é visto como

base de ação legítima. No entanto, o próprio liberalismo não é capaz de responder a essas perguntas.

Desta forma, devemos reconhecer a natureza contingente e construída do consentimento (PENG, 2005). Os *sex radicals* tem enfatizado o caráter plural e difuso do poder, e a natureza fragmentada do sujeito, criticando a autoridade das grandes teorias que se baseiam em estruturas totalizantes, tais como o capitalismo e o patriarcado. Trazem uma concepção foucaultiana do poder, que é disciplinar mais do que repressivo, e o sujeito como constituído mais do que alvo do poder (SUTHERLAND, 2004).

Desejamos ter contribuído com os estudos de gênero, prostituição e sexualidade, problematizando as relações de poder existentes no mercado do sexo, onde a balança entre formas de dominação e formas de agenciamento são complexas e onde mulheres elaboram táticas do sexo e as suas estratégias de vida. Ressaltamos a importância de se ouvir as vozes das mulheres que são vitimizadas pela sociedade e por alguns segmentos feministas, pois negando-lhes o direito de autonomia e de falar por si mesmas, perdermos a riqueza e a complexidade das relações de poder e de gênero existentes na vida dessas mulheres.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio (2005). *O que é um dispositivo?* Trad. Nilcéia Valdati. Revista Outra Travessia, Ilha de Santa Catarina, 2.º semestre de 2005.

AGUSTIN, Laura (2005). *La industria del sexo, los migrantes y la familia europea*. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp.107-128.

ANJOS JUNIOR, Carlos S. V. dos. *A serpente domada: um estudo sobre a prostituição de baixo meretrício*. Fortaleza: Edições UFC, 1983.

AQUINO, Jania Perla D. (2011). *O legal e o ilegal nas redes cosmopolitas da Praia de Iracema*. Trabalho apresentado XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro, UFBA, 7 a 10 de agosto de 2011, Salvador/BA.

BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática, 1992. (Ensaio).

BARRY, Kathleen (1995). *The prostitution of sexuality*. New York: New York University Press.

BENHABIB, Seyla; BUTLER, Judith [et al.]. (1995). *Feminist contentions: a philosophical exchange*. New York: Routledge.

BERNSTEIN, Elizabeth (2008). *O significado da compra: desejo, demanda e o comércio do sexo*. Cadernos Pagu (31), julho-dezembro de 2008, pp.315-362.

BEZERRA, Danieli Machado (2009). *Prostitutas entendidas: o que entender?* Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

BEZERRA, Roselane Gomes (2008). *O Bairro Praia de Iracema entre o “adeus” e a “boémia”*: usos, apropriações e representações de um espaço urbano. Artigo publicado no VI Congresso Português de Sociologia. Universidade Nova de Lisboa. 25 a 28 de junho de 2008.

BLANCHETTE, Thaddeus G.; SILVA, Ana Paula (2005). *“Nossa Senhora da Help”*: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp.249-280.

_____ (2011). *“Fariseus” e “gringos bons”*: masculinidade e turismo sexual em Copacabana. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia; OLIVAR, José (org.). *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, SP : UNICAMP/PAGU. (Coleção Encontros)

BRASIL. Secretaria Nacional de Justiça. *Relatório: indícios de tráfico de pessoas no universo de deportadas e Não admitidas que regressam ao Brasil via o aeroporto de Guarulhos /Secretaria Nacional de Justiça*. Brasília : Ministério da Justiça, 2006.

BRASIL. Secretaria Nacional de Justiça. *Tráfico internacional de pessoas e tráfico de migrantes entre deportados(as) e não admitidos(as) que regressam ao Brasil via o aeroporto internacional de São Paulo*. Brasília: Ministério da Justiça, 2007.

BRASIL. *Política Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas*. Brasília: Ministério da Justiça, 2007.

BRENNAN, Denise (2010). Sex tourism and sex workers' aspirations. In: WEITZER, Ronald (ed.). *Sex for sale: prostitution, pornography and the sex industry*. 2nd ed. New York and London: Routledge.

BRISON, Susan J. (1997). Outliving oneself: trauma, memory, and personal identity. In: MEYERS, Diana Tietjens (org.). *Feminists rethink the self*. Westview press.

BORDO, Susan R. (1997). O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan R. (orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

BOUERI, Rodrigo Miguel (2004). *Turismo e exploração sexual infanto-juvenil: Fortaleza – CE (Brasil)*. Monografia. Instituto de Ensino Superior de Brasília – IESB.

BUTLER, Judith; BENHABIB, Seyla [et al.]. (1995). *Feminist contentions: a philosophical exchange*. New York: Routledge.

BUTLER, Judith (2000). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica.

_____ (2002). *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paidós.

_____ (2006). *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*. Buenos Aires: Paidós.

_____ (2008). Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel C. Friche (org.). *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

_____ (2009). *Dar cuenta de sí mismo: violencia ética y responsabilidad*. Buenos Aires: Amorrortu.

_____ (2010). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CABEZAS, Amalia (1999). Women's work is never done: sex tourism in Sosúa, the Dominican Republic. In: KEMPADOO, Kamala (ed.). *Sun, sex, and gold: tourism and sex work in the Caribbean*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield.

CAMARA MUNICIPAL DE FORTALEZA. *Comissão parlamentar de Inquérito que investiga a prática de Turismo sexual em Fortaleza*. Relatório Final. Ceará, 2002.

CASTILHO, Ela Wiecko V. (2008). *A criminalização do tráfico de mulheres: proteção das mulheres ou reforço da violência de gênero?* Cadernos Pagu, vol. 31, julho-dezembro de 2008, pp.101-123.

CAVALCANTE, Adriana Costa (2011). *As Iracemas e os príncipes do além-mar: políticas públicas e a exploração do turismo sexual no Ceará*. Dissertação (mestrado). Universidade de Fortaleza (Unifor).

CHAPKIS, Wendy (1997). *Live sex acts: women performing erotic labor*. Londres, Casell.

CEARA (2009). *Estudos Turísticos da SETUR: Evolução do Turismo no Ceará nº 17, 4ª Edição*. Secretaria Estadual do Turismo. Fortaleza: SETUR (CE), 2009.

CEARA (2010). *Perfil Básico Municipal Fortaleza*. IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará), 2010.

CENTRO DE REFERÊNCIA, ESTUDOS E AÇÕES SOBRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES – CECRIA (1999). *A exploração sexual comercial de meninos, meninas e adolescentes na américa latina e caribe*. Relatório Final. CECRIA, Brasília, 1999.

COLARES, Maria Carmelita S. (2006). *Poder, dominação e violência: um “olhar” sobre a exploração sexual comercial de adolescentes*. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual do Ceará (UECE).

COSTA, Andreia da Silva (2008). *O tráfico de mulheres: o caso do tráfico interno de mulheres para fins de exploração sexual do Estado do Ceará*. Dissertação (mestrado). Universidade de Fortaleza (Unifor).

COSTA, Nhandejajara de Carvalho (2005). *O lado duro da vida fácil: a exploração sexual de meninas adolescentes na periferia de Fortaleza/CE e o resgate da cidadania*. Dissertação (mestrado). Universidade de Fortaleza (Unifor).

DOEZEMA, Jo (2005). Now you see her, now you don't: Sex Workers at the UN Trafficking Protocol Negotiation. *Social Legal Studies*, vol.14, pp. 61-89.

FACCHINI, Regina (2008). *Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Tese defendida em 2008 na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

FERREIRA, Daniel Rogers S.; PAIVA, Antonio Cristian (2011). *Gênero e masculinidades: particularidades da prostituição viril*. Trabalho apresentado no XXVIII Congresso Internacional da ALAS, 6 a 11 de Setembro de 2011, UFPE, Recife/PE.

FINE, Michele (1998). Working the hyphens: reinventing self and other in qualitative research. In: DENZIM, Norman & LINCOLN, Yvonna (org.). *The landscape of qualitative research: theories and issues*. SAGE Publications.

FONSECA, Claudia (1996). *A dupla carreira da mulher prostituta*. Revista Estudos Feministas, v. 1, pp.7-33.

FONTANA, Andrea; FREY, James (2003). The interview: from structured question to negotiated text. In: DENZIM, Norman & LINCOLN, Yvonna (org.). *Methods of collecting and analyzing empirical materials*. SAGE Publications.

FOUCAULT, Michel (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____ (1988). *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____ (1995). O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____ (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.

- FREITAS, Renan S. (1985). *Bordel, bordéis: negociando identidades*. Petrópolis: Vozes.
- FRIEDMAN, Marilyn (1997). Autonomy and social relationships: rethinking the feminist critique. In: MEYERS, Diana Tietjens (org.) (1997). *Feminists rethink the self*. Westview press.
- FRY, Peter (1982). *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GASPAR, Maria Dulce (1988). *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- GONÇALVES, Luiziana da Silva (2008). *Avaliação da Política Pública da Secretaria de Turismo de Fortaleza no Enfrentamento a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Ceará (UFC).
- GONDIM, Linda (1998). “Prostiturismo” feminino em Fortaleza: um encontro de Cupido com Mercúrio?, In: BENEVIDES, Ireleno Porto. Turismo e PRODETUR: Dimensões e olhares em parceria. Fortaleza: EUFC, 1998.
- GREGORI, Maria Filomena (2003). *Relações de violência e erotismo*. Cadernos Pagu, vol.20, 2003, pp. 87-120.
- GRUNVALD, Vitor (2009). Butler, a abjeção e seu esgotamento. In: DIAS-BENITEZ, Maria E.; FIGARI, Carlos E. (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamound (coleção Sexualidade, gênero e sociedade).
- HARDING, Sandra (1993). *Ciencia y feminismo*. 5 ed. Ediciones Morata, Madrid.
- JEFFREYS, Sheila (1997) *The Idea of Prostitution*. Melbourne: Spinifex.
- JULIANO, Dolores (2005). *El trabajo sexual en la mira: polémicas y estereótipos*. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp.79-106.
- KEMPADOO, Kamala (1997). *Reconceptualizing prostitution*. Edited version of a paper presented at the 22nd Annual Conference of the Caribbean Studies Association, Baranquilla, Colombia, May 26-30, 1997.
- _____; DOEZEMA, Jo (eds) (1998) *Global Sex Workers: Rights, Resistance, and Redefinition*. New York: Routledge.
- _____ (1999). *Slavery or work? Reconceptualizing third world prostitution*. Positions, vol.7, pp. 225-237.
- _____ (2004). *Sexing the Caribbean: gender, race and sexual labor*. New York: Routledge.
- _____ (2005). *Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres*. Cadernos Pagu (25), julho-dezembro de 2005, pp.55-78.
- LACOMBE, Andrea (2009). “Tu é ruim de transa!” ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro. In: DIAZ-BENITEZ, Maria Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (org.). *Prazeres Dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond. (Coleção sexualidade, gênero e sociedade)

- LE BRETON, David (2010). *A sociologia do corpo*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LEITE, Gabriela (2009). *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- LLOYD, Moya (2005). *Beyond identity politics: feminism, power & politics*. Sage publications.
- LEHMAN-KARPZOV, Ana Rosa (1994). *Turismo e Identidade: construção de identidades sociais no contexto de turismo sexual entre alemães-brasileiras*. Recife, Mestrado em Antropologia, UFPE.
- MACENA, Raimunda H. M. (2009). *Profissionais do sexo feminino em três áreas no Ceará: fatores que ampliam a vulnerabilidade para DST/Aids*. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará – UFC.
- MACKINNON, Catharine A. (1989). *Toward a Feminist Theory of the State*. Cambridge: Harvard University Press.
- MAYORGA, Claudia (2011). *Cruzando fronteiras. Prostituição e imigração*. Cadernos Pagu, vol.37, julho-dezembro de 2011, pp.323-355.
- NOGUEIRA, Francisco Jander de Sousa; LEON, Adriano Gomes de (2012). “*Trabalhadas no feminino*”: um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza-CE. Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad, n.8, Ano 4, abril-julio de 2012, Argentina.
- O’CONNELL DAVIDSON, Julia (2002). *The rights and wrongs of prostitution*. Hypatia vol. 17, no. 2, Spring 2002, pp. 84-98.
- _____ (2008). *If no means no, does yes mean yes? Consenting to research intimacies*. History of the Human Sciences Vol. 21 No. 4, pp. 49-67. SAGE Publications.
- OLIVAR, José M. Nieto (2008). *A angústia dos corpos indóceis: prostituição e conflito armado na Colômbia contemporânea*. Cadernos Pagu, vol. 31, julho-dezembro de 2008, pp.365-397.
- _____ (2011). *Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina*. RBCS Vol.26 n.º 75 fevereiro/2011.
- PASINI, Elisiane (2000). *Limites simbólicos corporais na prostituição feminina*. Cadernos Pagu, vol. 14, pp.181-200.
- _____ (2005). *Prostituição e a liberdade do corpo*. CLAM – AMB - 15.04.05. Disponível em: <http://www.clam.org.br/pdf/Elisiane.pdf>
- PATEMAN, Carole (1983). *Defending Prostitution: Charges Against Ericsson*. Ethics, Vol. 93, No. 3, Apr., 1983, pp. 561-565.
- PENG, Yenwen (2005). “Of course they claim they were coerced”: On voluntary prostitution, contingent consent and the modified whore stigma. *Journal of International Women’s Studies*, vol.7, pp. 17-35.

PINHEIRO, Ana Karina B.; MOURA, Ana Debora A.; BARROSO, Maria Grasiela T. (2009). *Realidade vivenciada e atividades educativas com prostitutas*: subsídios para a prática de enfermagem. *Rev Enferm* 2009 jul-set; 13 (3): 602-08.

PISCITELLI, Adriana G. (2000). *Gênero e racialização no contexto de relações transnacionais*: comentários a partir de uma leitura das relações presentes no turismo sexual em Fortaleza (Ceará, Brasil). Simpósio internacional: o desafio da diferença, articulando gênero, raça e classe, vol. 1, Salvador, BA, Brasil.

_____ (2001). *"Gringos" nos trópicos*: gênero e nacionalidade no marco do turismo sexual em Fortaleza. In: Mary Garcia Castro.(Org.). *Migrações Internacionais, contribuições para políticas*. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, v. 1, p. 589-613.

_____ (2004). *On gringos and natives, gender and sexuality in the context of international sex tourism*. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, 1.

_____ (2005a). *Viagens e sexo on-line*: a internet na geografia do turismo sexual. *Cadernos Pagu*, v. 25, julho-dezembro de 2005.

_____ (2005b). *El tráfico del deseo*: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil. *Quaderns de l'Institut Catalé d'Antropologia*, BARCELONA, v. 2004/b, p. 01-15, 2005.

_____ (2005c). *Gênero no mercado do sexo (apresentação)*. *Cadernos Pagu*, v.25, julho-dezembro de 2005.

_____ (2006a). Estigma e trabalho sexual: comentários a partir de leituras sobre turismo sexual. In: Cáceres, Carlos; Careaga, Gloria, Frasca Tim; Pecheny, Mario. (Org.). *Sexualidad, estima y derechos humanos*: desafíos para el acceso a la salud en América Latina. Lima: FASPA/UPCH, p. 223-251.

_____ (2006b) *Antropologia, direitos humanos e o debate sobre tráfico de pessoas com fins de exploração sexual*. In: 25ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Goiânia, 2006. *Anais da 25ª Reunião da ABA*, CD, Florianópolis, v. 1, 2006.

_____ (2006c). *Transnational sex travels*: negotiating identities in a Brazilian “tropical paradise”. In: *Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation in Latin America*, Un Massachussets, AMHERST.

_____ (2007). *Sexo tropical em um país europeu*: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007.

_____ (2008). *Entre as “máfias” e a “ajuda”*: a construção de conhecimento sobre tráfico de pessoas. *Cadernos Pagu*, v.31, julho-dezembro de 2008, pp.29-63.

_____ (2009). *As fronteiras da transgressão*: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n.1, 2009, pp.177-201.

_____ (2010). *Geografia política do afeto: interesse, “amor” e migração*. Atas do 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, 25, 26 e 27 de novembro de 2010, Barcelona, Espanha.

_____ (2011a). *Intercambios económicos, sexuales y afectivos transnacionales: brasileñas em los mercados globales del sexo*. IV Congreso de la Red Internacional de Migración y Desarrollo. Crisis global y estragias migratórias: hacia la redefinición de las políticas de movilidad, vol. 1, pp.1-35, Quito, EQUADOR.

_____ (2011b). *Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais*. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia; OLIVAR, José (org.). *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, SP : UNICAMP/PAGU. (Coleção Encontros)

_____ (2012). *Exploração sexual, trabalho sexual: noções e limites*. Paper apresentado no seminário: Corpos, sexualidades e feminilidades UERJ, setembro de 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. *Pesquisa sobre a exploração infanto-juvenil no turismo de Fortaleza*. Relatório Final. Fortaleza, 2008.

RAGO, Margareth (1991). *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (2005). *Amores lícitos e ilícitos na modernidade paulistana ou no bordel de Madame Pommery*. Teoria e Pesquisa 47, jul/dez de 2005.

RIBEIRO, Fernando B.; SA, José Manuel O. (2004). *Interrogando a prostituição: uma crítica radical aos discursos hegemônicos*. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia. 12 a 15 de Maio de 2004, Lisboa.

RITTINER, Maria Eduarda N. (2010). *A experiência dos casamentos interculturais: as mulheres culturalmente transplantadas*. Atas do 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, 25, 26 e 27 de novembro de 2010, Barcelona, Espanha.

SANDERS, Teela (2004). *Sex Work: a risky business*. Cullompton, Devon: Willan Publishing.

SANDY, Larissa (2007). *Just choices: representations of choice and coercion in sex work in Cambodia*. The Australian Journal of the Anthropology, 18:2, pp.194-206.

SANTOS, Maria Lourdes (2009). *O michê no palco sem holofotes*. Trabalho apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Sociologia, 28 a 31 de julho de 2009. Rio de Janeiro, RJ.

SCOTT, Parry (2007). *A família espanhola e a receptividade a migrantes brasileiros*. Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Migrações, NEPO, 15 a 17 de outubro, Campinas, SP.

_____ (2010) *Gerações e famílias: Polissemia, mudanças históricas e mobilidade*. Revista Sociedade e Estado, Vol. 25, N. 2, Maio - Agosto de 2010.

_____ (2011a). Families, Nations and Generations in Women's International Migration. In: *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, v. 8, n.2. July to December 2011. Brasília, ABA. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/issues/v8n2/parry-scott-families-nations-and-generations-in-womens-international-migration/>

_____ (2011b) *Famílias brasileiras : poderes, desigualdades e solidariedades*. Recife : Ed. Universitária da UFPE. (Série Família e Gênero, n.14)

SILVA, Helio R. S. (2007). *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco.

_____ (2010). Prefácio. In: SIMOES, Soraya Oliveira (2010). *Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Niterói: EdUFF.

SILVA, Luis Arthur da Costa (2011). *Turismo sexual e prostituição: uma reflexão sobre o uso das Políticas de Comunicação sob a ótica da mulher prostituta*. Monografia (graduação). Universidade Federal do Ceará (UFC).

SIMOES, Soraya Oliveira (2010). *Vila Mimosa: etnografia da cidade cenográfica da prostituição carioca*. Niterói: EdUFF.

SOUSA, Francisca Inar de (2000). *O cliente: o outro lado da prostituição*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto. São Paulo: Annablume.

SULLIVAN, Barbara (s.d.). *Rethinking prostitution and "consent"*. University of Queensland.

SUTHERLAND, Kate (2004). *Work, sex and sex-work: competing feminist discourses on the international sex trade*. Osgoode Hall Law Journal, vol.42, n1.

TERRAGNI, Laura (2005). A pesquisa de gênero. In: MELLUCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultural*. Petrópolis: Vozes.

TRUJILLO, María Elena G; DURO, Carlos N. Mora (2011). *Como quieras quiero y como te acomodes puedo. Las trabajadoras de table dance en Guadalajara México*. Trabalho apresentando no XVIII Congreso Internacional de ALAS, 6 a 11 de Septiembre de 2011, UFPE, Recife – PE.

VALE, Alexandre Fleming Câmara (2005). *O vôo da beleza: travestilidade e devir minoritário*. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará.

WEITZER, Ronald (ed.)(2010). *Sex for sale: prostitution, pornography and the sex industry*. 2nd ed. New York and London: Routledge.